Psicologia
e
Mediunidade

Adenáuer Novaes

Psicologia
e
mediunidade

FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ/MF 00.405.171/0001-09
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2002

A mediunidade, antes de ser uma faculdade espírita, é um fenômeno do inconsciente perispiritual, cuja estruturação se deu nos primórdios da evolução anímica, quando da passagem do animal ao humano.

"O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam." Allan Kardec.

"O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia." Allan Kardec.

Aos médiuns incompreendidos e incompreensíveis a si próprios.

Índice

Psicologia e mediunidade

Este livro foi escrito no solo de seis países quando em viagem proferindo palestras e, noutra oportunidade, em férias com familiares. Escrevi no Brasil, em Portugal, na Espanha, na França, na Suíça e nos Estados Unidos. Nessas viagens, as idéias iam e vinham como se fossem folhas ao vento que tocavam suavemente a terra para reiniciarem um novo ciclo. Em cada cidade por onde passei, escrevi um pouco sem a preocupação de formar capítulos. Ora iniciava um capítulo, ora complementava outro. Às vezes, as idéias desapareciam de minha mente para reaparecerem dias depois sem que tivesse a preocupação e o controle sobre elas. Assim se sucede sempre que escrevo. Sinto como se as idéias estivessem disponíveis à espera de minha boa vontade em captá-las. Creio que os espíritos desencarnados que porventura me inspiraram, tiveram que ter a paciência de me acompanhar e de esperar minhas ocupações e meu lazer para se incumbirem de suas tarefas junto a mim. Devem ter tido muito trabalho, mas assim é com a vida, pois em tudo deve existir paciência de parte a parte.

Este não é um manual sobre mediunidade, pois que Allan Kardec já o escreveu com o nome de *O Livro dos Médiuns*, o qual aconselho o leitor estudar para melhor compreensão do tema.

Este livro contém apenas algumas idéias e suposições, sen-

do um simples ensaio sobre a fronteira entre o que é psicológico e o que é mediúnico. Não tive a pretensão de me aprofundar nos temas naturalmente relacionados com a prática mediúnica, nem tampouco trazer verdades novas. Caso alguma afirmação aqui contradiga o que se encontra na obra de Allan Kardec, deve o leitor ficar com ele e suas judiciosas observações, entendendo que meu equívoco se deve à dificuldade em me fazer entender.

Este trabalho, como disse, também não é um estudo aprofundado da mediunidade nem pretende substituir os compêndios existentes sobre o assunto. Trata-se de escritos a partir de algumas leituras do autor e de suas observações clínicas.

Gostaria que o leitor tomasse para si o que aqui escrevo a fim de que possa entrar em contato com sua própria mediunidade, colocando-a a serviço de seu crescimento pessoal. Quando assim fizer estará dando um importante passo em sua evolução e para sua felicidade.

Não há quem, em tendo contato com relatos sobre fenômenos mediúnicos, não tenha se perguntado se é ou não médium ou capaz de realizar aqueles fenômenos. Da mesma maneira, aqueles que, constatando sua mediunidade, não tenham se perguntado se o que a produz vem ou não de si mesmo, e não de algum espírito desencarnado. Para ambas as perguntas, a resposta é a mesma: sim e não. Ninguém é capaz sozinho de realizar um fenômeno mediúnico sem o concurso de algum espírito como também toda produção mediúnica contém elementos de quem se coloca como intermediário.

O fenômeno mediúnico é espiritual e psicológico ao mesmo tempo, pois ele se processa por via do inconsciente humano, o qual se localiza no perispírito. O conhecimento da *psiquê* humana é fundamental para a compreensão de como se processa uma comunicação mediúnica. Quanto mais se estudar o psiquismo humano mais próximo se chegará do espiritual.

A Psicologia, quando despreza as possibilidades de influências espirituais na vida do ser humano, deixa de compreendê-

lo adequadamente e assim não consegue criar uma psicoterapia eficaz. Porém, está próximo o dia em que a ciência psicológica utilizar-se-á dos postulados espíritas em suas teses. Não há saída à Psicologia senão admitir o Espírito[1] . Se tal não ocorrer, terá de mudar de nome para *Comportamentologia*. Da mesma, o Espiritismo terá de se aprofundar cada vez mais no estudo da *psiquê* do ser humano encarnado, a fim de fazê-lo melhor entender o fenômeno mediúnico.

Um dos objetivos neste trabalho é estreitar a relação entre o Espiritismo e a Psicologia trazendo questões fronteiriças para subsidiar um estudo mais detalhado ao leitor mais exigente. É um pequeno ensaio, como disse antes, sobre a interface entre o psicológico e o espiritual, no qual busco analisar as possíveis interferências entre o psiquismo de um desencarnado e de um encarnado. Busco provocar idéias que falem sobre as implicações na mente encarnada e na vida dos médiuns, da atuação da faculdade mediúnica que todo ser humano possui.

O litígio existente entre Psicologia e Espiritismo é aparente. São conhecimentos para a evolução humana que não estão em confronto nem se contrariam. A Psicologia ainda incorporará em seu campo aquilo que o Espiritismo vem afirmando ou então terá que surgir um novo saber humano que unirá o psíquico ao espiritual. O Espiritismo, por sua vez, quando se propõe a educar o ser humano quanto à imortalidade da alma, não necessita do que hoje a Psicologia alcançou, mas se acaso quiser, e creio que sim, também contribuir para o processo de auto-transformação do indivíduo, terá que adotar algumas propostas da maioria das escolas psicológicas.

Peço ao leitor que faça o teste proposto no corpo deste livro a fim de melhor se familiarizar com seu conteúdo e também perceber como se encontra sua sensibilidade mediúnica. É um

[1] Chamo de Espírito a essência espiritual, princípio inteligente, independente do perispírito e do corpo físico. Chamo de espírito a personalidade, constituída de Espírito e perispírito, encarnada ou desencarnada.

simples teste que não tem a pretensão de ser infalível, mas que certamente o levará a cuidar melhor de sua mediunidade. Após ter respondido às questões, caso você tenha dúvidas, aplique-as em outra pessoa e compare os resultados. Você constatará que a mediunidade é universal e que todos nós deveríamos prestar mais atenção a ela. Independente do resultado a que o teste chegue, procure esclarecimentos sobre mediunidade em *O Livro dos Médiuns*.

Um outro objetivo deste modesto trabalho é a tentativa de popularização da mediunidade como faculdade natural no ser humano, bem como mostrar os inconvenientes que decorrem de sua não percepção.

Desculpe-me o leitor se vier a parecer que quero por demais psicologizar a mediunidade ou torná-la produto exclusivo do inconsciente. Quero apenas torná-la acessível ao humano para que ele cada vez mais se espiritualize.

Salvador
Outubro de 2002

A subjetividade do mediúnico

O mediúnico é subjetivo por natureza, pois ocorre pelo inconsciente humano. Não pertence à consciência muito embora deva tornar-se consciente para o crescimento humano. Sua objetividade deverá ser colocada a serviço do ser humano em sua busca pela felicidade.

Por mais que sejamos preconceituosos com a mediunidade, considerando-a produto religioso ou fruto de crendice popular, ela interfere intensamente no estado psíquico e emocional do ser humano. Não é ela uma faculdade extra-humana nem tampouco adquirida exclusivamente no exercício de práticas transcendentes e místicas, pois sua aquisição é fruto do desenvolvimento da consciência nos milênios de evolução da espécie. Ela se estruturou no ser humano a partir de seu contato com a morte como fenômeno não controlável e catalisador de acesso ao inconsciente, tanto para aquele que desencarna como também para os seus, que ficaram.

A mediunidade é uma aquisição evolutiva do espírito em face de seu refinamento, possibilitando-o perceber uma dimensão energética acima da vibração típica do corpo físico.

Ela permite uma comunicação entre seres através do perispírito em freqüências que superam aquela que ocorre com os sentidos físicos e por meio dos centros cerebrais. Sua percepção pelo ser humano foi possível graças à evolução de seu apare-

lho cerebral, pois quando este se mostrou maduro e com o córtex desenvolvido, a faculdade tornou-se perceptível.

Seu alcance é maior do que aquele que usualmente se observa na prática da desobsessão. Como se trata de algo adquirido pela evolução do espírito em benefício de seu próprio progresso e felicidade, sua utilidade transcende o auxílio espiritual a desencarnados.

Como tudo o que é adquirido pelo espírito em evolução, sua estruturação se localiza no perispírito, instrumento com o qual o Espírito se comunica com o mundo. As faculdades humanas foram adquiridas e desenvolvidas no contato do Espírito com a matéria, cujo produto resultante, de um lado, foi a constituição do perispírito, e, do outro, a absorção pelo primeiro do conhecimento das leis de Deus.

Os estudos de Allan Kardec, principalmente aqueles constantes em *O Livro dos Médiuns*, proporcionaram um olhar mais objetivo e crítico sobre a mediunidade, tornando-a perceptível aos meios intelectuais. Isso, por si só, não a tornou popular ou esgotou seu estudo e sua compreensão. Estudos mais aprofundados, bem como sua constante utilização, a tornarão um importante meio de comunicação do ser humano.

A mediunidade é faculdade humana e deve ser utilizada para a felicidade do ser encarnado ou do desencarnado. Seu não uso promove atrofia e limitações evolutivas. Quando digo uso, não me refiro àquele decorrente da prática espírita, de utilidade óbvia, mas à ampla aplicação na Vida em geral, principalmente nas ricas relações humanas.

Sua não utilização pode ser comparada à atrofia decorrente do não uso das asas, que fez surgir espécies de aves de vôo baixo e limitado, como os pavões, incomparavelmente belos, mas cujos apêndices lhes servem mais como enfeites.

As práticas místicas e ritualísticas de povos primitivos, nas quais o fenômeno mediúnico era referenciado, revelam a força psíquica da mediunidade que atravessa os séculos com a mesma

atratividade. Os metapsiquistas e parapsicólogos do passado se ocuparam, e se ocupam, em demonstrar a veracidade do fenômeno mediúnico enquanto que os espíritas de hoje lhe mostram o alcance, a serviço do bem estar dos médiuns e na prática da caridade aos desencarnados. Ir além disso, que é necessário, é disseminar o uso da mediunidade na vida prática do ser humano sem torná-la instrumento de degradação dos valores morais já conquistados.

O ser humano jamais poderá viver sem esta excelente faculdade, inerente à sua atual condição: estar conectado à matéria pelo perispírito. Sua utilização representa um degrau acima na evolução espiritual e é fundamental para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Sem seu uso não se avançará muito na evolução; por outro lado, o uso que fará dessa faculdade permitirá que avance na escala evolutiva, desatrelando-se de forma transcendente da matéria bruta, da mesma forma que outrora o réptil alçou vôo na condição de ave portadora de asas para gozar de sua natural liberdade.

As polaridades da evolução (material e intelectual) são extremos que revelam, entre si, um espectro muito largo de possibilidades evolutivas. Entre elas (as polaridades) existem processos a se desenvolverem para que se alcancem níveis evolutivos superiores. Um deles é o desenvolvimento e uso da mediunidade.

O exercício da mediunidade não é um ato que pertence ao espírito desencarnado. A mediunidade pertence ao médium que, embora não seja autor do fenômeno que porventura se produza, pode, às vezes, sob certas condições, provocá-lo. A educação da faculdade é responsabilidade do médium que deve colocá-la a serviço de situações que transcendem a da ajuda a desencarnados necessitados de esclarecimentos. A mediunidade é mais do que uma faculdade para a desobsessão de espíritos. É uma janela do Espírito para as dimensões existenciais do universo.

A consciência, por parte do médium, de que é portador da faculdade mediúnica contribui para seu desenvolvimento em face

da permanente ligação que ela favorece com o espiritual. É essa consciência que o fará educá-la a serviço de sua realização pessoal.

Por enquanto usamos a mediunidade como instrumento para obtenção de algum favor proveniente das forças espirituais. Ainda a usamos numa relação de troca. Queremos com ela obter alguma vantagem sobre algo com o qual não sabemos lidar objetivamente.

Muitas vezes estabelecemos uma relação com os espíritos como o fazemos com Deus. Atribuímos a eles um certo poder divinatório de tudo fazer em nosso favor. Nem sempre o conseguem. Bom quando o fazem. Porém, independente do resultado do pedido, isso demonstra que os colocamos num certo lugar de detentores do poder e a nós de eternos pedintes. Eles são pessoas. Nada mais do que isso. A cultura mítica de reverenciar os espíritos favorece uma relação subserviente e desigual, depreciando a mediunidade.

Se de um lado malbaratamos a mediunidade, estimulando seu uso exclusivamente na esfera institucional, do outro, em face de ser a mente humana por demais complexa, a psicologia vem negando com veemência a possibilidade das comunicações mediúnicas. Porém, quanto mais o conhecimento avança, mais se desprende o véu da ignorância quanto aos intrincados processos psíquicos. É no estudo do inconsciente e das capacidades intelectivas humanas que se descobrirá a existência do perispírito, sede dos processos psicológicos e mediúnicos do ser humano. Isolar o mediúnico do anímico-psicológico, por enquanto, é como querer separar a água do vinho. Eles estão intimamente ligados numa feliz interdependência.

A mediunidade é uma faculdade tão subjetiva que não nos damos conta da gama de fenômenos que só ocorrem por conta de sua existência. Por exemplo, as ligações amorosas entre os espíritos encarnados e desencarnados, também ocorrem pelas vias da mediunidade sem que, na maioria dos casos, eles se dêem

conta. Da mesma forma, as transmissões de saber e de sentimentos ocorrem pela faculdade mediúnica que as criaturas possuem.

Será sempre um desafio ao ser humano transcender sua materialidade. Por muito tempo buscará em seu corpo e de acordo com paradigmas enraizados nas estruturas cerebrais explicações para o psiquismo humano. A linha divisória entre o que é material e o que é espiritual inexiste. Mesmo aqueles que se encontram desligados do corpo físico têm dificuldade em estabelecer a diferença entre uma dimensão e outra.

Definição de Mediunidade

Não é fácil encontrar-se uma definição precisa de mediunidade. Suas correlações e enraizamentos com a estrutura cerebral, com o perispírito e com a própria natureza íntima do Espírito é muito intensa e por demais complexa. Prefiro aqui defini-la de várias formas a fim de melhor expor seu conceito e com o intuito de ampliar sua compreensão. O leitor verá que as definições serão incompletas e que melhor seria reuni-las numa só. Não o faço por conta da natureza tríplice da mediunidade. Tal qual a luz, que pode ser definida como onda e como partícula, a mediunidade pode ser definida como faculdade orgânica, psicológica e espiritual simultaneamente.

É uma faculdade do Espírito que o permite comunicar-se com outros que estejam em freqüência vibratória diferente. Por extensão, permite que o Espírito que esteja encarnado se comunique com outros sem o uso dos sentidos físicos sensoriais, numa alta freqüência, acima da que o cérebro capta ou emite da realidade. Ela só é explicável graças à existência do perispírito, que possui propriedades que capacitam o cérebro a conectar-se numa faixa freqüencial acima de seu nível.

Pode-se admitir que haja um sistema mediúnico composto das estruturas cerebrais e dos elementos perispirituais, os quais possibilitam que uma conexão interdimensional se estabeleça. É uma faculdade que contém um componente na estrutura cerebral e outro na perispiritual.

O uso que o indivíduo faz dessa faculdade estimula seu desenvolvimento e aperfeiçoamento das conexões interdimensionais em diferentes níveis evolutivos. As percepções ficam cada vez mais nítidas, isto é, as conexões se tornam mais completas.

A mediunidade tende a se acentuar quando há uma certa disposição do indivíduo em que o fenômeno ocorra. Parece que o fato de se sentir capaz de produzi-lo, influencia na ocorrência do fenômeno, aumentando a parte anímica que ele sempre apresenta. A vontade e o desejo das mentes envolvidas favorecem a existência do fenômeno, mesmo quando ocorre à revelia de uma delas.

É uma faculdade que predispõe o indivíduo ao contato com outras pessoas que se encontrem em dimensões que ultrapassam o sistema tridimensional humano típico.

O contato constante do ser humano, desde os primórdios de sua evolução, com espíritos desencarnados promoveu alterações no campo cerebral permitindo o surgimento de circuitos neuronais capazes de captar pensamentos emitidos por campos tetradimensionais. Trata-se da formação de conexões de neurônios em rede, ainda não identificada, que possibilita tal tipo de comunicação. Isso é genético na espécie humana.

A mediunidade permite a existência do fenômeno da comunicação entre espíritos em níveis dimensionais diferentes. Dá-se uma conexão entre as mentes de duas pessoas. Essa conexão se dá por justaposição, não existindo contato físico, pois ocorre uma espécie de indução, à semelhança do que se dá com o surgimento da energia elétrica.

A mediunidade é uma faculdade humana e está relacionada a uma certa disposição cerebral específica, provavelmente tornada possível após a formação da camada cortical cerebral no humano.

É uma aquisição decorrente da evolução anímica e está umbilicalmente relacionada ao perispírito.

Mediunidade e alegria

Sinto falta da alegria e da espontaneidade no trato das pessoas com a mediunidade. Mediunidade diz respeito a espíritos e estes se relacionam com a morte, o que induz ao medo e à tristeza. Essa cadeia de palavras e sentimentos dificulta a relação da mediunidade com a alegria. É claro que estamos lidando com um assunto muito sério, porém falamos de algo que deve trazer felicidade e paz a quem dele se utiliza. Não precisamos ser carrancudos ou atormentados ao estudar ou exercitar a mediunidade. Ela é faculdade do Espírito e para o Espírito e visa, sobretudo, sua felicidade.

O contato com os espíritos, por mais desequilibrados que sejam ou mesmo doentes, deve ser num clima cordial, afetivo e espontâneo, pois tanto a doença quanto o desequilíbrio arrefecem-se em contato com a alegria. Um médico ou quem visite a um doente internado deve estabelecer uma conexão emocional que eleve seu estado de humor e de confiança. Do contrário, contribuirá para reduzir suas defesas imunológicas em face do ambiente pesaroso ou grave que se estabelecerá.

No trabalho de desobsessão, isto é, de contato com espíritos desencarnados em condição agressiva ou hostil, independente da atitude segura e do estado de oração, não se deve esquecer da alegria íntima, a qual passará para as pessoas e para o ambiente onde se encontram. Quando falo de alegria não me re-

firo a gargalhadas ou ao desrespeito às pessoas doentes, mas tranqüilidade e confiança para lidar com as experiências da vida. Tampouco a alegria se trata de brincadeira ou de futilidade, mas de um estado íntimo de equilíbrio e satisfação pessoal.

O estado de alegria íntima não prejudica a ocorrência do fenômeno mediúnico, tampouco influirá na qualidade das comunicações. A alegria no ser humano será sempre um catalisador dos estados de paz e equilíbrio que atrai os Bons Espíritos.

A vida nos convida à alegria a fim de superarmos vivências aversivas que se encontram no inconsciente, estruturadas nas diversas experiências reencarnatórias. A mediunidade está atrelada, provavelmente, a experiências que contêm medo, tensão, morte, poder, dentre outras. Para modificarmos tais emoções precisamos viver experiências de alegria com a mediunidade.

Os desconfortos provocados pela faculdade mediúnica são decorrentes da percepção exclusiva que se faz de alguns de seus efeitos. Na maioria das vezes a mediunidade provoca sensações desconhecidas e desagradáveis no ser humano e isso o leva a renegá-la em face dos desequilíbrios decorrentes.

Geralmente o desabrochar da mediunidade ostensiva se faz acompanhar de perturbações e sofrimentos para o indivíduo. Nem sempre é fácil atravessar esse período de dores e incertezas com alegria. Muitos distúrbios emocionais aparecem por conta das dificuldades em se lidar com a própria sanidade na fase em que a mediunidade desabrocha com muita intensidade. O preconceito contra o exercício da faculdade mediúnica também vem desses inconvenientes. A melhor maneira de atravessar essa fase é encarar um estudo sério a seu respeito junto a pessoas mais experientes.

O desabrochar da mediunidade ostensiva provoca esses inconvenientes porque o ser humano ainda vive uma espécie de infância em sua evolução, sendo a faculdade uma recente aquisição. Quando mais maduro verá o grande valor que ela tem como impulsionadora de seu desenvolvimento psíquico. Verá que seu uso trará mais ganhos que perdas.

Verifique se é hora de cuidar de sua mediunidade

Leia atentamente as perguntas abaixo e responda sim ou não. Elas podem apresentar indícios de incômodos com sua mediunidade. Não são patologias, mas sinais indicadores de que você deve se preocupar com sua mediunidade.

1. Alguma vez já lhe chegou às mãos um livro espírita para que lesse? Em caso negativo, procure conhecer sua mediunidade, ao menos teoricamente, lendo *O Livro dos Médiuns* assim como outras obras de Allan Kardec;

2. Suas conversas com os amigos sempre acabam por girar em torno do espiritual? Caso você tenha preconceito em relação a esse assunto verifique sua proximidade com o místico e o transcendente ou quão distanciado se encontra. Estar lendo este livro, por exemplo, é um dos indícios;

3. Tem lhe ocorrido sonhar com pessoas que já faleceram ou ter sonhos premonitórios? Verifique a quantidade e freqüência com que se lembra de seus sonhos, sobretudo aqueles nos quais aparecem pessoas que já morreram e passe a anotá-los;

4. Ultimamente você tem recorrido à religião ou a práticas místicas para solução de seus conflitos? Quando o fizer aproveite também para refletir sobre seus processos internos não resolvidos;

5. Você tem presenciado fenômenos espíritas ou ouvido relatos sobre eles que lhe despertaram a curiosidade? Caso negativo, passe a verificar a ocorrência de fenômenos em sua vida, para os quais você não encontre uma solução lógica e racional;

6. Já lhe ocorreram fenômenos de sincronicidade[2], os quais lhe têm causado surpresa? Em caso negativo, passe a observar a freqüência com que eles podem estar ocorrendo em sua vida e relacione-os com seu mundo interior;

7. As pessoas a sua volta costumam convidar-lhe a que busque sua espiritualidade? Caso não tenha acontecido, aproveite agora para atender ao apelo e entrar em contato com o sagrado em você. Não espere mais tempo, pois a vida nos convida de muitas maneiras quando estamos preparados;

8. Tem surgido, internamente em você, o desejo forte de se ligar a uma religião ou ao desenvolvimento de sua mediunidade? Não espere que o desejo surja; dedique-se desde já a seu desenvolvimento espiritual, a fim de não desencarnar sem iniciar o encontro com o divino;

9. Têm ocorrido alterações freqüentes na qualidade de seu sono? Verifique se você tem tido muita insônia ou pesadelos, pois esses são fortes indícios de influências espirituais. Em caso positivo, busque ajuda espiritual e psicológica. Em caso negativo, nada que se preocupar;

10. Você tem tido sensações de desmaio, falta de ar, medo sem causa aparente, taquicardia e sensação de presenças a sua volta? Caso esses sintomas ocorram simultaneamente, procure logo lidar com sua mediunidade, pois ela está relacionada a essas ocorrências.

Caso você tenha dito sim a pelo menos um terço das afirmações acima, é sinal de que sua mediunidade está precisando

---

[2] Principio da conexão acausal. Quando dois fenômenos, sendo um deles interno e o outro externo, se correlacionam sem que haja uma lógica explicação para tal, diz-se que se trata da sincronicidade. Por exemplo: pensar numa pessoa e em seguida observar alguns números do telefone dela na placa de um carro que vê passar na rua.

de que você a ela se dedique com seriedade. Vá em frente. Não perca mais tempo. Tenha certeza de que será muito importante para sua vida e para seu futuro espiritual.

Dedicar-se à mediunidade é estudá-la e exercitá-la visando sua própria felicidade, bem como fazer de seu uso um dos vetores da realização pessoal. Exercer a mediunidade apenas para ajudar o próximo pode ser equívoco, pois faltará o ajudar-se a si mesmo colocando-a a serviço do processo de desenvolvimento espiritual. Algumas pessoas passam a encarnação dedicando-se ao exercício da mediunidade a serviço do próximo, e chegando a certa idade perguntam-se para quê e qual o seu significado na própria realização pessoal.

O exercício da mediunidade não está dissociado do processo de realização pessoal, pois a vida exige que cada um, além de ajudar o próximo, observe a si mesmo e cuide de seu mundo íntimo.

Pequenos exercícios práticos

Exercitar a mediunidade é uma atividade que requer estudo em face da complexidade do assunto e dos inconvenientes que podem ocorrer. Ocupar-se com o fenômeno espiritual não é como lidar com o material, visto que o primeiro, ao contrário do segundo, ultrapassa os limites da mente consciente, penetrando o inconsciente de quem o exercita. Os exercícios aqui descritos não visam preparar a pessoa para o trabalho mediúnico nos moldes comuns de um Centro Espírita, mas apenas contribuir para a flexibilização psíquica de quem pretende lidar com os espíritos. A espera em oração numa reunião mediúnica, visando uma comunicação espiritual, não se constitui, propriamente, num exercício para o desenvolvimento da mediunidade, mas tão somente um estado pré-disponível à ocorrência de um contato mediúnico. Da mesma forma, a confiança, a segurança, a paciência, a tranqüilidade e a paz interior são condições desejáveis à mente de quem pretenda uma comunicação de ordem elevada. É sempre aconselhável que o exercício da mediunidade se faça acompanhar não só dessas condições psicológicas como também de estudo adequado das questões pertinentes ao assunto. Além dessa espera, do estudo e das condições íntimas apontadas, é necessário que se exercite a faculdade de forma direta e consciente. Por esse motivo, elaborei alguns exercícios preparatórios ao desenvolvimento da faculdade mediúnica em si, os quais não excluem o es-

tudo, a oração, bem como outros requisitos recomendados por Allan Kardec para o trato com os espíritos.

Os exercícios que relacionei não são suficientes a quem queira trabalhar mediunicamente, pois são apenas preparação psicológica para o inicio do desenvolvimento da faculdade. Àqueles que alcançarem êxitos nesses exercícios, aconselho a que procurem uma instituição espírita, se dediquem ao estudo e recebam orientação de pessoas mais experientes com a mediunidade.

Evite fazer estes exercícios indiscriminadamente. Escolha um deles por um período de tempo, só iniciando outro tipo após avaliar resultados anteriores.

1. Coloque-se disponível à captação de idéias novas, em mesmo dia e horário na semana, por uma hora. Escolha um local silencioso de sua casa no qual nada o incomode. Sentado à mesa, coloque algumas folhas de papel ofício e caneta à sua frente e, por aquele período de tempo, aguarde o impulso natural de escrever alguma idéia que não lhe seja habitual. Antes do início do exercício, faça uma oração, a fim de atrair os Bons Espíritos. Faça o exercício no mínimo durante dois meses e no máximo por quatro meses. Mostre a eventual produção a alguém que seja experiente com mediunidade. As eventuais manifestações que possam lhe deixar com receios ou ocorrências desagradáveis, que porventura aconteçam, devem ser levadas à mesma pessoa experiente, antes de se dar continuidade ao exercício.

2. Peça a um amigo que separe três objetos quaisquer sem que você saiba quais e coloque-os dentro de uma caixa de sapato, fechando-a e embrulhando-a com papel de presente. Em presença dele, e num local em que não haja interferência de terceiros, tente, apenas colocando uma de suas mãos em cima da caixa, perceber e descrever quais objetos se encontram em seu interior. Seu amigo anotará suas observações. Você deverá estar sentado, a caixa à sua frente em cima de uma mesa. Antes de colocar

a mão sobre a caixa você deverá fazer uma oração, a fim de atrair os Bons Espíritos. Peça a seu amigo que repita a experiência por dez vezes, com diferentes objetos e apresente os resultados no último dia. Leve os resultados a uma pessoa experiente em mediunidade.

3. Escolha um mesmo dia e horário da semana, durante pelo menos dois meses e no máximo por quatro meses, por uma hora, sozinho no quarto onde você dorme. Sente-se em sua cama, após uma oração a fim de atrair os Bons Espíritos, feche os olhos e passe a observar as possíveis imagens que lhe ocorram na mente. Observe também se você ouve vozes dentro de você. Coloque um pequeno despertador ao seu lado. Previna-se para não ser incomodado naquela uma hora. Após meia hora abra os olhos e, munindo-se papel e caneta, anote suas observações e visões, caso ocorram. Reinicie o exercício para completar-se a outra meia hora. Leve os resultados a uma pessoa experiente em mediunidade.

4. Semelhante ao 2, peça a um amigo que lhe leve um objeto de uso pessoal que pertence a alguém que você não conhece. Não há importância se a pessoa é falecida ou não. De posse do objeto, tocando-o diretamente por alguns minutos, concentrado nele e após orar aos Bons Espíritos, você tentará captar as vibrações que nele estão impregnadas. Tente repetidas vezes durante uma hora por dia. Durante uma semana repita a experiência com o mesmo objeto. Faça o exercício por dez semanas, com dez diferentes objetos, de dez diferentes pessoas. Antes de cada exercício, peça ao seu amigo para anotar suas impressões sobre eles verbalizadas. Tente também captar as histórias associadas aos objetos. Procure concentrar-se o suficiente a fim de captar dados realmente identificadores das personalidades às quais pertencem. Ao final das dez semanas, peça ao seu amigo os dados de seus respectivos donos e apresente-os, com as observações anotadas, a alguém experiente em mediunidade.

5. Escolha um mesmo dia e horário da semana durante no mínimo dois meses e no máximo por quatro meses; por uma hora, deite-se confortavelmente num local onde você não possa ser perturbado. Escolha um horário em que não esteja com sono. Após uma oração pelos Bons Espíritos, feche os olhos e imagine-se na casa de um amigo, na qual você nunca esteve, nem saiba a descrição minuciosa de seu interior. Tente sentir-se deslocando pelo interior da casa. Faça também algumas tentativas de desdobrar-se para locais conhecidos. Com ou sem sucesso nestas tentativas, faça o exercício para locais desconhecidos, os quais você tenha meios posteriores de checar.

6. Faça este exercício uma vez por semana, num mesmo dia e sempre ao deitar-se. Pense numa ou mais pessoas que você saiba já ter desencarnado. Pessoas que você conheceu de perto. Faça uma oração por elas, desejando-lhes, onde estiverem, paz e harmonia. Peça aos Bons Espíritos que, se possível, coloquem você em contato com aquelas pessoas e que você se lembre do encontro ao acordar. Faça este exercício por, no mínimo, dois meses e, no máximo quatro meses. Verifique o resultado, observando se houve aumento do número de vezes em que você se lembrou de seus sonhos e se aqueles desencarnados neles apareceram, por até dois meses depois.

7. Escolha um local silencioso e agradável. Sente-se ou deite-se fechando os olhos. Faça uma oração aos Bons Espíritos. Procure centrar seu pensamento em algum assunto de seu interesse que não esteja relacionado a um conflito específico. Após escolher o tema, medite em torno dele, questionando-se sobre o conceito que tem a seu respeito. Em seguida visualize um objeto que a ele esteja relacionado em seus mínimos detalhes. Ao formar o objeto em sua mente pinte-o com a cor azul. Faça-o tornar-se azul bem claro e em seguida faça-o diminuir ao tamanho da palma de sua mão. Visualize então a figura de um ser espiritual à sua frente. Dê-lhe então o objeto de presente.

8. Faça este exercício por dois meses seguidos e sempre ao dormir. Após deitar para dormir procure relaxar o máximo possível, ficando imóvel na cama em posição de decúbito dorsal (com o ventre para cima). Procure não se mexer em hipótese nenhuma. Não há problema se você pegar no sono. Caso isso aconteça, tente no dia seguinte. Deitado sem se mexer e de olhos fechados imagine que seu corpo está subindo, isto é, que ele está levitando. Não faça qualquer esforço físico para isso. Apenas imagine que seu corpo sobe. Sinta-o leve e planando acima da cama. Caso você não durma durante o exercício, faça-o por pelo menos dez minutos e no máximo por vinte minutos. Após esse tempo, relaxe e durma normalmente.

Aos psiquiatras

Pretensão de minha parte querer algo ensinar aos médicos psiquiatras, no que diz respeito a assuntos de sua área profissional. Um psicólogo é apenas um profissional que "enxerga" o ser comportamental, buscando entender-lhe as razões e motivações a fim de mostrá-las visando sua adequação psíquica. Porém, um psicólogo que acrescenta uma percepção espiritual, talvez tenha algo a dizer, sem arrogância e destituído de qualquer intenção de desmerecer ou diminuir a psiquiatria. A abordagem da psiquiatria ainda gira em torno do sintoma e da química que supostamente o provoca. Quando não aliada a uma psicoterapia, a ação dos psicofármacos por ela utilizados será apenas paliativa e, às vezes, protelatória de uma efetiva cura. Da mesma forma, em certos casos, sem os psicofármacos será impossível ao doente suportar a pressão do inconsciente sobre sua consciência.

Imprescindíveis os recursos dos psicofármacos, principalmente nas tendências auto-destrutivas. Sem eles, em certos casos, não é possível ao indivíduo portador de graves transtornos psíquicos, conter ou reduzir os efeitos da pressão que sofre na consciência. Medicações administradas em doses adequadas atingem o sistema nervoso central inibindo a captação pelo córtex cerebral dos impulsos oriundos do inconsciente perispiritual.

O córtex cerebral é extensão da consciência na qual o *ego* se fixa para lidar com a realidade. Sua inibição permite ao *ego*

proteger-se da força exercida pelas imagens emocionais oriundas do inconsciente. Quando o psiquiatra prescreve uma medicação, sabe que estará atingindo apenas parte da consciência, inibindo parcialmente a ação do inconsciente. Não estará reduzindo a totalidade dos sintomas nem sequer atingindo a causa, em face de se encontrar ela, na maioria dos casos, no inconsciente. Penetrar neste requer mais do que uma substância química. É necessário entendê-lo em sua linguagem simbólica e carregada de processos. Os sintomas são representações de processos psíquicos não resolvidos, os quais são por eles aliviados. Será sempre necessária uma psicoterapia a fim de se alcançar a raiz do problema.

A compreensão da mediunidade é uma das ferramentas para se entender melhor a mente humana e suas relações com o espiritual. A mediunidade possibilita que a ligação virtual entre a consciência e o inconsciente seja mais intensa, em face da excitação cerebral (cortical e subcortical) que ela provoca.

Certas substâncias químicas inibem parcialmente aquela ligação, reduzindo o nível de exposição da consciência e, em particular, do *ego*, às influências psíquicas. Por outro lado, outras substâncias ampliam de tal forma a ligação da consciência com o inconsciente excitando a camada cortical, provocando descontrole insuportável ao indivíduo.

Em alguns casos, a retirada ou mudança abrupta de medicação pode provocar alterações significativas no comportamento do indivíduo. De um lado, por conta da interação já havida entre as substâncias medicamentosas e os neurotransmissores e, por outro lado, por causa da alteração do campo de ligação entre a consciência e o inconsciente que a mudança provocaria. A mudança ou retirada brusca de certas medicações, em alguns indivíduos em surto psicótico, sob intenso processo de obsessão, e com tendências auto-destrutivas, pode provocar a desestruturação do *ego* e conseqüente suicídio.

A obsessão, por via da mediunidade, é componente sempre presente na psicose, pois esta se caracteriza pela abertura

inadequada entre o inconsciente e a consciência sem o devido controle do *ego*. Tal abertura amplia a sensibilidade do indivíduo às percepções espirituais.

A psiquiatria não reconhece, ou pelo menos não aplica, as técnicas psicoterápicas na descoberta das causas e no tratamento das afecções mentais. Menos ainda fazem os psiquiatras que não utilizam a desobsessão, pois não reconhecem a possibilidade da existência dos espíritos e da mediunidade como componentes sempre presentes na psicopatologia.

Os processos mentais, excluídos aqueles provocados por problemas neurológicos, merecem tratamento psicológico, psiquiátrico e espiritual. Às vezes requer apenas um deles e, em alguns casos, dois ou os três combinados. Saber reconhecer quando um problema deve ser tratado como psiquiátrico, psicológico ou espiritual é fundamental para a eficácia de sua cura.

Em alguns casos, nos quais a psicose está presente, a complexa operação de internação da pessoa poderia ser evitada se o tratamento espiritual fosse utilizado, o qual contribui para o seu equilíbrio psíquico e espiritual. Em tais casos, a família exerceria importante papel no tratamento quando assumisse a responsabilidade sobre seu doente e o considerasse também como um sintoma da morbidez do grupo.

Em meus pacientes que se encontram sob tratamento psiquiátrico, nos quais noto existir uma contribuição das influências espirituais aversivas, quando não se torna possível recomendar-lhes o recurso espírita, costumo fazer orações por eles. Algumas vezes, quando o psiquiatra é receptivo ao espiritual, entro em contato com ele, informando-lhe quanto à problemática da obsessão. Em alguns casos, quando há receptividade de algum membro da família, alerto para que o grupo busque o recurso no Espiritismo.

Um outro aspecto importante a se colocar é sobre a contaminação a que está sujeito o profissional que lida com a psicopatologia. O profissional médico ou psicólogo que lida com

a psicopatologia (principalmente psicoses e a esquizofrenia) não percebe o campo mediúnico a que está exposto. Por estar na condição de quem quer ajudar, mesmo que o faça profissionalmente, sofre as influências agressoras, de "quem" (espíritos desencarnados) deseja prejudicar seus pacientes. Seria prudente que eles buscassem algum tipo de prevenção, no mínimo procurar conhecer a mediunidade, seus inconvenientes e perigos. A possibilidade de "contaminação psíquica" é muito maior do que se possa imaginar. Por comparação, pode-se lembrar da contaminação às infecções a que os médicos estavam sujeitos nas cirurgias quando não usavam luvas.

A psiquiatria e a psicologia devem se unir para o tratamento dos transtornos psíquicos. É imprescindível que um psiquiatra conheça os fundamentos da psicologia para melhor avaliar seu paciente, tanto quanto é importante ao psicoterapeuta o entendimento sobre a ação dos psicofármacos e o funcionamento dos neurotransmissores para uma melhor compreensão dos sintomas e do comportamento dos seus. Provavelmente, num futuro próximo, deva surgir uma ciência que combine estes dois grandes campos do saber. Porém, ambas juntas ou isoladas serão sempre superficiais se não se debruçarem sobre a faculdade mediúnica do ser humano. Por mais que estude o cérebro, a neurologia e a neuropsiquiatria não encontrarão a raiz da mediunidade tateando estruturas cerebrais que apenas lhe dão suporte no físico.

A ação dos espíritos desencarnados no tratamento das pessoas portadoras de transtornos psíquicos, bem como o que se processa no mundo íntimo de alguém quando procura uma instituição religiosa, espírita ou não, são o lado oculto do tratamento espiritual, porém, exercem importância capital nas curas dos transtornos mentais. Tenho observado que os pacientes psicóticos que iniciam um tratamento espiritual simultaneamente ao tratamento psicológico se libertam mais cedo da dependência química de psicofármacos, bem como diminuem o tempo em permanecem doentes.

A recomendação para que o psiquiatra conheça a

mediunidade é para melhor entender e orientar seu paciente, como também para si próprio, pois sua vulnerabilidade e exposição às influências espirituais nocivas são muito sutis e imperceptíveis. Por este motivo, a ignorância quanto à mediunidade é um duplo mal. Com o tempo de exercício profissional as defesas naturais que o psiquiatra utiliza vão se desestabilizando, o que o torna cada vez mais vulnerável aos ataques psíquicos.

É fundamental que a psiquiatria se dedique ao estudo da mente humana, não apenas como se fosse uma bio-máquina, mas, como uma estrutura psíquica que se liga a outras por via da mediunidade.

Aos que lidam com desobsessão

A profilaxia às afecções psíquicas se inicia com a busca pela harmonia do próprio indivíduo, nos esforços que fez em se melhorar como pessoa. Além disso, ao que se conhece com o nome de reforma íntima, deve-se acrescentar o desenvolvimento equilibrado da mediunidade.

O trabalho de esclarecimento às entidades desencarnadas, bem como os esforços para que os complexos processos que provocam tragédias e sofrimentos que duram séculos se resolvam, são atividades ligadas à desobsessão, que trazem importante contribuição ao equilíbrio e à harmonia do planeta. É um trabalho quase anônimo e silencioso que as instituições espíritas executam através de seus trabalhadores. Uma sessão de desobsessão pode, quando bem conduzida e com propósitos típicos, equivaler a algumas sessões de psicoterapia. Conversar com os espíritos desencarnados através de médiuns experientes é uma arte que requer, além de habilidades específicas, muita paciência, humildade e amor. Lidar com o psíquico do outro exige que o próprio esteja em harmonia. O trabalho de autotransformação é fundamental, a fim de se evitar a contaminação psíquica. Tenho visto alguns operários da desobsessão com graves transtornos psíquicos, e outros, após certo tempo, não realizados na vida pessoal.

É preciso se estar atento não só ao doente desencarnado como também ao suposto sadio encarnado que o atende, pois nem sempre o ´médico se cura a si mesmo´. As recomendações para que utilize a oração, para que vigie, para que se melhore, são úteis, porém necessitam de detalhamento maior. A oração é tranqüilizadora e induz a um estado de paz e equilíbrio íntimo. Porém, ela não resolve por si só os problemas pessoais. A vigilância é oportuna, pois induz a um estado de alerta quanto às possibilidades de equívoco, mas sozinha não soluciona os conflitos íntimos da personalidade. A reforma íntima requer o contato direto com o próprio processo de vida e encarar os problemas de frente sem fugir da responsabilidade pessoal.

O Centro Espírita que possui reunião de desobsessão deveria criar um grupo terapêutico específico para aqueles que nela trabalham. O grupo seria coordenado por pessoas habilitadas a lidar com os processos psíquicos humanos e que saibam acolher devidamente aqueles que desempenham tão delicada função. Por outro lado, o trabalhador da desobsessão, quando não sentir satisfeita sua necessidade íntima de auto-transformar-se e estiver com problemas psicológicos, pode e deve buscar ajuda individual especializada. Nem sempre o curador consegue curar a si mesmo. É comum o trabalhador da desobsessão achar que seus problemas psicológicos se devem à obsessão, descuidando-se de seu mundo íntimo.

Trabalhar com a desobsessão assemelha-se a lidar com fogo, que exige habilidade e cuidados pessoais a fim de evitar-se queimaduras. Não é atividade para amadores nem se admite ingenuidade. Lida-se com o psíquico e o espiritual simultaneamente.

O trabalhador da desobsessão deve buscar estudar e conhecer os mecanismos inconscientes e o funcionamento da *psiquê* humana. Ela funciona no desencarnado à semelhança do encarnado. Quanto mais conheça uma, mais se familiarizará com a outra. Deve dedicar-se ao estudo das técnicas psicoterápicas para melhor exercer sua atividade, bem como para se prevenir quanto às contaminações psíquicas.

Aos psicólogos, terapeutas e curadores da alma

Quem lida com a *psiquê* humana sabe que está diante de algo por demais complexo para achar que tem o domínio do que nela ocorre. Sempre se lida com hipóteses que, mesmo que consideradas valiosas e pareçam tudo explicar sobre o funcionamento da mente humana, são sempre incompletas e parciais. Psicólogos e terapeutas sabem que lidam com a *matéria prima* de Deus sendo, portanto, bastante complexa e fascinante para caber numa só teoria. Sabem que devem aproveitar todas as teorias psicológicas quando estão lidando com os conflitos psíquicos humanos. Além delas estão descobrindo que é preciso lidar com o fenômeno espiritual e com a mediunidade. Aqueles que consideram suficiente uma teoria psicológica como pano de fundo de sua percepção dos processos de seus pacientes estão por demais atrasados em relação àqueles que utilizam um pouco de cada escola psicológica. Mesmo estes últimos, continuam atrasados por desprezarem a mediunidade de seus pacientes.

A *psiquê* humana é um vasto campo a ser explorado, sobre o qual muito se escreveu e ainda se escreverá (como agora o faço). Os limites a ela impostos, como se seus intrincados mecanismos estivessem contidos na estrutura cerebral, contribuem para a permanente ignorância que ainda temos sobre os conflitos

humanos. O cientificismo empirista, não permitindo aos teóricos da psicologia a possibilidade de admitir que algo escapasse aos seus domínios, levou a que grandes pensadores não ousassem além dos limites de sua época.

Embora incapaz de tudo explicar, poder-se-ia admitir, a partir dos conhecimentos da física quântica, que a estrutura cerebral gerasse um campo tetra-dimensional no qual os fenômenos psíquicos pudessem ocorrer. Nesse campo virtual encontraríamos a mente e seus processos. Nem esta hipótese é considerada, que dirá a da existência do perispírito como sede da *psiquê* humana. Ainda estamos longe de uma psicologia do Espírito que possa englobar a gama imensa dos processos envolvendo a mediunidade.

O terapeuta, que se encontra atuando no século vinte e um, não pode mais ser conivente com a ignorância do saber científico a respeito da mente humana, devendo ir em busca de conhecimentos sobre a mediunidade. Quando o fizer saberá que, independentemente da crença, fé ou teoria psicológica que adote, ou que seu paciente possua, os fenômenos mediúnicos interferem sobremaneira no sentir, pensar e agir do ser humano. Pelo desconhecimento da mediunidade, muitos tratamentos dos transtornos mentais e das inadequações no agir do ser humano se tornam prolongados ou não são eficazes.

Perdem muito os profissionais, e conseqüentemente seus pacientes, que não têm um conhecimento teórico e prático adequado sobre as influências da mediunidade no sentir, pensar e agir do ser humano. Não se trata de transformá-los em espíritas, muito menos em lhes impor uma crença que modifique ou perturbe seu olhar científico.

A compreensão de que os processos psíquicos se estruturam em uma ou mais existências do Espírito, e sob os mais diversos papéis, permite não só uma maior percepção sobre a personalidade de quem se atende como também contribui para a redução do tempo de cura. Tal compreensão independe da crença religiosa do paciente, bem como de que a ele seja verbalizado qualquer postulado doutrinário.

Trata-se da aquisição de uma ferramenta imprescindível que otimizará a percepção do que se passa na *psiquê* humana. Por comparação, é como se um astrônomo deixasse de usar um binóculo para observar os fenômenos do universo e o fizesse com um poderoso telescópio eletrônico.

É por falta daquele conhecimento que as anamneses são parciais e os diagnósticos e prognósticos incompletos. Sem ele a psicoterapia se limita ao aqui e agora, sem levar o indivíduo ao encontro com o *si mesmo* a que se referia C. G. Jung. As terapias breves, bem como aquelas que situam as causas dos conflitos humanos no corpo físico, vêem apenas ´a ponta do iceberg´. Desprezar a mediunidade e as experiências acumuladas nas vidas sucessivas é enxergar o indivíduo com um só olho e com miopia.

Por enquanto, é o Centro Espírita, cujos fundamentos teóricos se baseiem nas obras de Allan Kardec e que possua pessoas que conheçam a *psiquê* humana, que se encontra mais apto a acolher os portadores de transtornos mentais, dos quais a mediunidade seja um dos veículos.

O Espiritismo encarado apenas como uma religião, ou simples crença, concorre para o preconceito e a negação de importantes teses a respeito da *psiquê* humana. A possibilidade de aceitar a existência de uma sensibilidade supra-sensorial no indivíduo, a qual pode contribuir para desestabilizá-lo psiquicamente, levaria o profissional à compreensão mais precisa das afecções mentais.

O indivíduo é muito mais do que aquilo que os cinco sentidos comportam, pois o pensar é um ato não sensorial. O que ele pensa e sente contém elementos influenciados não só pelas experiências acumuladas ao longo de muitos séculos em diversas vidas, bem como pelas interferências espirituais favorecidas pela mediunidade.

Em meus atendimentos no consultório tento enxergar meu paciente com todas as lentes disponíveis a fim de captar o máximo possível sobre ele mesmo. Faço observações e questionamentos que nem sempre são por ele entendidos, mas que me trazem

importantes subsídios para auxiliá-lo no que busca. Aconselho ao profissional ou ao entrevistador num Centro Espírita, quando no atendimento terapêutico a alguém, que se lembre das seguintes observações:

1. Questione a pessoa sobre suas crenças a fim de ter conhecimento sobre seu campo consciencial e sua relação com o sagrado;

2. Aprofunde-se na percepção do que ela diz quanto ao que fira ou ultrapasse o senso comum e que possa ser atribuído a uma causa não convencional;

3. Não se esqueça de que sua (do profissional) crença, componente possível da transferência, fundamentará a expressão de seu cliente. Por este motivo, questione-lhe sobre temas que ultrapassem a sua e a crença dele;

4. Lembre-se de que os sintomas resultantes das influências provocadas pela sensibilidade mediúnica não são diferentes daqueles apresentados pelos processos psicológicos naturais. A distinção é difícil e exige, além de conhecimentos de ambos os campos de saber, tempo de observação;

5. Não se deixe enganar pela afirmação pura e simples de seu paciente, que acredita tratar-se de um processo exclusivamente psicológico ou, ao contrário, exclusivamente espiritual. Ambos os campos, via de regra, se interpenetram;

6. Mesmo tendo conhecimento e percepção de que se trata de sintomas resultantes da faculdade mediúnica não educada, evite colocar a seu paciente, pois ele poderá não lhe entender, por não ser detentor dessas noções. Ainda que as tenha, evite da mesma forma, a fim de não transformar uma sessão de análise ou de terapia numa consulta espiritual;

7. Não levante hipóteses precipitadas sobre as causas dos sintomas que um paciente apresente. Espere sempre se acercar de maiores informações sobre todos os aspectos que envolvem a vida, crenças e valores da pessoa;

8. Procure, quando possível, acercar-se de informações sobre a vida familiar e hábitos de seu paciente junto a pessoas que com ele convivem. Nem sempre ele informa ou acha relevantes certas alterações de comportamento;

9. Questione-lhe sobre seus inimigos, suas decepções, seus amores, suas relações profissionais, seu lazer, com quem vive, que medicamentos utiliza, quem o indicou, como são suas relações familiares e, sobretudo, sobre sua queixa principal;

10. Analise seu pensar (curso, forma e conteúdo) e suas emoções (alterações do humor);

11. Procure observar seu comportamento na entrevista (agitação, tiques, expressão facial, estereotipias, hipo ou hiperatividade);

12. Procure saber sobre sua conduta, no que diz respeito ao juízo da realidade e falhas de caráter;

13. Informe-se sobre sua vida intelectual e sobre suas limitações de compreensão no campo da inteligência;

14. Observe sua linguagem (gírias, erros, qualidade e conteúdo);

15. Procure perceber sobre sua memória, no que diz respeito à fixação, retenção e evocação;

16. Na entrevista observe a respeito de sua consciência, principalmente a atenção, a orientação, a vontade, a vivência do tempo e do espaço (unidade e identidade do eu);

17. Verifique como está a afetividade dele (euforias, elação, exaltação, êxtase, ansiedade, depressão, apatia, inapropriação, ambivalência, medos, fobias, pânico);

Essas são algumas das observações que podem ser feitas sobre uma pessoa, as quais nem sempre são conseguidas apenas na primeira entrevista ou sem ajuda da família. Outras observações surgem a partir do relato do paciente sobre seus sintomas, que podem revelar aspectos importantes a respeito da natureza espiritual de seu problema.

Pequenas dificuldades e simples soluções

Reuni aqui neste capítulo alguns questionamentos que fizeram parte de minha iniciação quando dos primeiros contatos com o Espiritismo e a mediunidade. As respostas aqui assinaladas foram aquelas que me aliviaram a consciência e me tranqüilizaram quanto ao exercício da mediunidade. São simples questionamentos e respectivas respostas que podem ser úteis àqueles que se encontram iniciando o contato com a mediunidade.

1. Aos que sentem influências psíquicas espirituais e não sabem o que fazer e como vencer a dificuldade.

Em todos os casos de suspeita de influência espiritual as recomendações básicas são: procurar uma pessoa conhecedora do assunto, ou um Centro Espírita, para esclarecer-se; utilizar-se da oração nos momentos de aflição; ler sobre o assunto e não considerar que é loucura ou simples imaginação. Para vencer a dificuldade é preciso ter paciência e tranqüilidade evitando que o medo tome conta da consciência.

2. O que fazer com a mediunidade quando não se quer exercê-la institucionalmente.

É um equívoco pensar que a mediunidade só pode ser

exercida na tarefa de esclarecimento a entidades desencarnadas e num Centro Espírita. Quando a mediunidade for um incômodo e não se queira exercitá-la da forma convencional, deve-se buscar outras formas de uso que aliviem a tensão provocada pelo inconsciente aberto devido à sua manifestação. Antes de encontrar aquelas formas é necessário e imprescindível que se a conheça. Estudá-la em primeiro lugar. Aconselho a que se inicie pela leitura de *O Livro dos Médiuns,* de Allan Kardec. Após isso, algumas possibilidades são indicadas abaixo.

a) Dedicar-se a uma atividade, profissional ou não, na qual o aconselhamento a terceiros faça parte;

b) Dedicar-se a uma atividade de cura, a exemplo do passe, do Reiki, massagem terapêutica, etc.;

c) Participar de grupos de ajuda mútua, a exemplo das Organizações Não Governamentais (ONGs) que visem a solidariedade e a paz social;

d) Praticar a meditação, levando a sério suas próprias intuições;

e) Fazer retiros espirituais, visando entrar em contato com sua natureza essencial;

f) Participar de trabalhos terapêuticos em grupo a fim de conectar-se ao sentido principal de sua vida.

Independente dessas formas, que são uns poucos exemplos dentre muitos, a pessoa poderá, se o quiser, preparar-se em algum Centro Espírita para dar passes, estudar a mediunidade ou mesmo, aos poucos, desenvolvê-la em grupos adequados.

3. Como lidar com o desejo de comunicar-se apenas com Bons Espíritos e com o chamado “Anjo de Guarda”.

Caso você se enquadre nesta categoria, isto é, seja um dos que só querem se comunicar com espíritos bons, não se esqueça de que existem todos os tipos de pessoas desencarnadas. Mesmo só querendo se comunicar com os bons, você está cercado

de outros que não o são e que podem também querer estabelecer contato com você. Querer se comunicar apenas com os bons pode significar que você ainda se relaciona com o espiritual para obter vantagens. Não se esqueça de que ´seu´ "Anjo de Guarda" é uma das representações do que de bom existe em você, o qual deve ser buscado.

4. Como lidar com a vontade de ter uma mediunidade precisa e a inveja de quem a tem.

A mediunidade é aquisição do Espírito e, de acordo com a intensidade, significa dedicação ao longo de várias encarnações. É preciso se dedicar a ela com afinco. Possuir uma mediunidade precisa confere ao médium responsabilidade para colocá-la a serviço da própria evolução e da comprovação da imortalidade da alma. Por outro lado, ter uma mediunidade tão ampla, coloca o médium em contato muito intenso com o espiritual, o que exige maturidade a fim de lidar com as invasões psíquicas decorrentes. Portanto, para realizar aqueles desejos é preciso estudo, dedicação, seriedade, humildade e paciência.

5. Como compreender a si mesmo estando em sintonia com os espíritos e com a vida material simultaneamente.

É preciso que o médium se perceba como espírito imortal e, como tal, deve realizar-se, independente do trabalho que executa com sua mediunidade em favor do Espiritismo. O trabalho espírita não é o meio de realização pessoal, mas uma das dimensões da vida do médium, que deve conter outras dimensões de realização. O médium deve levar uma vida normal como qualquer outro ser humano sem precisar se considerar um missionário da humanidade. O exercício da mediunidade não deve ser mais importante do que as demais atividades da pessoa em sociedade. O médium deve estabelecer uma relação com os espíritos, de tal forma, que haja mútuo interesse pelo autodesenvolvimento pessoal.

6. Como enfrentar uma crise existencial na qual o exercício da mediunidade se encontra em cheque.

As crises existenciais são momentos importantes para o Espírito, nas quais ele tem a oportunidade de tomar decisões fundamentais para sua evolução. Todo ser humano enfrenta crises na vida, principalmente após a meia idade. Não deve o médium pensar que seria diferente para com ele. Suas crises são como as de todo ser humano. O exercício da mediunidade sendo colocado em cheque significa pouca consistência em sua inserção nos seus propósitos pessoais e espirituais na vida. É necessário que o médium entenda o significado do exercício da mediunidade na sua realização pessoal. Seria importante que ele entendesse que sua vida espiritual engloba sua vida material, sendo esta última seu grande e atual campo de realização.

7. Como trabalhar mediunicamente estando com desejo de fazer sexo.

A atividade sexual do ser humano é ocorrência comum aos espíritos, não sendo algo que lhes seja desconhecido. O estado emocional do médium é o que é relevante no momento do exercício institucional da faculdade. Deve o médium, de acordo com suas possibilidades e condições de vida, realizar seu desejo, avaliando as influências que acarretarão em sua mente emocional de forma a que não o atrapalhe no exercício da mediunidade. É melhor que a atividade sexual seja realizada e adequadamente satisfeita a fim de que não se apresente como obstáculo ao exercício pretendido, quer seja pela fixação mental do ato durante o serviço mediúnico ou pela repressão indevida.

8. Como ser médium e resolver o medo dos espíritos.

O medo no contato com os espíritos é natural e decorre do instinto de autopreservação. O médium deve ter consciência de sua imortalidade e de que os espíritos desencarnados não podem fazer o que querem. Tampouco costumam pôr em risco a vida de

seus médiuns. A melhor maneira de reduzir o medo é enfrentando-o com determinação e confiança em Deus. Entendendo que os espíritos são pessoas tão comuns como o próprio médium, talvez ele diminua seu medo na medida que for se conscientizando da falibilidade e fragilidade deles. É importante que o médium não atribua tanto poder aos espíritos desencarnados.

9. Como lidar com o deslumbramento decorrente do contato com os espíritos.

É comum ao médium iniciante, ao receber boas e elogiosas comunicações dos espíritos, deslumbrar-se e achar que é um privilegiado. Não sabe ele que esse fato pode ser o começo de uma grande e solitária responsabilidade. É importante que o médium se conscientize de que é um intermediário dos espíritos e que a qualidade do que recebe, embora tenha sua contribuição, deverá ser submetida ao juízo crítico de pessoas mais experientes, para sua própria segurança. Para lidar melhor com o deslumbramento, deve o médium sempre submeter a outrem as comunicações que recebe.

10. Como lidar com aquelas pessoas interessadas em obter mensagens de desencarnados, que não sabem que isto independe do médium.

É muito importante para o médium que ele seja transparente no exercício de sua mediunidade. Deve sempre que necessário esclarecer às pessoas sobre como funcionam as comunicações dos espíritos. Dizer-lhes que não se tem o domínio sobre a vida dos espíritos e que, mesmo que queiram se comunicar, nem sempre o conseguem. A quem lhe pede, recomendar paciência e explicar a importância da oração em favor da pessoa desencarnada, dando a entender que o ciclo dela na Terra já se findou. Fundamental é ter-se a humildade de admitir a incapacidade de obter o que se pede devido ao livre arbítrio dos espíritos e, quando for o caso, a depender das restrições do tipo de mediunidade que se possui.

11. Como lidar com a obsessão mesmo sendo um médium experiente.

Todo médium, por mais experiente que o seja, está sujeito à obsessão por conta das influências espirituais a que está exposto. É aconselhável a todo médium, de tempos em tempos, trocar experiências com outros, mesmo que exerça sua faculdade há muito tempo. O exercício prolongado da mediunidade, como o de qualquer atividade humana, leva a um padrão típico (rígido) de fazê-lo. É possível que esse padrão, se não percebido, leve a atitudes que podem se tornar extemporâneas e inconvenientes por causa da evolução da sociedade. Aqueles comportamentos são válidos num cenário cultural de uma época e podem ser desnecessários num novo contexto social. Tudo se transforma na natureza e com o exercício da mediunidade não pode ser diferente. Submeter-se a um processo de *análise psicoterapêutica* faz bem a qualquer pessoa, mas se o médium experiente não o fizer, poderá valer-se de freqüentes diálogos com pessoas tão experientes quanto ele. É só ter um pouco mais de humildade.

12. Como lidar com espíritos que desejam comunicar-se e cuja produção seja intelectualmente inferior.

Quando o médium verificar, após submeter sua produção a pessoas mais experientes, que se trata de algo de qualidade inferior, deve dialogar com os espíritos que com ele se comunicam orientando-lhes para que amadureçam mais as idéias que pretendem passar a fim de que se tornem mais adequadas ao meio que pretendem atingir. Deve sempre ser transparente com eles e estar preparado para não postergar a decisão de parar com o exercício, se for o caso.

Sinais e sintomas característicos da mediunidade

Muito embora Allan Kardec tenha dito que "*Nenhum indício há pelo qual se reconheça a existência da faculdade mediúnica.*"[3], podemos estabelecer pelo menos alguns sinais identificadores da ocorrência de alterações no indivíduo que possam ser atribuídas a algum tipo de interferência mediúnica. A afirmação de Allan Kardec talvez diga respeito ao reconhecimento *a priori*, em face da inexistência de sinais externos nos médiuns ou mesmo por conta da exigência da presença dos espíritos para sua ocorrência.

Por enquanto a mediunidade não foi detectada organicamente, mas apenas pelos efeitos que produz. Nenhum médium, por mais experiente que seja, garante que pode controlar a demonstração da sua faculdade. A mediunidade é uma faculdade psíquica e, como todo fenômeno subjetivo, não se submete, do ponto de vista experimental, à observação e repetição.

Há, porém, alguns indícios que podem nos levar futuramente à sua detecção e comprovação. Eles são subjetivos e facilmente podem ter explicações psicológicas inconscientes ou mesmo parapsicológicas anímicas. No seu conjunto, numa mesma

---

[3] O Livro dos Médiuns, Cap. II p. 78, FEB.

pessoa, podem apontar para a existência da faculdade denominada de mediunidade. São eles:

1. Idéias e sentimentos inusitados na forma de pressentimentos que acabam por se concretizar. Ocorre também como se o indivíduo já soubesse antecipadamente o que irá ocorrer, permitindo-lhe agir de acordo com uma certeza interna;

2. Forte dose de intuição quanto às pequenas ocorrências do cotidiano. Geralmente coloca o indivíduo num estado de consciência de quem tem o domínio dos eventos do dia, sem lhe gerar qualquer ansiedade;

3. Arrependimentos tardios após atitudes inadequadas que poderiam ter sido evitadas. São situações freqüentes de ausência de vontade própria, nas quais parece haver uma outra personalidade no controle, trazendo desconforto momentâneo;

4. Alterações constantes na forma, no conteúdo e no curso dos pensamentos promovendo desvio na elaboração das idéias. Apresentam-se como falhas ou ausências no pensar, provocando sérias alterações na vida profissional, afetiva e familiar da pessoa;

5. Alterações orgânicas e da senso-percepção não atribuíveis a fatores funcionais nem a interferências psicossomáticas. Tais alterações podem ir do desconforto orgânico a alterações significativas nos cinco sentidos físicos, os quais podem se tornar hipo ou hiper-sensíveis;

6. Ocorrências repetitivas de sonhos premonitórios ou de sonhos freqüentes com pessoas que já morreram. Freqüentes sonhos nos quais eventos futuros são vistos pelo sonhador, envolvendo terceiros ou a si mesmo, como também sonhos com pessoas, parentes ou não, já desencarnados e que parecem querer transmitir alguma mensagem;

7. Sensações constantes de presenças à sua volta, ou de terceiros, de seres invisíveis. Ocorre como se algo envolvesse a pessoa e lhe transmitisse a sensação de alguma companhia não visível. Às vezes, a pessoa sente uma alteração em seu estado de consciência;

8. Ruídos e pancadas à sua volta não atribuíveis a fatores físicos conhecidos. São ruídos que parecem vir de dentro de paredes ou de objetos maciços como pancadas fortes e rápidas;

9. Audição de vozes aparentemente oriundas do interior da cabeça. Sons de palavras ou de músicas que soam no interior da cabeça e que não se originam de lugar externo;

10. Superexcitação motora seguida de forte desejo de escrever. Às vezes, inicia-se com um forte desejo de escrever ou com uma persistente idéia inusitada sobre algum tema. Muitas vezes, tal desejo é acompanhado de tremores num dos braços, o qual apresenta movimentos repetitivos sem controle consciente da pessoa;

11. Sensação descontrolada de que poderá ser tomado por algo, seguido de forte desejo de falar. Apresenta-se, muitas vezes, como um desconforto toráxico e uma necessidade de gritar ou chorar. Pode, também, surgir como se alguma parte do corpo fosse acometida de uma intensa dor aguda;

12. Facilidade na obtenção de cura de doenças alheias, pelo simples desejo de obtê-la ou pela proximidade ao doente. A pessoa, pelo desejo consciente ou não, percebe a cura ou melhora de doenças em terceiros pelo contato físico ou por sua simples presença;

13. Produção de conhecimentos não atribuíveis ao saber

do indivíduo e à sua revelia. Quando, após a simples atividade de escrever ou de falar em público, a pessoa observa ou alguém lhe diz que o que produziu é de excelente conteúdo e de qualidade superior aos conhecimentos intelectuais que possui.

14. Obtenção de índices acima dos níveis aceitáveis nas cartas Zenner[4]. Quando feito o teste Zenner, o percentual de acertos na retro-cognição e na pré-cognição apresenta níveis acima da média;

15. Achados psicométricos[5] em experiências típicas. Quando o índice de acertos nos detalhes de objetos no teste psicométrico é superior ao normal;

16. Constantes experiências emocionais de "*déjà vü*". Quando a pessoa tem freqüentes experiências emocionais de ter estado em determinados lugares antes, sem conscientemente tê-los conhecido.

[4] Teste que utiliza um baralho de 25 cartas com cinco naipes (linhas onduladas, círculo, quadrado, estrela e cruz) para identificar as faculdades paranormais de retro-cognição, pré-cognição, dentre outras.
[5] Vem de *Psicometria*, faculdade que permite ao indivíduo entrar em contato com a história pregressa do objeto que toca, captando-lhe as vibrações dos eventos que ocorreram em seu entorno, nele impregnadas.

Mediunidade e sintonia

Sintonizar com os espíritos é colocar-se predisponível ao contato psíquico com eles de forma consciente ou inconsciente, não só pelo pensar como também pelo sentir. Naturalmente já estamos sintonizados com eles por conta do nosso padrão psíquico de pensar e sentir. Nossos atos não só resultam desses dois padrões como também das influências do meio no qual são executados, incluindo aí as interferências psíquicas de encarnados e de desencarnados.

Pensamentos e sentimentos são a base de nossas ações. O pensar humano consciente é monofocal, não sendo possível sua fixação em mais de uma idéia simultaneamente, muito embora se possa reter distintas captações num mesmo instante. Quando quisermos sintonizar com os espíritos devemos desfocar o pensamento de uma idéia fixa para que possamos captar outra idéia que porventura esteja disponível à consciência. O foco do pensamento não direcionado favorece a captação de idéias provenientes de mentes desencarnadas que se coloquem numa freqüência similar à nossa.

Sintonizar com um pensamento ou idéia alheia é uma atividade que exige disponibilidade para desligar-se do próprio pensar até o início da recepção da onda mental externa. O foco do pensamento é conseguido quando o *ego*, centro da consciência, assenhora-se de uma idéia específica, associando outras disponí-

veis em seu campo. O *ego* voltado exclusivamente para uma idéia, combinado com a pregnância de uma emoção específica configura uma freqüência psíquica. A freqüência psíquica é, então, a união de uma idéia com um sentimento específico. A pregnância é a propriedade que envolve um objeto em uma qualidade que não lhe pertence, mas que a ele se agrega de forma imperceptível.

Quando desejamos nos comunicar com os espíritos desencarnados estaremos numa determinada freqüência psíquica para tal. Se quisermos mudá-la teremos de alterar a emoção ou o pensamento. O estado de oração é uma forma de mudança de ambos. A sintonia não se dá apenas por um momento e em estado de oração, mas principalmente pelo modo de ser do indivíduo, pela sua natureza íntima, pelos sentimentos e idéias de que é portador.

A sintonia momentânea que se pretende fazer com um desencarnado infeliz, inseguro, doente ou algo parecido, durante uma reunião mediúnica, não se faz emitindo maus pensamentos ou sentimentos negativos, mas por uma predisposição psíquica voluntária. Sintonizar é estar na mesma freqüência psíquica de outrem, podendo captar e emitir pensamentos simultaneamente.

Ter bons pensamentos não é só simplesmente construir boas idéias no momento em que se queira conectar com os espíritos desencarnados voltados para o Bem, mas também estabelecer um estilo de vida pessoal que favoreça naturalmente seu surgimento. Bons pensamentos contribuem para a sintonia com Bons Espíritos. Bons sentimentos fortalecem a ligação do indivíduo com aqueles espíritos, na medida que foram construídos com base na bondade e no amor. A amorosidade da pessoa é uma das formas mais seguras de construir sentimentos superiores.

Muito embora não se deva cultivá-los, o fato de ter maus pensamentos, assim como ter raiva, não impede o contato com os Bons Espíritos, visto que se trata de possibilidades humanas naturais. Adotar ou livrar-se rapidamente dos maus pensamentos e da raiva, pode ser um equívoco, pois devemos, antes, questio-

nar-nos sobre sua causa e procedência, para depois ocupar-nos em redirecionar a energia psíquica que eles mobilizam.

Pessoas desencarnadas ou não, de distintas índoles e níveis evolutivos diferentes, boas ou más, podem sintonizar-se, consciente ou inconscientemente, quando se encontram numa mesma freqüência vibratória.

Fenômenos psíquicos resultantes

A grande maioria dos sintomas presentes nas psicoses e noutros transtornos psíquicos, os quais alteram significativamente o curso e o conteúdo do pensamento, é acentuada pela existência da faculdade mediúnica, ainda embrionária no ser humano e, portanto, sem a devida educação.

A penetração de pensamentos de um desencarnado na mente de um encarnado pode provocar uma série de transtornos naquele que recebe a interferência. Quando há uma forte ligação entre ambos, estruturada em experiências por eles vividas anteriormente, o transtorno é mais sério e tende a alterar significativamente o curso das idéias do encarnado. Quando o desencarnado teve alguma relação com vidas passadas do encarnado, sua presença no campo psíquico deste promove sensações e emoções que se assemelham às que tiveram no passado. O desencarnado tende a sensibilizar conteúdos psíquicos arquivados no inconsciente evocando-os à consciência ou alterando seu campo. Aquela presença provocará várias alterações no estado psíquico e emocional do encarnado de forma inconsciente. Quanto mais consciente o médium seja de sua faculdade e quanto mais ele se conheça interiormente, menos perturbação ela lhe trará.

Essa espécie de invasão psíquica, quando ocorre, parece

uma falha no curso do pensamento sobre o qual se perde o controle, passando-se a ter outra ordem de idéias, que, se não for percebida, determina a vivência num plano fantasioso. É exatamente essa mistura de pensamentos que provoca perturbações psíquicas e desarrumação no psiquismo do encarnado, podendo evoluir para uma psicopatologia.

A faculdade mediúnica, inerente ao ser humano, permite uma alteração na fronteira entre o inconsciente e a consciência. Favorece a permeabilidade de conteúdos até então inconscientes em direção à consciência, sem o controle do *ego*. Essa invasão psíquica facilita associações automáticas de conteúdos aversivos existentes tanto na consciência quanto no próprio inconsciente. Esses conteúdos aversivos se relacionam aos aspectos admitidos como sobrenaturais ou ligados à morte. Resultam em associações que interferem no estado psíquico geral promovendo transtornos que, muitas vezes, se assemelham aos das psicoses. Qualquer ser humano está sujeito a essas invasões, porém nem em todos, que felizmente representam a grande maioria, este fato evolui para uma patologia psíquica.

A mediunidade flexibiliza a penetração do *ego* no inconsciente favorecendo um grau maior de autodescobrimento dos conteúdos simbólicos lá existentes. Com ela, o indivíduo se mostra mais conhecedor de si mesmo e daquilo que normalmente é oculto. Ela o coloca num estado alterado de consciência que lhe permite estar mais disponível às captações dos eventos emitidos por encarnados, tanto quanto por desencarnados.

Esse contato constante com os conteúdos simbólicos inconscientes, bem como com as emissões mentais de encarnados e de desencarnados, poderá levar o indivíduo ao desequilíbrio psíquico ou ao brilhantismo intelectual, a depender de seu nível de maturidade espiritual. A forma como o indivíduo utiliza sua mediunidade concorrerá para a ocorrência de perturbações psíquicas.

Na maioria dos casos, a mediunidade faz com que o indiví-

duo se sinta fora do mundo real e deslocado de sua época. Muitas vezes, percebe as coisas sob uma ótica diferente do senso comum, o que o faz sentir-se estranho e esquisito.

Invasões psíquicas

As invasões psíquicas a que o ser humano está sujeito não decorrem da mediunidade, mas são por ela facilitadas. São ocorrências comuns no psiquismo humano sem serem patologias. São idéias e emoções que se conectam abruptamente ao *ego*, o qual fica por elas afetado.

As invasões são irrupções inconscientes que assomam à consciência por força de fortes e densos *complexos* estruturados em vidas passadas, que podem promover graves transtornos psíquicos. Os *complexos* podem ser acionados por conta de mecanismos automáticos, os quais decorrem de eventos externos que a eles se conectam, ou por força de influências espirituais.

São afecções do psiquismo cuja erradicação é de difícil alcance em face das íntimas conexões internas. O *ego* conectado a um forte *complexo*, terá dificuldade dele desligar-se sem ajuda externa. Da mesma forma, a ligação entre um desencarnado e um encarnado, por causa de um forte sentimento entre eles, dificilmente é desfeita sem que um deles se modifique.

Todo ser humano possui guardadas no inconsciente, experiências de vidas passadas que, pela intensidade da energia emocional gerada quando foram vividas, ficam emitindo freqüências características, que permitem atrair (ou são percebidas) outras mentes que se encontram no mesmo padrão. São exatamente essas experiências e suas emoções típicas que revestem nosso modo

de pensar, sentir e agir. Elas facultam as invasões psíquicas sem a intervenção da vida consciente.

As irrupções psíquicas, quando mais intensas e desequilibradas, provocam as psicoses e outros transtornos graves da personalidade. Quanto maior a intensidade emocional e quanto mais consciente ela tenha sido vivida no passado, mais abrupta poderá ser a irrupção no presente.

Por ser uma extensão da consciência, as alterações químicas provocadas no córtex cerebral interferem nas irrupções psíquicas. Medicações que inibem o sistema nervoso central diminuem o campo da consciência acessível ao *ego*, reduzindo as irrupções da consciência, porém limitam a vida e as possibilidades de crescimento do indivíduo.

Muito embora não seja ela que as provoque, as irrupções abruptas do inconsciente serão favorecidas pela mediunidade, cuja existência amplia o campo de acesso da consciência ao inconsciente.

Para se reduzir os efeitos dessas naturais irrupções deve-se buscar trazer equilibradamente os conteúdos inconscientes à consciência. Expressar o inconsciente é fundamental ao desenvolvimento psíquico do ser humano.

A expressão adequada do inconsciente, buscando entender o mito pessoal que vivencia, os processos repetitivos, os padrões de comportamento pessoal, os símbolos e rituais adotados na vida, contribuem para a redução das irrupções abruptas do inconsciente. A compreensão destes processos e a busca de seu significado transcendente levarão à manifestação do inconsciente sob o controle do *ego*. Quanto mais o indivíduo entender os símbolos que permeiam sua vida, melhor ele a conduzirá, com ou sem as invasões psíquicas.

Tais invasões podem ocorrer durante o sono por via do alívio psíquico promovido pelos sonhos. Uma das formas de se evitar a possibilidade dos sonhos serem veículos de processos que desencadeiem esse tipo de invasão psíquica é o hábito salutar de interpretar os símbolos contidos neles.

A prevenção das irrupções psíquicas se promove no pensar, no agir e no sentir em equilíbrio e harmonia, por parte do indivíduo, no processo de buscar uma boa relação com os conteúdos do inconsciente. Entender a subjetividade do mundo, bem como saber interpretar adequadamente os símbolos da vida, é fundamental para uma equilibrada assimilação dos conteúdos do inconsciente.

O eu cindido no fenômeno mediúnico

Todo indivíduo que exerce a mediunidade ostensivamente e por muito tempo flexibiliza naturalmente a relação entre a consciência e o inconsciente de tal forma que as *portas* deste último ficam por demais abertas. É natural que corra o risco de assimilar os símbolos existentes no inconsciente, vivenciando-os novamente. O *ego* não só fica exposto às influências dos *complexos* como também à maior possibilidade de identificar-se com *personas*[6] vividas em outras encarnações. A identificação do *ego* com uma *persona* do passado reencarnatório pode ocorrer sempre que uma experiência emocionalmente forte tenha sido vivida pelo espírito sem que ele tenha conseguido dela desligar-se.

A mediunidade exercida com equilíbrio exige um *ego* maduro e estruturado a fim de que essa possibilidade seja reduzida.

---

[6] O termo *persona* deriva das máscaras que os atores gregos usavam para os diversos papéis ou personalidades que interpretavam. É o aspecto ideal do eu que se apresenta ao mundo e que se forma pela necessidade de adaptação e convivência pessoal. É o que se pensa que é. Muitas vezes a *persona* é influenciada pela *psiquê* coletiva confundindo nossas ações como se fossem individuais. Ela representa um pacto entre o indivíduo e a sociedade, sendo um conjunto de personalidades ou uma multiplicidade de pessoas numa só. A identificação do *ego* com a *persona*, quando ocorre, provoca o afastamento de nossa identidade pessoal, isto é, corremos o risco de não sabermos quem realmente somos. (Conceito extraído do livro *´Sonhos: mensagens da alma´*, do autor)

Quando ela ocorre dá-se uma espécie de cisão no *ego* que fica dividido entre a realidade atual e os conteúdos inconscientes. Um *ego* maduro e estruturado é aquele que, dentre outras qualidades, guarda uma estreita relação com o *Self*, é auto-determinado, sabe evitar identificar-se com a *psiquê* coletiva, bem como separa sua vida privada de sua tarefa mediúnica. O médium cujo *ego* é maduro não se auto-intitula missionário nem aceita tal condição. Não vive exclusivamente este papel, por conta da necessidade de viver a vida na matéria, imerso nas ocupações normais da sociedade encarnada.

A cisão do eu, típica na esquizofrenia, pode ocorrer no fenômeno mediúnico em face da profunda conexão entre mentes que se alinham numa mesma freqüência, quando uma delas sucumbe à outra. Na esquizofrenia a cisão não tem o devido controle nem é consciente ao indivíduo, que, impossibilitado de qualquer coisa fazer, se vê em realidades distintas e conflituosas. Num momento se vê envolvido por uma experiência vivida no passado reencarnatório, noutro se vê em contato com entidades desencarnadas e noutro ainda se percebe vivendo na realidade atual. Muitas vezes as três experiências emocionais se juntam promovendo um grande transtorno psíquico. No fenômeno mediúnico não é muito diferente, porém o eu que se cinde não perde o domínio sobre aquele que deseja se comunicar, nem tampouco sobre suas próprias experiências pregressas.

Mesmo nos momentos de lucidez e de efetivo contato com a personalidade atual, consciente da realidade, o portador da esquizofrenia sabe que sua mente vive em constante instabilidade, na qual a cisão pode ser inevitável.

No transtorno psíquico, a cisão do eu caracteriza-se pela perda do controle sobre a consciência, onde o *ego* não consegue o domínio de seus conteúdos, isto é, torna-se incapaz de manter-se como ordenador daquele campo. No fenômeno mediúnico, muito embora possa haver perda do controle sobre a consciência, o próprio médium, temporariamente desconectado de parte

dela (córtex), mantém o controle sobre o que ocorre. A consciência é mantida, porém a energia psíquica não está totalmente voltada para seus conteúdos, o que caracteriza um estado alterado dela. Essa cisão decorre de um poderoso mecanismo de desconexão do *ego,* que perde sua autonomia pelo predomínio que permite a outro *ego* expressar-se.

Quando o *ego* se identifica com uma ou mais *personas* (*ego*-identidade)[7], ou quando se conecta com um intenso *complexo* emocional inconsciente, pode também, caso não haja controle do médium, haver uma cisão.

A cisão do *ego*-identidade presente decorre de uma fragilidade por conta da não aceitação de si mesmo e de uma identificação externa não consciente. A identificação do *ego* atual com uma *persona* passada também decorre da intensidade como ela foi vivida, da importância que atribui a ela e das influências espirituais que ele atrai.

O fortalecimento do *ego*-identidade é fundamental para que aquela identificação não se dê ou para que tenha pouca influência. Esse fortalecimento, que será importante para evitar a cisão do eu (*ego*), é favorecido pelos estímulos maternos e paternos na idade infantil (primeira infância) até a adolescência. Estimular é identificar reais qualidades na criança e verbalizar a ela sua importância e uso adequado de suas habilidades.

No início da puberdade (geralmente a partir dos 9 anos) a reencarnação do espírito ainda está por se completar e o *ego*-identidade que ele está formando ainda se encontra tímido e não constituído integralmente. É nessa fase que o indivíduo se torna suscetível aos estímulos oriundos de figuras referenciais (pai, mãe, irmãos mais velhos, amigos etc.), como também propenso à assimilação dos componentes característicos de *personas* de vidas passadas.

---

[7] O *ego* é uma função da consciência que tem a propriedade de associar conteúdos, dando-lhes energia psíquica. É também um *complexo*. Quando o Espírito o toma como representação de sua identidade, torna-se *ego*-identidade.

A mediunidade explícita nesta fase tende a contribuir para a cisão do eu, se não devidamente educada. A criança que a apresente deve ser devidamente orientada, sem repressões dogmáticas, nem estímulo ao uso irresponsável.

Nas esquizofrenias e em certas psicoses nas quais o eu se encontra cindido, a mediunidade também é componente que contribui para que tal cisão ocorra. Nelas a educação mediúnica deve ser feita a partir da provocação de um temporário bloqueio.

Os *complexos* autônomos e a mediunidade

Complexos são núcleos de pensamentos, idéias e emoções, geradas a partir das várias experiências do Espírito, que se estruturam na *psiquê* pelas associações inconscientes. Todos temos *complexos* e, a cada momento estamos gerando outros. Alguns, por força da energia psíquica que adicionamos às experiências, se tornam suficientemente autônomos e com isso influenciam o *ego* de tal forma que passam a dirigi-lo. Outros, apenas influenciam o *ego* sem contudo o dominarem. O conceito de *complexo* não é aqui aplicado no sentido restrito patológico, mas sim em sua amplitude como núcleo agregado de pensamentos, idéias e emoções, resultante de experiências, sem necessariamente provocarem transtornos psíquicos. A consciência não possui domínio sobre as associações, pois elas são automáticas e vão se realizando a cada nova experiência do Espírito. Experiências de encarnações distintas podem ser instantaneamente conectadas no inconsciente quando geram idênticas emoções.

Os *complexos*, como todo o inconsciente, se encontra no perispírito. Eles não são os *chakras*, pois estes são manifestações energéticas do perispírito, perceptíveis fisicamente e que se encontram na superfície do corpo espiritual, tal como a pele no corpo físico. Com isso quero dizer que o perispírito é psíquico e energético simultaneamente.

O inconsciente, o qual, como disse, se encontra no perispírito, como boa parte da *psiquê* ou mente, contém uma vasta rede especialmente constituída, cujos nós se interligam pela semelhança vibracional de emoções. Essa rede foi constituída no perispírito pelas experiências do Espírito a cada encarnação. Ela vem sendo arquetipicamente elaborada ao longo da evolução espiritual. As tendências comportamentais coletivas proporcionam experiências que promovem a internalização de conteúdos emocionais, os quais vão se constituindo na parte pessoal do inconsciente. O livre arbítrio em contato com as tendências arquetípicas vai estruturar os aspectos singulares da personalidade no indivíduo.

As experiências de uma pessoa são preenchidas de motivações conscientes, motivações inconscientes, idéias lógicas, emoções conscientes, emoções inconscientes, sensações corporais, estímulos externos não percebidos, atitudes ativas, atitudes inativas e o resultante racional e emocional de cada vivência. Esses componentes, interagindo instantaneamente, geram um conjunto, de um lado coeso e de outro conectado em suas partes, a outras emoções de antigas experiências que se assemelham. A conexão de partes dessas experiências com a energia psíquica vinculada num tônus emocional a um ou mais arquétipos, caracteriza um *complexo.*

As experiências, nas quais ocorreram um contato com o sagrado, o transcendente, o místico, a morte ou a divindade, ao se associarem no inconsciente, formam *complexos* que se conectam a funções específicas do perispírito responsáveis pela mediunidade. São aquelas experiências que contribuem para as alterações nas capacidades mediúnicas do indivíduo. Algumas experiências as desenvolvem e ampliam-nas, outras as bloqueiam ou atrofiam-nas.

Quanto mais consideramos o mediúnico como algo sobrenatural, ou mesmo como um contato com o sagrado, mais estaremos contribuindo para a consolidação dos *complexos* que con-

tém experiências aversivas a ele ligadas. É necessário que consideremos a mediunidade como um fenômeno natural e funcional para a vida do espírito encarnado ou desencarnado. Quanto mais assim procedermos, mais reduziremos as influências dos *complexos* estruturados ligados ao mediúnico.

A mediunidade, por favorecer uma maior conexão da consciência com o inconsciente, permite que o médium fique mais vulnerável às influências dos *complexos*. A consciência da existência dos próprios *complexos* bem como sua dissolução efetiva é fundamental para que o médium reduza a possibilidade de ser tomado por qualquer deles. Os *complexos* de culpa e de poder são facilmente assimilados pelos médiuns em face de seu nível de evolução e das experiências pregressas que o levaram ao exercício institucional da mediunidade. O *complexo* de culpa se deve à repressão religiosa e cultural da sociedade na qual o médium vive. Tal culpa provoca-lhe a necessidade de um alívio por via da atividade consolatória missionária. Essa atitude pode conectá-lo também ao *complexo* de poder que lhe poderá estimular a vaidade.

O contato com o sagrado e o transcendente, tanto quanto com o mediúnico, contribui para o desenvolvimento e a ampliação das faculdades mediúnicas, à proporção que o fizermos plenamente conscientes do aprendizado que estaremos realizando. Para reduzir as influências dos *complexos* estruturados em vidas passadas, adquiridos no contato com o sagrado, devemos considerar que nada está fora do divino e que nós também o somos.

Cuidados com o desenvolvimento

Allan Kardec afirma que *O Livro dos Médiuns* contém "*Ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo.*" Podemos perceber que, antes de publicar o livro, ele tinha a preocupação com o desenvolvimento da mediunidade, pois sabia que seria algo relevante na prática do Espiritismo. É também importante acrescentar que ele considerava o desenvolvimento factível quando havia rudimentos da faculdade, isto é, quando o indivíduo observasse sinais de sua existência mais ostensiva. Para ele o exercício sério levaria ao desenvolvimento das faculdades mediúnicas, principalmente da psicografia.

Desenvolver alguma coisa é fazê-la crescer na forma, na quantidade e no conteúdo, através da própria natureza ou por estímulos que acelerem o processo. Com respeito à mediunidade, os meios se dão através do exercício contínuo e sistemático. É preciso, como bem colocou Allan Kardec, que haja rudimentos da faculdade para que ela se desenvolva. É no exercício de suas modalidades que o indivíduo descobrirá qual dos tipos de mediunidade possui. O exercício deve ser seguido de estudo sé-

rio e de persistência. Há casos em que ele aconselha que se faça o exercício por meses seguidos, pois conhecia médiuns que só conseguiram resultados após seis meses.

Antes de iniciar o desenvolvimento da própria mediunidade, deve a pessoa questionar-se qual o objetivo em fazê-lo, tendo em vista a necessidade de inserir seu possível sucesso no sentido que pretende dar à própria vida. Mesmo que se queira o bem da humanidade ou fazer caridade aos espíritos desencarnados com o esclarecimento, ou ainda buscar a própria redenção, deve-se ter uma visão de longo prazo na atual encarnação. O exercício da mediunidade chamada de *socorrista* requer abnegação e certos sacrifícios. É importante que o candidato a tal posto meça antes suas possibilidades para não se culpar adiante quando descobrir que não era aquilo que queria para si.

O desenvolvimento da mediunidade se constitui no exercício de um determinado tipo de uso e pela conexão a espíritos que se interessam pela comunicação que se pretende estabelecer. É importante que não se vá a uma reunião para desenvolver a mediunidade sem descobrir antes qual tipo possui mais proeminente. Seria conveniente não só estudar antes o espiritismo, junto a pessoas mais experientes, como também fazer alguns testes de detecção.

Recomendo que a pessoa faça alguns dos exercícios constantes do capítulo "*Pequenos exercícios práticos*", bem como teste sua sensibilidade mediúnica.

Os espíritos que se colocam junto aos candidatos a médium ostensivo geralmente visam o bem de seus pupilos assim como o progresso da humanidade. Eles, também, visam o próprio crescimento espiritual, pois estão em vias de reencarnar e pretendem continuar no contato com a mediunidade. É importante que o encarnado procure estabelecer uma relação empática com o desencarnado, na qual haja confiança e amizade. Como sempre, deve ser uma relação na qual ambos se considerem no mesmo nível de evolução.

O desenvolvimento da mediunidade é favorecido pela constante conexão que o indivíduo deve fazer com sua intuição e também cultivando sempre a certeza de estar em companhia dos espíritos. A intuição é um instrumento poderoso na vida do ser humano, pois é com ela que os espíritos contam para passar suas idéias aos encarnados, quando estes não apresentam mediunidade ostensiva.

A mediunidade não deve ser desenvolvida por conta simplesmente de uma obsessão. Muito embora possa ocorrer o desenvolvimento depois de tratada a obsessão, esta deve ser tida como uma expressão do inconsciente aflorado por influência de uma ou mais entidades espirituais. O desenvolvimento e a educação da mediunidade deve ocorrer sempre que o indivíduo o desejar, por tê-la naturalmente, ou quando haja sinais evidentes de sua manifestação explícita. Embora a mediunidade possa ser desenvolvida em qualquer lugar, inclusive em casa, porém é conveniente, por razões de segurança pessoal, que ocorra num Centro Espírita cuja orientação doutrinária se baseie nas obras de Allan Kardec.

Um dos fatores que contribui em muito para o desenvolvimento da mediunidade é a consciência da existência em si próprio, pois isso propicia a disposição psíquica à ocorrência dos fenômenos. Tal disposição pode, num primeiro momento, suscitar a imaginação, porém, após certo tempo de exercício, a própria pessoa poderá discernir sobre o que ocorrer. Tendo dificuldade em fazê-lo, é conveniente que submeta suas sensações e impressões a pessoas mais experientes.

São fatores que facilitam o desenvolvimento harmônico da faculdade mediúnica:

a) Disciplina em fazer certos exercícios ligados ao desenvolvimento. Fazer os mesmos exercícios todos os dias, no mesmo horário e, preferencialmente, no mesmo local;

b) Foco de atenção ao curso do próprio pensamento. Buscar um local onde possa haver recolhimento e sem incômodos

externos. Manter o pensamento voltado aos próprios objetivos;

c) Atenção voltada para suas próprias sensações, emoções e idéias. Procurar integrar mente e corpo como um único sistema;

d) A oração emocionalmente sentida. Buscar manter-se em oração rogando a Deus e aos Bons Espíritos a oportunidade de manter uma conexão mediúnica;

e) O contato mais freqüente e consciente com espíritos. Procurar participar de grupos que se dedicam ao estudo da mente, da mediunidade ou de questões ligadas aos espíritos desencarnados;

f) Contactar com outros médiuns. O contato freqüente com pessoas que já tenham a faculdade mediúnica desenvolvida e sob controle poderá também ser um facilitador para quem se coloque a seu lado.

Mesmo que se queira obter o desenvolvimento da mediunidade é possível que ela não desabroche na intensidade que se deseja. Há fatores psicológicos inconscientes e espirituais que podem interferir. Os fatores psicológicos inconscientes podem promover um bloqueio que impeça o desabrochar da faculdade. O bloqueio pode ser uma proteção do próprio indivíduo à invasão de conteúdos inconscientes que poderiam lhe trazer desequilíbrios. Esse mesmo bloqueio pode se dar por medo ou insegurança, os quais podem ser eliminados com paciência, persistência e estudo. Os fatores espirituais podem estar relacionados ao processo evolutivo do indivíduo, cujo conhecimento e avaliação dizem respeito a espíritos que lhe supervisionam a encarnação.

Mediunidade e sonhos

Os sonhos são produções espontâneas do inconsciente, sem a participação direta do *ego*. Eles brotam das conexões psíquicas que formam os nós das redes dos *complexos*. São expressões do Espírito que aliviam as tensões geradas pelo conjunto das emoções das experiências reencarnatórias. Não são quimeras nem fantasias, mas legítimas imagens carregadas de significado aparentemente incompreensível.

São resultantes simbólicos das intensas emanações das experiências vividas pelo espírito, que ficam gravadas no perispírito. Essas experiências podem ser ocorrências no momento do sono, da vida atual, de vidas passadas, assim como prognósticos quanto ao futuro.

Os sonhos que retratam vivências do espírito durante o sono do corpo físico, contêm menos símbolos e são mais nítidos e lógicos do que aqueles que trazem informações sobre vidas passadas. Porém, qualquer que seja o conteúdo dos sonhos, ele sempre terá símbolos a serem decodificados.

A existência da faculdade mediúnica desenvolvida favorece a produção de sonhos com fraco conteúdo simbólico, pois o inconsciente dos médiuns ostensivos é mais aberto à consciência. Tal abertura favorece o alívio natural das tensões inconscientes, conforme o médium for lidando harmonicamente com os fenômenos resultantes de sua relação com o espiritual.

Embora os sonhos retratem aspectos da vida do sonhador, contendo realidades que lhe pertencem, alguns médiuns têm a facilidade de sonhar com informações sobre a vida de outras pessoas. Isso é raro e denota a existência de uma faculdade psíquica especial.

Há pessoas que sonham com eventos que freqüentemente terminam por acontecer. São os chamados sonhos premonitórios. Esse tipo de mediunidade não só decorre do contato do médium com espíritos que lhe proporcionaram conhecimentos além do senso comum, como também por conta da flexibilidade maior do médium em vasculhar seu inconsciente, obtendo mais amplas informações para antever o futuro. Não são previsões absolutas, mas possibilidades de ocorrência, com altos níveis de probabilidade. A premonição é sempre uma possibilidade e não uma ocorrência futura absoluta.

Os sonhos dos médiuns podem estar misturados com idéias, emoções e informações de espíritos desencarnados que com eles mantêm contato próximo. Espíritos que porventura se encontrem no campo psíquico do médium, poderão, por pregnância, alterar o conteúdo de seus sonhos. Os símbolos neles presentes podem estar misturados aos próprios do inconsciente do médium. Os tipos de símbolos servem como elementos de identificação de sonhos que são vivências espirituais, dos sonhos comuns e oriundos da *psiquê* do próprio indivíduo. É sempre oportuno que os médiuns ostensivos levem seus sonhos para interpretação a pessoas que tenham conhecimento psicológico e espírita, e que poderão melhor auxiliá-los na compreensão dos símbolos neles presentes.

As pessoas que sonham freqüentemente com outras que já faleceram, parentes ou não, possuem um tipo de mediunidade a que chamo *mediunidade onírica*, pois ocorre durante o sono e só é percebida após o acordar. Seu desenvolvimento está associado à identificação dos personagens desencarnados presentes nos sonhos, bem como à interpretação adequada das mensagens neles existentes.

O médium onírico (não confundir com o médium sonambúlico) deve sempre buscar interpretar seus sonhos, se possível conjuntamente com os parentes dos desencarnados que neles surgem.

Alterações somáticas

O contato com espíritos desencarnados provoca uma ligação muito próxima e, às vezes, demorada, entre perispíritos, podendo promover a transferência de sintomas físicos de um para outro. Uma pessoa encarnada poderá ter sensações que pertencem a um desencarnado, caso este mantenha um contato íntimo e prolongado com aquela. A troca de fluidos favorecerá a transferência de sintomas. Da mesma forma ocorre no exercício prolongado da mediunidade, em face do contato constante com desencarnados, principalmente nas atividades de desobsessão.

Com o uso da mediunidade se flexibiliza o contato do médium com seu inconsciente, o que favorece a absorção pelo corpo físico de sensações e emoções nele guardadas na forma de *complexos* densamente carregados.

As alterações físicas que ocorrem pelo uso da mediunidade dependerão de fatores diversos, dentre os quais:

1. Densos *complexos* existentes no inconsciente. Quanto mais intensos sejam, maior probabilidade de serem somatizados, se não devidamente conscientizados e trabalhados pelo médium;

2. Tipo de indivíduo desencarnado e suas intenções. Quanto mais doentias sejam as entidades espirituais, maior sua influência nociva sobre o médium e maior a chance por parte deste de absorver as emissões fluídicas negativas, tornando-se propenso a doenças;

3. Grau de sensibilidade do médium. Quanto mais sensível mediunicamente, mais chance terá o médium de absorver fluidos espirituais;

4. Processos *cármicos* expiatórios do médium. Quando o médium possui *carmas* ligados a doenças, mais facilmente elas se instalarão;

5. Descuido do médium e envolvimento em situações de risco moral. Quando o médium se descuida de sua saúde, não tendo os cuidados necessários com ela e quando adota práticas atentatórias à moral e aos bons costumes.

Em geral, a presença de espíritos desencarnados no campo psíquico de um médium promove a assimilação de perispírito a perispírito de freqüências típicas aversivas de ambos. O perispírito de um pode evocar (emular) freqüências aversivas no outro. Não só o desencarnado transmite fluidos ao encarnado como o contrário.

Essa transmissão de fluidos de um ao outro, convencionalmente chamada de obsessão, é inerente à convivência entre espíritos encarnados e desencarnados. Não há como impedi-la de ocorrer. Pode-se evitar seus males, mas não se pode evitar que haja absorção. Um desencarnado, quando permanece por muito tempo ao lado de um encarnado (boa parte da encarnação), tenderá a assimilar suas características físicas (face, fala, jeito de andar, envelhecimento, etc.). Isso também ocorre no sentido inverso.

Uma pessoa pode ter uma doença cujo processo se inicie ou se acelere por um desencarnado em seu campo psíquico. A predisposição existe, independente do comportamento da pessoa, pois é inerente à convivência. Funciona como um perfume que se cheira pelo simples fato de ter-se um órgão capaz de lhe perceber a emanação. Isso serve para boas ou más vibrações, isto é, para as freqüências psíquicas agradáveis e desagradáveis.

A mediunidade facilita a conexão do perispírito de

desencarnados com o de um encarnado, que transmitirá suas captações vibracionais ao corpo físico. Este sofrerá as conseqüências de tal proximidade. As alterações se tornam menos perniciosas quanto maiores forem os contatos do médium com os Bons Espíritos. Isso se dá gradativamente enquanto se eleve moralmente.

Há alterações somáticas não decorrentes das influências espirituais, mas provocadas pela assimilação pelo corpo físico, de doenças que se localizam no perispírito do próprio indivíduo, por conta de suas atitudes no passado. São seus próprios processos *cármicos* em curso.

Há doenças provocadas pelo mau funcionamento orgânico, há aquelas psicossomáticas e outras provocadas por desencarnados. As psicossomáticas são conseqüência do nosso modo de sentir, pensar e agir na vida e que, por ativar *complexos* inconscientes, promovem alterações no corpo físico.

A mediunidade não provoca doenças, nem tampouco seu não uso será a causa delas. Ela é apenas uma porta semi-aberta ao espiritual que deve ser educadamente fechada e aberta nos momentos adequados.

Mediunidade e gravidez

Qual será a influência do exercício da mediunidade durante a gravidez? Há porventura alguma contra-indicação? Por enquanto não há estudos mais profundos sobre a influência da mediunidade na gravidez e vice-versa. Há referências de aumento de sensibilidade da médium durante a gravidez.

Por tornar a mulher mais sensível emocionalmente é claro que ampliará suas capacidades intuitivas e emocionais, favorecendo o exercício da mediunidade nesse campo. Não afetará outros tipos de faculdades mediúnicas, as quais independem diretamente do estado emocional do médium.

A gravidez é um fenômeno natural na vida de uma mulher e seu organismo se prepara adequadamente para que ela ocorra. As condições especiais de uma gestação alteram o estado de sensibilidade do organismo e, por algum motivo especial, o estado psíquico geral da mulher. Quando houver o desabrochar da mediunidade durante a gravidez, deve a mulher avaliar seu estado psíquico geral a fim de não se confundir e não prejudicar sua relação com o bebê. O exercício da mediunidade ostensiva pode contribuir para que o espírito reencarnante venha a se perturbar, principalmente se seu estado for frágil e inspire cuidados.

A gravidez não é apenas uma predisposição e interação orgânica, mas uma interação perispiritual. Além da ligação orgânica entre mãe e filho há uma ligação de natureza energética entre

um perispírito e outro, que promoverá alterações significativas no modo de pensar e sentir de ambos. O fato de se tornar mãe, as alterações nas respostas culturais do meio a ela, que adota um trato especial, além dos *complexos* ativados pela conexão entre mãe e filho, são circunstâncias que promovem alterações no campo psíquico da mulher.

Durante a gestação não se tem idéia precisa do estado do reencarnante, como também se ele se encontra dentro ou fora do corpo em formação, muito embora sempre permaneça ligado fluidicamente a ele. Creio que quanto mais próximo ao corpo físico da mãe, mais sofrerá as influências que ela suportará no exercício da mediunidade ostensiva.

A depender do estado do reencarnante, poderá a mãe captar seus pensamentos e transmiti-los mediunicamente. Tal ocorrência não é de todo impossível, pois há espíritos que permanecem por muito tempo lúcidos durante a gestação. Mesmo em estado de hibernação, ele estará em íntima ligação mental com a mãe, partilhando pensamentos e emoções, o que favorecerá uma possível comunicação mediúnica.

A justaposição dos dois perispíritos ou a simples ligação entre eles ativará centros de forças na mãe, os quais a capacitarão a uma maior sensibilidade mediúnica. Àquelas que exercem a mediunidade com mais segurança, a gravidez tenderá a aperfeiçoar sua faculdade durante aquele período. Nem sempre a gestante se sente segura para o exercício da mediunidade ostensiva, por conta de sua maior sensibilidade e do foco maior de atenção ao seu filho e ao seu estado. Quando estiver se sentindo menos segura é mais adequado suspender temporariamente os exercícios de atividades mediúnicas mais ostensivas, principalmente o trato com espíritos mais agressivos e doentes. Após o nascimento do bebê, pode-se retornar às atividades mediúnicas normais. Outras formas de exercício mediúnico, inclusive o passe, não interferem na gravidez nem sofrem sua interferência.

Obsessão e transtornos psíquicos

Não é simples diferenciar no ser humano aquilo que é psicológico do que é psicopatológico. A linha divisória inexiste e os fenômenos que afetam uma pessoa podem não afetar outra. Tudo se passa no mundo íntimo de cada um, e a forma como se lida internamente com os eventos externos, será fator de desequilíbrio ou não. Se já é difícil diferenciar o psicológico do psicopatológico, muito mais o é estabelecer a influência da mediunidade em ambos os casos. A rigor, a mediunidade está presente tanto nos fenômenos psicológicos comuns, como também, e principalmente, nos complexos processos psicopatológicos. Psicológico, psicopatológico e mediúnico são campos que se interpenetram e que merecem estudos interdisciplinares sem preconceitos, tanto pelos espíritas quanto pelos psiquiatras e psicólogos. Há muito que se aprender se houver disposição isenta de rejeições de parte a parte.

Como bem denominou Allan Kardec a obsessão é o "*domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar.*"[8]

---

[8] O Livro dos Médiuns, Cap. XXIII, p.297, 52ª Edição, 1985, FEB.

Qualquer ser humano está suscetível à obsessão, pois as influências espirituais na vida cotidiana são comuns e ocorrem a todo o momento. Algumas pessoas são mais frágeis e imaturas psiquicamente e, portanto, mais suscetíveis àquele domínio, tendo dificuldades em evitar que se tornem alvos fáceis da obsessão. Os meios de fazê-lo estão à disposição de qualquer um, desde que eduque seu sentir, seu pensar e seu agir.

Difícil distinguir ou separar um transtorno psíquico da obsessão, tendo em vista, não só pelas semelhanças das causas que os provocam, como também pelas características comuns dos sintomas que apresentam. Pode-se afirmar, sem receio de errar, que eles ocorrem simultaneamente nos portadores de um e de outro. A interseção entre as afecções psíquicas e a obsessão é maior do que se supõe e é um equívoco tratar-se de uma desprezando-se a outra.

As obsessões, como os transtornos psíquicos, são classificadas de acordo com a intensidade e tipo de sintomas que apresentam. Quanto mais constrangimentos apresentem à liberdade de escolha e limitação da vontade do indivíduo que delas ou deles são vítimas, mais difícil sua cura. As causas se localizam nas atitudes atuais e pregressas da pessoa, principalmente quando elas feriram o direito de alguém ou agrediram as leis de Deus. Os espíritos que provocam as obsessões assim procedem, na maioria dos casos, por vingança pelo que sofreram em outras existências, por estarem sofrendo e quererem que outros sofram e por covardia. Pelos efeitos que produzem pode-se identificar se uma pessoa está sob obsessão.

São sinais característicos da obsessão:

1. Falhas freqüentes no curso, conteúdo ou forma do pensamento, com conseqüentes perturbações no contato com a realidade;

2. Alterações freqüentes de comportamento à revelia da pessoa, gerando constrangimentos e dificuldades em viver a normalidade cotidiana;

3. Perturbações psicóticas (alucinações, delírios persecutórios, audição de vozes, etc.), que provoquem dificuldades de conciliação com a normalidade do *ego*;

4. Alterações constantes da senso-percepção, promovendo constantes distorções na qualidade e quantidade do que é captado pelos cinco sentidos;

5. Sintomas característicos da Síndrome de Pânico (taquicardia, sensação de asfixia, medo sem causa aparente, suor frio nas extremidades, medo de sair sozinho, etc.), provocando alterações na vida diária;

6. Sensações típicas da mediunidade não educada (vide capítulo ´Sinais e sintomas característicos da mediunidade´), perturbando a vida e as relações da pessoa;

7. Alterações constantes na quantidade e qualidade do sono, provocando insônias ou o dormir em quantidade além do habitual;

8. Recorrências em distúrbios descritos pela Psiquiatria como Transtornos Mentais, exceto aqueles cujas causas se devem a problemas neurológicos e aos congênitos.

A gradação proposta por Allan Kardec é uma síntese que resume os efeitos típicos das obsessões provocadas pelos espíritos desencarnados. Ele classifica as obsessões em três tipos: obsessão simples, fascinação e subjugação. A característica principal da obsessão simples é a tenacidade na agressão espiritual a alguém, perpetrada por um ou mais espíritos. Na fascinação é a ilusão do pensamento, falta de autocrítica, provocando situações ridículas e constrangedoras ao indivíduo, bem como o afastamento de quem possa esclarecê-lo. Já na subjugação ocorre a paralisia da vontade, imposição de atitudes constrangedoras, provocando, na maioria dos casos, o surto psicótico ou a loucura.

A classificação proposta pela Psiquiatria em relação aos Transtornos Psíquicos é bem abrangente em face de fazê-la exclusivamente pelos sintomas, sem que se refira àquelas provocadas

pela obsessão espiritual. Em alguns transtornos relacionados pode-se observar que se trata de obsessão espiritual. A Psiquiatria teria muito a aprender com o Espiritismo, porém este terá que desdobrar em muito seus princípios para poder efetivamente ajudar àqueles que se encontram obsedados.

Acreditar que a Psicologia e a Psiquiatria são capazes, com os conhecimentos até então por elas resumidos, de resolver os transtornos psíquicos sem atentar para a obsessão, está na mesma medida equivocada de achar que se pode tratar a obsessão sem resolver os conflitos psicológicos do indivíduo.

Não basta encaminhar o obsidiado ao tratamento de passes e assistir a reuniões espíritas públicas, enquanto se intercede em seu favor nas reuniões mediúnicas de desobsessão. Acresce a essas práticas as recomendações de realizar o Evangelho no Lar, além de que o doente faça a chamada reforma íntima. Por si só, isso tudo pode ser insuficiente, e na maioria dos casos o é, se não houver um outro trabalho psicológico de análise dos processos psíquicos que predispõe o indivíduo à obsessão, tais como: suas culpas, seus medos, seus *complexos* inconscientes etc.

Os tratamentos psicológicos e psiquiátricos, para os graves transtornos psíquicos, nos quais a obsessão está presente, são frágeis. Um complementa o outro. O estudo da faculdade mediúnica e seus efeitos sobre o psiquismo humano serão de grande valia à Psicologia Clínica e à Psiquiatria, que virão a ser, como pensava Allan Kardec, as verdadeiras ciências da Alma.

Características da obsessão nos médiuns ostensivos

As pessoas que logo cedo apresentam sinais ostensivos de mediunidade estão sujeitas, com mais intensidade a sofrerem graves obsessões. Mesmo aqueles que já se consideram médiuns prontos podem também sofrer algum tipo de influência espiritual com características de obsessão.

A seguir, apresento alguns sintomas que denotam obsessão no médium, os quais extraí das observações de Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*. O conjunto destas características numa só pessoa não só se trata de obsessão, como também de grave transtorno psíquico que impede o crescimento espiritual do portador da mediunidade ostensiva.

1. A atividade mediúnica mostra-se dominada por um único espírito desencarnado, ou seja, o médium só se predispõe a ser intermediário de um determinado espírito;

2. Ausência de senso crítico do médium quanto à qualidade de suas comunicações. A característica principal é o médium afastar-se de pessoas ou grupos que possam analisar o produto de sua faculdade. São refratários às considerações de terceiros e se valem de elogios de amigos que se colocam a seu lado;

3. Crença na infalibilidade dos espíritos. Assim ocorre quando o médium, por não se sentir suficientemente seguro de si e não

estar confiante em seu próprio bom senso, acredita que os espíritos que dele se acercam são sábios. Muitas vezes o médium acredita que dessa forma está sendo humilde. Às vezes é uma humildade subserviente. Ele se esquece de que os espíritos são pessoas como ele mesmo;

4. Crença em elogios de espíritos. Todo ser humano tem necessidade de ser elogiado. Isto não decorre apenas do desejo do *ego,* mas também por causa de *complexos* psíquicos inconscientes de inferioridade que são ativados. Há espíritos que, para predominarem sobre certos médiuns, se utilizam maliciosamente dessa forma de obsessão;

5. Afastamento de pessoas que emitem opiniões aproveitáveis. Isso ocorre quando o médium deseja ser exclusivo em seu grupo, para obter notoriedade no presente ou no futuro. Torna-se presunçoso quando assim age;

6. Considerar toda crítica como negativa. Todo ser humano tem dificuldade em aceitar críticas ao que faz. O estar certo é uma exigência sócio-cultural que impede, à primeira vista, de se aceitar a crítica, por mais construtiva que seja. O orgulho também contribui fortemente a isso, pois em geral não se quer para si a crítica e a inferioridade social;

7. Uso constante e inoportuno da mediunidade. Esta é a ocorrência mais comum entre os médiuns, pois ele passa a se destacar exatamente por ser portador da mediunidade ostensiva. Na maioria das vezes, ele próprio, por insegurança, sente um forte desejo de testar sua mediunidade. Quer ter certeza de que realmente são os espíritos que realizam seus “prodígios” e, às vezes, se exibe;

8. Constrangimento ao médium. Algumas vezes, quando existe obsessão por fascinação, observa-se pessoas em atitudes constrangedoras, nas quais o senso crítico pessoal desaparece. Por exemplo: pessoas que dão escândalos públicos reclamando pequenos direitos, cuja obtenção poderia ocorrer de outra forma muito mais tranqüila, e que se arrependem após o ocorrido;

9. Desordens persistentes em torno do médium. É comum aos médiuns que não se resolvem como pessoa e não adotam a humildade como norma interna, que ocorram certos inconvenientes em sua vida pessoal. Pequenos contratempos, dificuldades financeiras, dificuldades profissionais, dentre outras. Certos espíritos aproveitam a ignorância do médium e a sua pouca habilidade em lidar com sua própria personalidade, provocando aqueles transtornos.

Se você se enquadra na categoria de médium ostensivo que trabalha com mediunidade há muito tempo, verifique se algumas dessas características estão presentes na sua prática. Caso você se reconheça em pelo menos uma, busque sinceramente um amigo com o qual você possa conversar a respeito. Talvez ele possa ajudá-lo.

Desobsessão e psicoterapia

A desobsessão deve fazer-se acompanhar de algum tipo de terapia complementar visando a compreensão do indivíduo quanto ao porquê e ao para quê ela se instalou. Não basta curar-se, mas, principalmente, é preciso descobrir como ela se instalou e a serviço de quê veio. Certamente a Vida quer, ou quis, ensinar algo ao obsedado que não foi aprendido por meios menos sofríveis.

Muito importante é que as pessoas que passam ou passaram por uma obsessão busquem ajuda psicoterápica a fim de complementar o processo de aprendizado quanto à descoberta de si mesmos. Idêntica providência deve ser tomada por aqueles que, embora não estejam obsedados, lidam com a desobsessão. Todos os que com essa ocorrência se relacionam devem fazer algum tipo de *análise* pessoal.

Preferencialmente esse processo de análise pessoal deve ser feito por profissionais conhecedores da mediunidade e da obsessão, a fim de melhor auxiliar e compreender o analisando.

A psicoterapia, como complemento à desobsessão, decorre do fato de que a obsessão é um fenômeno cujos componentes básicos se encontram no inconsciente do encarnado. As experiências emocionais que atingiram alguém ou que denunciaram algum desconhecimento das leis de Deus, se encontram no perispírito à espera de solução, para a educação do espírito. Enquanto elas não forem compreendidas e trabalhadas, o indivíduo estará predisposto à obsessão.

Os processos da obsessão e da desobsessão envolvem a existência de tais experiências, as quais emitem vibrações específicas, atraindo espíritos a elas vinculados e que estejam na mesma faixa vibratória, promovendo as influências espirituais. As vibrações são emitidas pelos núcleos dos *complexos* instalados no inconsciente. A psicoterapia será útil para a dissolução de tais *complexos*.

O esclarecimento que se dá nas reuniões mediúnicas aos desencarnados e as orientações aos encarnados obsidiados, nem sempre são suficientes para a necessária solução dos conflitos dos indivíduos envolvidos. Ambos deverão, de um lado e do outro, merecer continuidade do tratamento, a fim de melhor entenderem as causas em si mesmos. Os desencarnados continuarão a receber ajuda por parte dos espíritos benfeitores. O encarnado necessitará de auxílio semelhante.

Os recursos utilizados para tratamento das obsessões não são suficientes para a completa solução dos problemas que elas acarretam. Uma psicoterapia se faz necessária baseada na condição de espírito eterno, o qual contém em si, no inconsciente perispiritual, uma série de *complexos*, culpas, medos, frustrações etc., não resolvidos. Não se trata de uma psicoterapia exclusivamente baseada no *carma* ou na idéia restrita de débito ou resgate. O Espiritismo é muito mais rico do que o reducionismo que normalmente se faz dele, quando passa a idéia equivocada de que estamos aqui apenas por conta da chamada “lei de causa e efeito”.

Uma obsessão não se instala por uma ação do passado, mas por um conjunto de atitudes, idéias e emoções que envolvem a vida de alguém. Há que se entender que estamos lidando com personalidades e não com máquinas. A chamada “lei de causa e efeito” não se aplica ao psiquismo humano de forma linear, como na Física Clássica, pois entre a causa e o efeito há leis misericordiosas que atuam em favor do aprendizado de quem se equivocou.

A confluência entre uma psicoterapia baseada numa psicologia espiritual e o tratamento desobsessivo está por vir, na medida que a psicologia clínica e o Espiritismo prático avancem. Uma psicologia espiritual terá que ser profunda a fim de penetrar no inconsciente e na essência do ser imortal. Certamente não deverá ser superficial nem tratar de questões exclusivamente materiais. Terá que se acercar de instrumentos capazes de investigar as estruturas emocionais no perispírito, trazendo as experiências ali contidas à luz do *ego*.

A psicoterapia espiritual levará o indivíduo ao encontro de sua natureza atual, isto é, até onde ele chegou com suas encarnações, a fim de que possa olhar para frente e encontrar um sentido para sua existência como espírito imortal. Nessa psicoterapia, analista e analisando, ambos, estarão juntos, face a face, para que possam crescer no processo. Ela deverá trazer à tona para consciência do *ego*, os mecanismos de defesa, os quais naturalmente ocorrem e que, embora auxiliem nas relações com o outro, camuflam a verdadeira personalidade. Deverá ser capaz de proporcionar a descoberta dos potenciais do Espírito, bem como levá-lo à efetiva transformação e iluminação interiores.

O Espiritismo prático inserirá, em acréscimo ao tratamento da desobsessão, atendimentos psicoterápicos individuais e em grupo, para que o indivíduo encontre um momento para cuidar de si mesmo e assumir seu próprio destino. Os diálogos entre encarnado (chamado de "doutrinador" ou "esclarecedor") e desencarnado (chamado de "obsessor" ou "perseguidor") além de ocorrerem de coração a coração, devem conter questões profundas dos processos psíquicos do último. O primeiro deverá ser preparado também em técnicas psicoterápicas adequadas para que se abram as "feridas" do segundo, com o cuidado e a habilidade necessários sempre que se lida com o psiquismo humano. A introdução dessas técnicas não excluirá, de forma alguma, a boa vontade, o bom senso, o estudo doutrinário, tampouco o amor no trato com os desencarnados.

Em paralelo às reuniões mediúnicas de desobsessão, deve-se estruturar um trabalho de atendimento psicoterápico, tendo por base uma psicologia espiritual profunda, a fim de auxiliar o indivíduo que busca o Centro Espírita a encontrar-se consigo mesmo.

Infância e mediunidade

Tudo leva a crer que a mediunidade na criança é algo rudimentar. As percepções não são tão estruturadas como no adulto, visto que em seu psiquismo ainda não se completou o desenvolvimento adequado do *ego* para sustentar as invasões psíquicas possíveis.

Os fenômenos mais comuns estão na área da vidência a desencarnados familiares da atual ou de outras vidas, cujas presenças no campo mediúnico da criança, por conta em geral da boa relação que tiveram, evocam-lhe recordações agradáveis, transmitindo-lhe bons fluidos, bem como lhe infundem confiança e tranqüilidade para enfrentar os desafios futuros.

Pode-se imaginar que a imaturidade física e psicológica na criança é um obstáculo ao desenvolvimento equilibrado da mediunidade, bem como ao seu uso.

O desenvolvimento da mediunidade na infância é um risco que se corre em face dos desequilíbrios psíquicos que podem advir para a criança. Nem sempre o espírito encarnado que se encontra na infância estaria apto a lidar com a confusão mental que isso acarreta. Os pais devem conversar e educar seus filhos sem lhes impor comportamentos formais e padronizados típicos dos adultos.

As obsessões em crianças não são comuns, não só pela sua conduta inocente, pela proteção de que gozam, como tam-

bém pela pouca influência dos *complexos* inconscientes. Quando crianças estiverem sob influência espiritual obsessiva devem os pais procurar tratamento espiritual e psicológico. Este último, nos casos em que o comportamento da criança e sua compreensão de mundo estejam visivelmente comprometidos.

Talvez pelo fato de estar camuflado num corpo muito infantil, o encarnado saia temporariamente (até a puberdade) do foco de desencarnados inimigos. *Escondem-se* até que a reencarnação se complete no início da adolescência.

Quando os pais notarem que seus filhos possam estar sofrendo algum tipo de obsessão (sono freqüentemente agitado, comportamento inabitual, doenças sem diagnóstico específico, medos sem causa aparente, agressividade não típica, hiperatividade fora do comum, sentimento de perseguição por vultos estranhos, etc.) devem levá-los a tratamento médico-psicológico e a tratamento espiritual à base de passes.

Crianças que apresentam transtornos psíquicos com influência espiritual obsessiva devem ser conduzidas a tratamento psicológico ou psiquiátrico, conforme seja o caso, e a tratamento espiritual, sem ser conduzida à reunião mediúnica ou ao desenvolvimento de sua faculdade.

O que os pais devem fazer quando seus filhos apresentarem sinais precoces de mediunidade? Devem conversar, sem alardes, com eles a fim de se interarem sobre o que sentem ou vêem. Conseqüentemente devem esclarecer-lhes sobre o assunto e, para tanto, devem, eles próprios, conhecer do que irão falar, ou procurar pessoas experientes em auxílio. Não são incomuns as referências a fenômenos mediúnicos com crianças, os quais, muitas vezes, perturbam mais aos pais do que a elas próprias. As percepções mediúnicas por parte de certas crianças, principalmente o contato mente a mente, são comuns e costumam assustar mais aos adultos, que ouvem-nas contar, do que a elas próprias.

Nada há que comprove ser a mediunidade uma faculdade exclusiva do adulto ou que esteja relacionada à maturidade do

corpo físico. Qualquer criança tem o potencial da faculdade mediúnica, podendo ser despertada a qualquer tempo. Não devem os pais estimular a mediunidade em seus filhos, tendo em vista a possibilidade de lhes dificultar a estruturação do *ego*. A pouca quantidade de crianças que se conhece exercitando a mediunidade explícita se deve à não maturação do *ego,* ainda não consolidado para o exercício de uma faculdade, cuja possibilidade de cindir, por esse motivo, é grande. Não é adequado o exercício da mediunidade, a qual se pressupõe seja um contato com o mundo adulto de lá e de cá, em crianças antes da adolescência.

A educação espirítica de crianças deve prioritariamente começar em casa e ser complementada em instituições pedagogicamente preparadas para tal, com conteúdos adequados ao *ego* em fase de consolidação. Essa educação não deve conter exercícios mediúnicos nem contatos explícitos com desencarnados em condições de sofrimento ou com intenções agressivas.

A presença de crianças em reuniões mediúnicas de desobsessão é uma ocorrência que deve ser evitada, em face do desequilíbrio que pode ser gerado. Caso apresente mediunidade ostensiva, deverá ser orientada por educador espírita experiente no trato com a mediunidade. Seria de bom alvitre que o passe dado às crianças seja em reunião distinta dos adultos. O tratamento espiritual às obsessões em crianças deve se limitar ao passe individual. Em alguns casos deve ser administrado apenas em casa.

Crianças desencarnadas podem dar comunicações mediúnicas através de médiuns adultos apresentando linguagem infantil. Isso é factível, pois alguns deles não assumem a idade adulta logo após a desencarnação. Aos poucos o espírito comunicante, ao ser esclarecido de sua condição e auxiliado por benfeitores espirituais, vai retomando sua condição de espírito lúcido, consciente de sua adultez.

Adolescência e mediunidade

A adolescência é a fase das grandes transformações da encarnação. Nela ocorre a finalização do processamento da reencarnação, a consolidação do *ego* e necessidade de separação dos padrões paterno-materno, a maturação dos órgãos sexuais, identificação com um grupo social, dentre outros processos que colocarão o espírito encarnado em condições de iniciar seus desafios.

Na adolescência, que geralmente vai dos 12 aos 18 anos, quando os hormônios estão em ebulição no corpo físico e as transformações na consciência são bem marcantes, é que a mediunidade parece dar seus primeiros sinais. Alguns adolescentes demonstram, às vezes, mais maturidade do que os adultos na busca e compreensão das questões espirituais e da religião. Devem os pais não só respeitar, como estimulá-los ao estudo das questões espirituais, a fim de auxiliá-los na compreensão da vida e da própria mediunidade, quando apareçam suas primeiras manifestações.

Da mesma maneira que se lida com a mediunidade nas crianças, deve-se fazê-lo com os adolescentes. Conversar a respeito, mas não estimular o exercício, devido à prioridade em cuidar das questões ligadas ao desenvolvimento intelectual típico da idade.

Quando a mediunidade explícita aparece nessa fase, costuma trazer transtornos ao psiquismo do adolescente. Sua mente

está ainda confusa com a vida quase adulta, com as responsabilidades perante o mundo e com as descobertas típicas. É prudente buscar ajuda especializada numa instituição espírita para que a mediunidade explícita não promova o aparecimento de um transtorno psíquico.

Quando o adolescente é muito impressionável ou emocionalmente frágil, a "presença" de outro pensamento em sua mente, poderá fazê-lo acreditar, pela falta de experiências adultas, que se trata de fantasias ou imaginações criativas. Como se encontra em fase de fortalecimento da identidade pessoal, dificilmente separará o que é de sua própria personalidade daquilo que porventura pertença a uma entidade desencarnada que esteja em seu campo mediúnico.

Porém, quando o adolescente, pela sua expressão verbal, pela naturalidade e segurança com que lida com o fenômeno mediúnico, demonstrar compreensão e maturidade para exercer sua mediunidade, não há risco em que participe das mesmas reuniões dos adultos. Mesmo assim sendo, é prudente que seja sempre assistido por pessoas mais experientes.

O desenvolvimento da mediunidade na adolescência, sobretudo ao final dela, não deve ocorrer em prejuízo das atividades educacionais do jovem. Deve-se estimulá-lo à responsabilidade para com a escola formal em paralelo aos seus estudos espíritas. Importante também é sua formação profissional e, na idade adequada, conseguir um trabalho digno, para que não se descuide de sua independência financeira futura. Igualmente para que não deixe de exercer sua cidadania e respectivas obrigações sociais. O Espiritismo prega que o bom espírita seja bom cidadão, bom pai ou mãe, bom filho-filha, bom empregado ou bom patrão, bom administrador de seus recursos materiais etc.

O estudo mediúnico para o adolescente ou para um grupo de jovens, numa instituição espírita, deve ser sempre orientado por pessoas mais experientes no trato com a mediunidade, a fim de se evitarem problemas ligados a obsessão ou mesmo para que

se evite a excessiva focalização do fenômeno, em detrimento do estudo filosófico.

Por outro lado, os pais que porventura sejam espíritas não devem impor ao adolescente que vá ao Centro ou mesmo que desenvolva sua mediunidade, pois tal atitude poderá ser prejudicial à relação com ele e contribuir para que considere a instituição um local de correção. O Espiritismo deve ser oferecido como uma opção à busca de espiritualidade. O melhor instrumento, o qual servirá de estímulo ao adolescente para dedicar-se aos estudos espíritas, será sempre o comportamento e o exemplo dos pais.

Mediunidade institucional e caritativa

A mediunidade institucional é aquela praticada no ambiente de uma instituição espírita, na qual se busca, pela disciplina e pelo estudo, sua educação. O exercício da mediunidade num Centro Espírita significa, além de contributo para o desenvolvimento pessoal, uma das formas mais nobres de se praticar a caridade. A doação desinteressada em favor de outrem, utilizando-se dos recursos mediúnicos que se possui, proporciona o surgimento do sentimento de utilidade perante a Vida.

A mediunidade, entre aqueles que praticam o Espiritismo, é tratada como algo especial e seu exercício considerado como redenção para seu portador. Porém nem sempre é tratada como uma faculdade inerente ao humano e que pode ser utilizada de diversas maneiras na vida do indivíduo. Ela é tratada como um instrumento sagrado à semelhança de um objeto intocável e extremamente distanciado de algo natural. Por conta de um viés religioso e moralista, as recomendações para seu exercício são mais voltadas para os riscos e perigos do que para o equilíbrio e a felicidade de seu portador. Ela ainda não é explorada como instrumento natural para ser utilizado na vida cotidiana.

A mediunidade é uma faculdade adquirida pelo espírito em dado momento de sua evolução e seu desenvolvimento significa melhores possibilidades de crescimento espiritual. Esse desen-

volvimento não se restringe à prática numa instituição, qualquer que seja. Sua utilização deve se ampliar às dimensões da vida humana, isto é, levá-la à dimensão social, familiar, profissional, educacional, intelectual, dentre outras.

A mediunidade utilizada com fins financeiros ou com o intuito de prejudicar pessoas em práticas religiosas ou não, não sofre alteração quanto à sua existência no indivíduo. Tais práticas, porém, interferem na evolução espiritual de quem assim age e geram vínculos de qualidade inferior. O uso da mediunidade, qualquer que seja a finalidade, embora contribua para seu desenvolvimento, poderá trazer conseqüências negativas à vida futura do médium, a depender de seus objetivos. Quando seu exercício se dá numa instituição espírita, que se pauta pelas obras de Allan Kardec, há uma garantia de que ela será para o bem do médium e sem prejuízo de sua evolução.

O desenvolvimento da mediunidade numa instituição, bem como seu exercício regular, oferece algumas garantias ao médium, se seguir os preceitos recomendados por Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*. O médium não deve limitar seu uso à instituição, mas levá-lo às dimensões de sua vida, cuidando para não fazer dele instrumento de exercício profissional.

A mediunidade fora de uma instituição é útil na vida diária na medida que o médium buscar, pela sua intuição, estar em contato com os Bons Espíritos, procurando soluções criativas aos seus afazeres. Quando se considera o contato com o espiritual pela intuição como algo permanente, as possibilidades de captação de idéias criativas aumentam consideravelmente. Nas diversas atividades cotidianas, pode-se utilizar a ligação consciente com espíritos desencarnados, para o aprimoramento da própria maneira de ser, principalmente com aqueles que tenham inteligência, bondade e espiritualidade maior que a do encarnado.

A mediunidade numa instituição obedece a limites necessários à compreensão e autocrítica dos médiuns. Não é fácil conduzir-se com ela fora de seus muros, pois as possibilidades de desequilibrar-se por falta de orientação específica são maiores.

Teste sua sensibilidade mediúnica

Os resultados de um teste, qualquer que seja seu tipo, são sempre probabilidades e refletem aspectos pontuais. Não são verdades absolutas nem mostram a totalidade do que se pretende obter. Na sua elaboração, os testes procuram evitar um viés a fim de alcançar a maior isenção possível, muito embora tragam, embutidos, pressupostos que os direcionam. O teste que você vai fazer agora busca, de forma bem simples, captar seu contato com o espiritual mediúnico a fim de identificar em que grau de intensidade isso existe em você. Procure ser bem franco nas respostas, aplicando o número correspondente à freqüência relativa que ocorre em sua vida.

Este teste é um pequeno exercício, fruto de observações pessoais, não sendo resultante de experimentos científicos ou de elaborações profundas. Não deve ser aplicado a crianças ou a pessoas em surto psicótico, bem como àqueles que são muito sugestionáveis. Ele não detecta sua mediunidade, mas apenas lhe dá alguns indicativos de como ela se encontra e o que você deve fazer para tomar consciência de seu uso.

Não pretendo que este teste seja preciso, mas apenas que se torne uma escala na qual o indivíduo se perceba e lhe permita iniciar um processo de busca de sua própria mediunidade.

Teste de sensibilidade mediúnica

Data ___/___/___

Nome_______________________________________

Idade________ Profissão_________________

Sexo_________ Nível de escolaridade____________

Instruções para o teste

1. Preencha o cabeçalho acima antes de fazer o teste;

2. No espaço ao lado esquerdo no início de cada pergunta coloque o número correspondente ao grau de intensidade com que você viveu a experiência questionada;

3. Procure responder fazendo uma reflexão bem profunda sobre a ocorrência de cada evento questionado ao longo de toda sua vida;

4. Não deixe nenhuma pergunta em branco;

5. Após responder a todas as perguntas passe os números para a página seguinte colocando sua soma no lugar solicitado;

6. Leia sobre cada mediunidade e seu grau de intensidade em você, de acordo com as letras das colunas e as letras das somas anotadas.

7. Utilize o tempo que for necessário para responder; Quando não tiver certeza, utilize a resposta mais satisfatória. Geralmente a primeira reação é a mais indicada.

Marque de acordo com o grau de intensidade da escala a seguir.

Nunca se aplica a mim	0
Quase nunca se aplica a mim	1
Raramente se aplica a mim	2
Às vezes se aplica a mim	3
Geralmente se aplica a mim	4
Quase sempre se aplica a mim	5

Questionário

___**01**. Você já falou para alguém sob estado de forte excitação, esquecendo-se em seguida das idéias apresentadas?
___**02**. Alguém já se curou de uma doença após ter tido algum tipo de contato com você?
___**03**. Já produziu algum quadro de desenho ou pintura mediúnica?
___**04**. Você já sentiu (impressão, sensação, pressentimento) a presença de espíritos desencarnados, isto é, de pessoas já falecidas?
___**05**. Já teve forte necessidade de escrever e cedeu ao impulso de forma rápida e surpreendente?
___**06**. Você freqüenta algum centro espírita sem que lá trabalhe como médium ostensivo?
___**07**. Você já viu vultos passarem próximos a você, estando a sós?
___**08**. Produziu alguma obra (falada, escrita ou artística) com qualidade muito superior à sua habilidade normal em fazê-lo e em tempo muito curto?
___**09**. Já ouviu ruído dentro de objetos ou paredes, sem causa aparente, atribuível a espíritos desencarnados?
___**10**. Você já entrou em estado alterado de consciência, sem uso de substâncias químicas?
___**11**. Você já teve síndrome de pânico ou sensação de asfixia, taquicardia, queimor ou suor frio sem causa orgânica?
___**12**. Você já teve sonhos premonitórios que se confirmaram posteriormente?
___**13**. Você aplica Passes, Reiki, Johrei ou assemelhados?
___**14**. Quando quis dormir já teve dificuldades em mover o corpo (acordar)?
___**15**. Você já desenhou ou pintou alguma imagem sem ter qualquer aptidão para tal e em tempo muito curto?
___**16**. Já lhe ocorreu pensar em alguém a quem não vê a algum

tempo e encontrá-lo no mesmo dia?

___**17**. Já psicografou alguma mensagem mediúnica?

___**18**. Participa de reuniões mediúnicas, apenas como assistente?

___**19**. Já viu nitidamente algum espírito desencarnado?

___**20**. Já teve alguma experiência de desdobramento ou projeção de corpo astral?

___**21**. Próximo a você já ocorreu algum fenômeno mediúnico de efeito físico, tal como objetos aparecerem e desaparecerem inopinadamente?

___**22**. Já se sentiu, em alguma atitude sua, sendo guiado por uma inteligência desencarnada?

___**23**. Já ouviu vozes dentro de você mesmo?

___**24**. Costuma sonhar com pessoas que já morreram?

___**25**. Você trabalha profissionalmente como fisioterapeuta, terapeuta ou psicoterapeuta?

___**26**. Já teve a forte sensação, chegando a um lugar, de ali ter estado antes (*déjà vü*)?

___**27**. Você já fez algum trabalho de escultura conscientemente atribuído a algum espírito desencarnado?

___**28**. Na infância, ocorreram fenômenos com você que obrigaram seus pais a recorrerem a práticas mediúnicas em seu favor?

___**29**. Já lhe ocorreu uma forte excitação na mão com tremor e simultânea vontade de escrever?

___**30**. Já lhe ocorreram seguidas noites de insônia sem causa orgânica?

___**31**. Você, pouco antes de adormecer, já viu parentes falecidos ou pessoas desconhecidas à semelhança de espíritos desencarnados?

___**32**. Já tomou alguma vez, por mais de um mês, medicação psiquiátrica (ansiolítico, anti-psicótico, anti-depressivo, etc.)?

___**33**. Já ocorreu à sua volta, sozinho ou acompanhado de al-

guém, a movimentação de algum objeto, contrariando seu estado natural e sem a ação física conhecida?

___**34**. Alguma vez esteve em surto psicótico diagnosticado por um psiquiatra?

___**35**. Já, pela voz, reproduziu o sentimento ou pensamento, pertencente a um espírito desencarnado?

___**36**. Utilizou-se de artefatos ou algum método para predizer o futuro das pessoas (cartas de tarô, búzios, runas, pedras, leitura de mãos, ou outros)?

___**37**. Você intencionalmente já conseguiu que algum doente se curasse após seu pedido ou desejo?

___**38**. Já foi diagnosticado alguma vez que você estava sob obsessão espiritual?

___**39**. Ao pegar em lápis coloridos ou pincéis você já sentiu algum tremor nas mãos e desejo simultâneo de usá-los?

___**40**. Faz parte de cultos da Igreja Carismática?

___**41**. Já lhe ocorreu, após escrever algo, constatar que o conteúdo, pela qualidade superior, não poderia ter sido por você produzido?

___**42**. Já tomou algum curso de Passes, Reiki, Johrei ou de qualquer técnica de cura com imposição de mãos?

___**43**. Você já ´viu‘ em sua mente imagens desconhecidas, as quais depois constatou tratar-se de projeções de espíritos desencarnados?

___**44**. Já fez uso de substância alucinógena (maconha, cocaína, LSD, álcool, chá entorpecente, etc.) por tempo prolongado, tendo visões transcendentais?

___**45**. Junto a você já se materializou algum espírito por sua doação de fluidos?

___**46**. Desenvolve atividades profissionais em ambientes onde se realizam trabalhos mediúnicos ou voltados para a cura psíquica?

___**47**. Já lhe ocorreu falar coisas estranhas aos seus pensamen-

tos sem ter consciência no que diz?

___**48**. Já lhe ocorreu ter pesadelos por seguidas noites?

___**49**. Você já receitou para algum doente algum remédio completamente desconhecido seu, sem ser médico?

___**50**. Faz parte de cultos da Umbanda ou do Candomblé?

___**51**. Você tem ouvido músicas ou tons dentro de você mesmo sem ter qualquer aptidão musical?

___**52**. Já teve pressentimentos a respeito de ocorrências cotidianas com você ou com outros, as quais vieram a se confirmar?

___**53**. Você já teclou num computador algum texto que, pela qualidade e velocidade com que fez, percebeu que estava dominado ou inspirado por alguma força superior?

___**54**. Submeteu-se a alguma cirurgia mediúnica ou cura espiritual?

___**55**. Já lhe ocorreram, em sua mente, imagens de eventos acontecendo em locais distantes, conhecidos ou desconhecidos, e que depois você constatou sua veracidade?

___**56**. Submeteu-se a intervenção cirúrgica com anestesia geral e permaneceu em coma inesperado por algum tempo?

___**57**. Já houve algum fenômeno de transporte espiritual junto a você?

___**58**. Você pratica atividades ligadas a meditação ou ao desenvolvimento das faculdades psíquicas?

___**59**. Já lhe aconteceu alterar repentinamente seu estado de humor sem qualquer causa conhecida e à sua revelia?

___**60**. Faz parte de cultos da Igreja Messiânica?

___**61**. Você já realizou alguma cirurgia mediúnica como médium?

___**62**. Auxilia diretamente pessoas que possuem mediunidade explícita no seu exercício?

___**63**. Você tem se sentido atraído pelas obras dos pintores clássicos do passado?

___**64**. Já lhe ocorreu ter problemas de afetos inapropriados por

algum tempo?

___**65**. Você tem o hábito de escrever sem necessidade, às vezes, em locais inadequados e em qualquer pedaço de papel?

___**66**. Utilizou-se de recursos mediúnicos de terceiros (cartomantes, tarólogas, ciganas, astrólogos, etc.) para solução de seus problemas?

___**67**. Logo ao acordar você já viu imagens fugazes de pessoas próximas a cama?

___**68**. Já fez teste de cartas Zenner alguma vez?

___**69**. Próximo a você ou com objetos seus já ocorreu alguma combustão espontânea?

___**70**. Ocupa alguma função na instituição de cuja religião é adepto?

___**71**. Já lhe ocorreu sentir vontade muito forte de chorar sem causa aparente, que só foi aliviada após seu desabafo?

___**72**. Você tem, ao menos semanalmente, hábitos ou rituais religiosos?

___**73**. Você aplica massagens terapêuticas (massoterapia)?

___**74**. Já ocorreu algum fenômeno de sincronicidade (um tipo de conexão acausal) em sua vida?

___**75**. Mesmo sem aptidão para desenho ou pintura, você já teve desejo de passar para o papel imagens especiais que lhe vêm à mente?

___**76**. Já lhe ocorreu ter delírios persecutórios (mania de perseguição) prolongados?

___**77**. Você tem facilidade em produzir textos escritos a lápis, caneta, ou no computador sem ter tido preparo técnico para tal?

___**78**. Você já entrou involuntariamente em transe alguma vez?

___**79**. Quando você esteve próximo a imagens sacras ou em ambientes religiosos já teve a sensação de ter visto vultos próximos a elas?

___**80**. Já esteve sob hipnose?

___**81**. Já ocorreu algum fenômeno de transcomunicação em aparelhos eletrônicos manuseados por você?
___**82**. Você já teve alguma regressão de memória a vidas passadas, espontânea ou provocada?
___**83**. Já lhe ocorreu, em dado momento, realizar alguma fala incoerente e inapropriada ao ambiente, sem seu controle?
___**84**. Você utiliza mais freqüentemente, para tomar decisões, a intuição em lugar da razão?
___**85**. Você tem o hábito de fazer visitas a pessoas doentes em casa ou hospitais?
___**86**. Você tem recebido muitos convites para ir a algum Centro Espírita ou tem recebido livros espíritas de presente?
___**87**. Você tem o hábito de fazer desenhos, quando tem papel e lápis à mão, enquanto pensa ou está à espera de algo?
___**88**. Você costuma ter inspirações para escrever poemas, crônicas ou contos de ficção?
___**89**. Você, ao fechar os olhos ou em meditação, já viu imagens inabituais que se movem independentes de sua vontade?
___**90**. Sob sua influência e vontade já ocorreram entortamento de colheres ou interrupção dos movimentos de um relógio?
___**91**. Já lhe ocorreu, por algum tempo, ter idéias fixas prolongadas ou fixações persistentes?
___**92**. Nas vezes em que você se feriu houve rápida cicatrização?
___**93**. Você tem o hábito de passar muito tempo fazendo desenhos à mão ou no computador, sem ser sua ocupação profissional?
___**94**. Quando estuda(va) você costuma(va) escrever para entender melhor?
___**95**. Em sua infância ocorreu conversar com pessoas, crianças ou não, que só você via?
___**96**. Em sua presença, saído de você, já houve odores de éter, de perfume ou de assemelhados?
___**97**. Já lhe ocorreu ter fuga de idéias por tempo prolongado?

___**98**. Você sente, ou já sentiu, ao se concentrar, impondo as mãos sobre alguém ou sobre algum objeto, como se saísse uma espécie de energia de suas extremidades?

___**99**. Você, quando viaja de férias, dá prioridade a ir a museus ver pinturas e esculturas de artistas famosos do passado?

___**100**. Você consegue se expressar melhor escrevendo do que falando?

___**101**. Já lhe ocorreu conseguir prever o futuro de alguém ou mesmo saber de coisas que vão acontecer em estado completamente consciente, tendo uma espécie de segunda vista?

___**102**. Geralmente aparelhos elétricos e eletrônicos de seu uso costumam quebrar ou dar defeitos com muita facilidade sem causa conhecida?

Agora transporte os valores correspondentes às freqüências por você anotadas, para o quadro adiante, no qual constam os números das questões, e, em seguida, efetue as respectivas somas na linha final.

A	K	N	P	T	Z
01___	02___	03___	05___	07___	09___
04___	06___	08___	10___	12___	14___
11___	13___	15___	17___	19___	21___
16___	18___	20___	22___	24___	26___
23___	25___	27___	29___	31___	33___
28___	30___	32___	34___	36___	38___
35___	37___	39___	41___	43___	45___
40___	42___	44___	46___	48___	50___
47___	49___	51___	53___	55___	57___
52___	54___	56___	58___	60___	62___
59___	61___	63___	65___	67___	69___
64___	66___	68___	70___	72___	74___
71___	73___	75___	77___	79___	81___
76___	78___	80___	82___	84___	86___
83___	85___	87___	88___	89___	90___
91___	92___	93___	94___	95___	96___
97___	98___	99___	100___	101___	102___
S=___	S=___	S=___	S=___	S=___	S=___

Significado das letras das colunas

A. Médium falante ou psicofônico

O médium psicofônico é aquele pelo qual os espíritos se comunicam utilizando a sua voz. Os espíritos atuam sobre os centros cerebrais responsáveis pela fala. "*O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz.*" "*Nem sempre, porém, é tão completa a passividade do médium falante. Alguns há que têm a intuição do que dizem, no momento mesmo em que pronunciam as palavras.*"

K. Médium curador

Médiuns de cura são aqueles que "*têm o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.*" A cura pode se dar pelo simples olhar ou por qualquer pequeno gesto. O médium possui um tipo de fluido que permite a cura ou alívio de certas doenças. Às vezes, o processo de cura ocorre inconsciente ao médium, dele só tendo conhecimento algum tempo depois.

N. Médium pintor

O médium pintor ou desenhista é aquele que produz obras de arte inéditas sob a influência de um ou mais espíritos. Em alguns casos, a produção mediúnica possui traços dos estilos dos pintores quando se encontravam encarnados. Geralmente o médium não tem aptidão para desenho ou pintura e desconhece o estilo dos autores desencarnados. Os quadros ou desenhos são

produzidos em tempo muito inferior ao que normalmente se exige para um profissional. Os desenhos e quadros obtidos são de boa qualidade e não se confundem com garranchos, às vezes, produzidos por certos médiuns inexperientes, ou com um grau de mediunidade ainda a desenvolver.

P. Médium psicógrafo

O médium escrevente ou psicógrafo é aquele que possui a faculdade de produzir escritos cujo conteúdo venha dos espíritos desencarnados. Os espíritos atuam nos centros cerebrais motor, para os médiuns mecânicos e semi-mecânicos, e cognitivo, para os médiuns inspirados ou intuitivos. A faculdade é mais precisa quando o conteúdo é de total desconhecimento do médium, trazendo dados, cuja comprovação só se dá após exaustivas pesquisas. Nelas, geralmente, os dados são do conhecimento restrito a uma pessoa ou a um número muito reduzido delas.

T. Médium vidente

O médium vidente é aquele que, em estado normal, vê os espíritos desencarnados. A visão nem sempre é nítida, e, na maioria dos casos, os espíritos não se mostram de corpo inteiro. O médium vidente também, às vezes, vê paisagens espirituais. É uma faculdade intermitente, isto é, passageira e raramente é permanente. O médium não vê com os olhos do corpo físico, mas com o perispírito. A visão pode se dar com os olhos abertos ou fechados.

Z. Médium de Efeitos Físicos

Os médiuns de efeitos físicos são aqueles que, pela qualidade do fluido que possuem, geram, por esse motivo, com o concurso dos espíritos, fenômenos de efeitos materiais, tais como:

levitação de objetos, ruídos na matéria sem causa aparente, transporte e materialização de objetos, materialização de espíritos desencarnados, modelagem em cera provocada pelos espíritos, dentre outros. A maioria dos fenômenos ocorre à revelia do médium e, às vezes, longe de onde se encontra.

Transporte as somas para o quadro seguinte hachurando até onde seu valor alcance.

Soma	A (Psicofonia)	K (Cura)	N (Pintura)	P (Psicografia)	T (Vidência)	Z (Efeitos Físicos)	Intensidade
Até 85							O
Até 68							E
Até 51							D
Até 34							M
Até 17							G

Verifique que letra à direita da nova tabela acima corresponde a soma de cada tipo de mediunidade e leia o texto adiante que a ela diz respeito.

G – Gérmen ou Rudimentos da mediunidade

Quer dizer que sua mediunidade ainda não se desenvolveu o suficiente para lhe colocar em contato maior com os fenômenos espirituais. Talvez você tenha se distanciado demais de sua natureza espiritual, ligando-se demasiadamente ao mundo material. É hora, talvez, de fazer um caminho de retorno à sua verdadeira essência. Procure envolver-se com as questões do espírito. Não se esqueça de que você também é um deles, temporariamente revestido de um corpo de carne. Mesmo que o resultado tenha sido esse, isso não significa que não possa, a qualquer momento fazer sua mediunidade desabrochar. Ela está latente à espera de seu interesse e de que você preencha sua vida de eventos próximos a ela. Lembre-se de que ela existe em você e deve ser colocada a serviço de sua felicidade. Os vários tipos de mediunidade podem ser desenvolvidos. Escolha um de cada vez para iniciar sua jornada. Não se esqueça dos riscos e cuide de estudar aquele que pretende utilizar.

M – Mediunidade natural

Você pertence à categoria daquelas pessoas que possuem a faculdade mediúnica de forma natural, sem lhe atribuir um valor específico. Você tem lidado com ela mais por influência do meio do que por iniciativa pessoal. Talvez por medo ou por preconceito, ela não seja suficientemente atrativa. É hora de sair da inércia e iniciar seu próprio movimento em busca de sua espiritualidade. Não se esqueça de que a vida não espera por você. A mediunidade está presente em sua vida e você tem pouco se utilizado dela conscientemente. Esperar mais pode ser inadequado, pois isso significa que você está desperdiçando talentos que podem vir a ser úteis em sua vida. Tenha a preocupação de conhecê-la para evitar que se fascine pelo que ela lhe pode proporcionar. Estude-

a gradativamente a fim de fazer com que ela lhe traga paz e felicidade. Mesmo com esse resultado, você pode, a qualquer momento, utilizar sua mediunidade de forma ostensiva. Para isso é preciso desenvolvê-la e educá-la a serviço de sua evolução espiritual.

D – Mediunidade em desenvolvimento

Sua mediunidade está pronta para que a ela se dedique com determinação e seriedade. Os sinais têm sido muito claros convidando a que você não espere mais tempo. Parece haver um comprometimento e um chamado a que você se ligue ao espiritual. Sua faculdade já foi exercitada, mas não houve investimento suficiente de sua parte para que ela se tornasse madura. Procure pessoas sérias para dar continuidade a estudos que lhe capacitarão ao pleno exercício de sua mediunidade. Neste estágio a mediunidade é uma ferramenta importante para evolução do médium por conta do maior contato com espíritos interessados no seu progresso. Aproveite que você conta com essa proximidade e reafirme seus propósitos de se tornar um excelente intermediário dos espíritos desencarnados. Lembre-se de que é preciso disciplina, dedicação, humildade, além de estudos específicos. Os espíritos estão confiantes de que você, dessa vez, não esperará mais e estarão atentos ao seu empenho.

E – Mediunidade necessitando ser educada

Você já possui conhecimentos suficientes para utilizar sua mediunidade a serviço do propósito de crescimento pessoal. A consciência que possui a respeito das coisas do espírito lhe colocam a frente de sua época. Sua mediunidade está quase à flor da pele, precisando apenas de mais empenho de sua parte para que ela se torne plena. Talvez esteja utilizando sua mediunidade de

forma inadequada e isso pode lhe trazer desagradáveis conseqüências. Procure melhorar-se como pessoa e se dedique à sua mediunidade com seriedade e a serviço do amor. Estabeleça um programa de estudo e trabalho para que isso ocorra e coloque a educação mediúnica como fator relevante em sua vida. Lembre-se de que os espíritos estão lhe assistindo e contam com sua humildade para continuar trabalhando seriamente com você. Cuide para que a mediunidade não seja um estorvo em sua vida e lide com ela como um precioso diamante que reluz à menor claridade. Coloque luz em sua mediunidade e realize-a com firmes propósitos de ser feliz.

O – Mediunidade ostensiva ou explícita

Sua mediunidade está no nível ótimo. Você já veio com ela ou está pronto para exercitá-la. Certamente, em vidas passadas ela foi por você usada. É hora de dar continuidade, colocando-a num propósito superior. Continue sua busca espiritual utilizando a mediunidade de forma nobre e equilibrada sem resvalar por caminhos obtusos e geradores de compromissos *cármicos* aversivos. A mediunidade é um dom conquistado pelas experiências do Espírito em contato com outros e com o sagrado. Vá em frente em seu propósito de crescimento espiritual. Ela é um instrumento que você adquiriu por várias encarnações. Por esse motivo, procure valorizá-la. Procure fazer com que ela seja cada vez mais equilibrada e transparente. Faça com que sua relação com os espíritos seja cada vez mais madura e igual. Lembre-se de que os espíritos nem sempre estarão à sua disposição, por isso estabeleça um programa consciente e responsável com eles.

Na categoria **G** enquadro todas as pessoas, pois não há quem não tenha "*em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium*", como bem disse Allan Kardec. Incluo nela os médiuns sensitivos, impressionáveis, de pressentimentos,

inspirados e intuitivos. São pessoas que sentem de forma bem sutil a presença dos espíritos desencarnados sem ter nítida consciência e precisão disso. Geralmente confundem-se e acreditam que o que vêem, ouvem, sentem ou percebem vem delas próprias.

Para desenvolver as qualidades necessárias a cada tipo de mediunidade leia o capítulo “Cuidados com o desenvolvimento”.

Reuniões de desenvolvimento mediúnico

Nas reuniões mediúnicas para o desenvolvimento da mediunidade deve-se ter cuidado com a indução exclusiva a um único tipo, devendo se testar diversas modalidades, principalmente as de psicografia, vidência, psicofonia, materialização e cura. É fundamental, naquelas reuniões, que também haja estudos sobre a mediunidade e sobre cada manifestação de seus tipos.

São distintas as reuniões de atendimento a espíritos desencarnados, necessitados de esclarecimento ou de cura, daquelas destinadas ao desenvolvimento da mediunidade nos encarnados. Nas primeiras devem participar principalmente médiuns já experientes. Nas do segundo tipo não é recomendável que haja atendimento a espíritos perturbados ou doentes.

Antes de se iniciar o desenvolvimento da mediunidade em reuniões com essa finalidade, deve-se preparar as pessoas psicologicamente para isso. Essa preparação inclui: conhecimentos sobre mediunidade, esclarecimentos sobre como funciona e qual a finalidade da reunião, entrevista terapêutica para se avaliar o grau dos conflitos do candidato, conhecimento dos principais sinais e sintomas dos tipos de mediunidade, estudo dos princípios espíritas, dentre outros. A pessoa candidata a participar da reunião deve ter tido estudo prévio sobre mediunidade, preferencial-

mente na instituição onde a reunião se realiza. Tal estudo, feito na casa espírita onde se realiza a reunião, num de seus grupos, serve também para a necessária ambientação da pessoa com a equipe encarnada e desencarnada. Nesse período no qual ela está vinculada à instituição, será orientada quanto à finalidade e ao funcionamento da reunião mediúnica. O dirigente da reunião deverá conhecer a pessoa, através de entrevista prévia, na qual avaliará suas condições psicológicas para participar dos trabalhos mediúnicos.

Antes de se inserir alguém numa reunião de desobsessão, para nela atuar como médium, deve-se preparar a pessoa em reuniões de desenvolvimento para lhe dar suficiente segurança quanto a sua faculdade, bem como a maturidade psicológica para não confundir seus processos e conflitos com os dos desencarnados.

As pessoas que atuam em reuniões mediúnicas numa instituição espírita devem se ocupar de outras atividades na Casa, a fim de se envolver com outras pessoas e grupos de trabalho, estreitando a ligação com os espíritos desencarnados que ali atuam.

As reuniões de desenvolvimento da mediunidade devem ser dirigidas por pessoas que, naquele momento, não atuem como médiuns e que tenham suficiente conhecimento do fenômeno mediúnico. É importante que as reuniões tenham algum tempo destinado à leitura, muito embora deva ser exigido dos candidatos estudo prévio. Deve-se passar tarefas aos candidatos ao exercício a fim de lhes infundir o hábito pelo estudo.

É importante que os candidatos à mediunidade mais ostensiva tenham um acompanhamento psicológico na instituição para que possam discernir entre seus próprios processos e aqueles que porventura possam surgir em face das influências espirituais pertinentes. Decorre deste pré-requisito, a necessidade do Centro Espírita oferecer atividades (grupos de autocrescimento, evangelhoterapia, grupos de auto-ajuda, etc.) com abordagens psicoterapêuticas, exclusivamente para seus trabalhadores, nas

quais possam se auxiliar mutuamente, entrando em contato com seus próprios conflitos, sob a condução de pessoas habilitadas para tal.

As instituições espíritas devem, antes de iniciar uma reunião de desobsessão, formar seus médiuns a partir de reuniões de desenvolvimento da mediunidade.

Para aqueles que pretendem desenvolver sua mediunidade sem ligar-se a uma instituição espírita, devem atentar para as recomendações a seguir, além daquelas relacionadas no capítulo "*Cuidados com o desenvolvimento*".

1. Estude atentamente *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, tirando suas dúvidas com alguém que conheça o Espiritismo;

2. Discuta sua intenção com pessoas mais experientes, comentando com elas os resultados a que tem chegado em cada momento que exercite sua faculdade;

3. Encare com seriedade sua intenção em face das complexas implicações psicológicas decorrentes.

Reuniões mediúnicas de desobsessão

Diz-se que as reuniões mediúnicas de desobsessão se equiparam às sessões de terapia, porém, só podem ser assim consideradas num sentido não convencional e não técnico. Elas se tornam terapêuticas num certo sentido, por permitirem reflexões profundas naqueles (alguns) que delas participam, em face do impacto provocado pelas experiências que ali ocorrem. Elas evocam sentimentos e pensamentos que necessitam de reflexão e análise mais específicas. Não são sessões de terapia ou mesmo de psicoterapia por não haver a preocupação dirigida, ao menos por parte dos encarnados, quanto aos processos psicológicos dos participantes. Na visão do leigo podem ser consideradas sessões de terapia, mas na visão técnica profissional não o são. São incompletas e parciais sob o ponto de vista psicoterápico. Mesmo considerando que haja uma preocupação quanto aos processos psíquicos dos desencarnados, não há nessas reuniões um acompanhamento da evolução psicológica dos mesmos.

É preciso definir ou conceituar o que é terapia, como também, o significado de psicoterapia. Terapia significa cura, isto é, o ato de realizar um procedimento visando a cura, seja do corpo físico ou de algum processo perispiritual. A psicoterapia pressupõe a mesma intenção de cura, utilizando-se de algum procedi-

mento visando os processos psicológicos. Como se percebe, poderíamos classificar a reunião mediúnica como terapia em face do objetivo, porém, não devemos fazê-lo por conta de se diferenciar profundamente quanto ao método e ao objeto tratado da prática profissional, a qual justifica o uso do termo. É mais adequado dizer que as reuniões mediúnicas são de cura e esclarecimento.

A escuta do médium, e do desencarnado com ele sintonizado, seria como uma psicoterapia se eles ou um deles estivesse refletindo e analisando seu próprio conflito com base no que ouve. Porém, isto no máximo poderia ser uma *sessão* de psicoterapia e não a psicoterapia, a qual pressupõe continuidade e interação para crescimento de quem pontua (o terapeuta) e de quem fala (o paciente). Uma psicoterapia, ou uma terapia, não é uma aula, nem tampouco são sessões de conversão ou conversação religiosa.

É comum observar-se em reuniões mediúnicas a preocupação em converter o desencarnado à crença no cristianismo, sem a preocupação em saber de suas convicções religiosas. Nem sempre os conflitos psíquicos do desencarnado se localizam na esfera religiosa. Nestes casos, é a própria necessidade do doutrinador (esclarecedor) que é transferida para sua fala, revelando colocar a alternativa religiosa como única via possível para o desencarnado.

Para maior eficácia no auxílio aos desencarnados nas sessões mediúnicas de desobsessão é aconselhável ouvir mais do que falar. Quando for necessária a fala do encarnado para o desencarnado, deve haver mais questionamentos que respostas ou lições. Os questionamentos objetivam levar o desencarnado não só a reflexões como também a fazê-lo encontrar as próprias respostas.

Os médiuns e os assistentes encarnados das reuniões mediúnicas de desobsessão, ouvindo os diálogos entre esclarecedor e desencarnado, deverão naturalmente refletir so-

bre o processo (conflito) em questão. Os questionamentos, que serão endereçados ao espírito comunicante, irão também atingir o próprio médium e, certamente, lhe serão muito úteis em sua vida.

As pessoas encarregadas de esclarecer os desencarnados, ocupando o lugar de *terapeutas* na desobsessão, devem se preparar para seu trabalho de três formas distintas. A primeira, buscando resolver seus conflitos íntimos através da autotransformação com base nos princípios espíritas. A segunda, através do estudo sistemático, não só das obras espíritas, como também de livros afins, que concorram para o conhecimento da natureza humana, sobretudo a respeito de psicologia do comportamento, mitologias, artes e filosofia. Em terceiro, aprender algumas técnicas de entrevistas diretivas e não diretivas, para que a conversa se torne produtiva no processo de cura do desencarnado. Lógico que essas formas não dispensam a necessidade fundamental de que a pessoa seja amorosa e fraterna em sua relação com o desencarnado, de modo semelhante ao trato que destina aos outros na sua vida. Portanto, não basta ter lido Allan Kardec e ter conhecimento do Evangelho. Isso ajuda, e talvez seja fundamental, mas não suficiente.

Seria de bom alvitre que os trabalhadores das reuniões mediúnicas de desobsessão fizessem encontros mensais para conversação sobre assuntos pertinentes ao trabalho que desenvolvem e encontros bimestrais para participar de trabalhos terapêuticos conduzidos por profissionais, na casa Espírita.

Aqueles que porventura nunca tenham participado de uma reunião mediúnica devem, antes de atender à curiosidade em fazê-lo ou mesmo supor que vão ver espíritos e só vendo acreditam, que procurem munir-se de estudos a respeito, a fim de evitar interferências inadequadas, assombros por conta da ignorância, bem como prejudicar o trabalho dos espíritos.

Como lidar com os espíritos.

Os espíritos são pessoas e como tais devem ser tratados. Nem subserviência e adorações doentias, nem tampouco medo como se fossem criaturas sobrenaturais divinizadas. Devemos sempre nos lembrar de que, quando estão encarnados, têm o mesmo grau de dificuldade em viver, como a maioria de nós e nem sempre retornam ligados à religião. Assim como tratamos as pessoas devemos fazê-lo com os espíritos desencarnados, a fim de que a relação com eles seja de igualdade. Costumeiramente se trata os espíritos com certa artificialidade, como se após a morte mudassem de hierarquia ou gozassem de alguma regalia ou privilégio.

Nenhuma reverência a mais que não seja merecida a qualquer pessoa com quem nos relacionamos. Devemos tratá-los com o mesmo respeito e consideração com que tratamos as pessoas, com a mesma naturalidade com que o fazemos na vida social comum. Assim postulamos a fim de tentar nivelar a relação entre espíritos encarnados e desencarnados, o que poderia vir a contribuir para diminuir o grau de fascinação e mistificação que pode existir nesse trato.

Para que essa relação seja mais natural é necessário que tornemos o contato com os desencarnados algo comum e que a mediunidade passe a ser encarada como uma faculdade de uso corrente entre nós encarnados. A sociedade de encarnados se interpenetra com a dos desencarnados de forma visceral, portan-

to agimos, pensamos, sentimos e nos relacionamos de forma semelhante.

A ausência de conversas naturais e informais com os espíritos desencarnados, sobretudo nas reuniões públicas espíritas, para análise e discussão de temas relevantes, contribuiu para a existência de médiuns que se tornaram verdadeiros oráculos aos quais se recorre para todo tipo de orientação. Eles, os médiuns, em pequeno número, passaram assim a ser a via exclusiva por onde transitam as orientações oriundas de Espíritos Superiores. Isso, muito embora tenha seu valor, por conta de ter gerado uma certa unidade inicial no Movimento Espírita, enviesou o contato com os espíritos desencarnados.

Associamos naturalmente os espíritos à religiosidade e tratamos com eles como se divindades fossem, à moda medieval. Isso ocorre com a grande maioria dos médiuns e com a quase totalidade dos espíritos. Não falamos com eles como o fazemos com as pessoas encarnadas. Agimos artificialmente e nos condicionamos psiquicamente a aceitar o que venha das pessoas desencarnadas como verdades incontestes.

A religiosidade com que se tratam os espíritos decorre do modo primitivo como sempre se lidou com aquilo que era considerado sobrenatural. O Espiritismo deve mudar essa idéia, mostrando que todos os fenômenos mediúnicos são naturais e que se assentam em leis perfeitamente compreensíveis e normais. Por esse motivo devemos tratar os espíritos como pessoas, sem artificialismos nem tratamentos destinados a divindades, os quais são comuns nas religiões politeístas.

Não lhes temer nem lhes atribuir qualquer poder de responsabilidade pela Justiça Divina é fundamental para uma relação psicologicamente sadia. Quando se imagina que são os espíritos os "cobradores" pelo "mal" que fazemos, tendemos a lhes temer a presença e a considerá-los semidivindades.

Não se sabe com quem se lida, visto que as palavras não são suficientes para mostrar uma personalidade. A barreira exis-

tente entre a dimensão espiritual e a material impede-nos de ter uma melhor percepção sobre a personalidade dos espíritos com quem lidamos. A melhor indicação ainda é o conteúdo moral do que dizem, além do que provocam nos médiuns através de quem se comunicam. Os espíritos devem também se preocupar com o destino de "seus" médiuns, enquanto pessoas, pois contribuem para a formação da maturidade deles. Alguns espíritos, sob a justa alegação de que a responsabilidade é do médium, não conseguem levar "seus" médiuns ao equilíbrio pessoal e a se tornarem bons cidadãos.

A oração que normalmente se faz para o contato mediúnico, principalmente nas instituições, não deve ser considerada como imprescindível ou como exigência deles, mas como um recurso a auxiliar na concentração do médium e a melhorar suas condições vibratórias. Esse bom hábito leva a relação para o campo religioso. Porém, após, deve-se levar a relação para o campo da naturalidade.

Os *maus* espíritos ou obsessores

Não existem maus espíritos, mas pessoas em desequilíbrio ou de personalidade difícil, pois não há uma categoria de espíritos naquela condição. Aqueles que agem em desacordo com as normas sociais e morais não fazem parte de uma categoria, como se pertencessem a uma raça diferente. São pessoas que, naquele momento, estão em atitude inadequada e, muitas vezes, com comportamentos radicais. Embora algumas pessoas desencarnadas prejudiquem encarnados pela obsessão, elas também podem ter boas atitudes em outras situações de sua realidade, isto é, não são permanentemente obsessores.

Há, porém, casos patológicos ou psicopatológicos de pessoas desencarnadas, que por estarem doentes psiquicamente, fixam-se persistentemente em alguém, sem conseguir dele se desligar, exigindo trabalho técnico específico para sua solução. São doentes ligados a doentes; são pessoas comuns. O encarnado que se encontra nesse tipo de ligação apresenta graves transtornos psicológicos e, às vezes, psiquiátricos e neurológicos.

A grande maioria dos desencarnados chamados de obsessores, necessita de escuta adequada. Precisam ser ouvidos, compreendidos, aceitos, esclarecidos e que lhes sejam dadas esperança e amorosidade. Não querem ser recriminados nem

que lhes julguemos as ações como se fôssemos sempre certos em tudo que fazemos. São pessoas querendo ser tratadas como tais.

A psicoterapia a eles apropriada, deve ser aquela que lhes permita falar, ser entendidos e refletir. Qualquer tentativa de conversão evangélica não só pode ser inócua, como pode lhes causar tédio. Quando alguém está em conflito e isso lhe atinge o equilíbrio psicológico, necessita ter contato com a raiz de seu conflito e não de uma conversão religiosa, a qual só é oportuna em momentos específicos da vida da pessoa.

É preciso ter senso de oportunidade para sugerir uma idéia religiosa, evangélica ou não, durante a crise de alguém. Geralmente o chamado "obsessor" não se encontra em condições psicológicas de aceitar uma investida para sua conversão ou para análises evangélicas por quem ele não sente empatia e no momento em que o que ele busca é o alívio para seu conflito.

Não quero com isso abolir ou sugerir que se exclua a fala evangélica na desobsessão, mas apenas alertar que se deve inseri-la apenas nos momentos oportunos. O conteúdo evangélico é de extremo valor e as lições do Cristo contêm poderosos direcionadores para mudanças de atitudes. Não devem ser banalizados quando o que se pretende é fazer alguém refletir sobre a própria vida e seus conflitos.

É preciso que encontremos a palavra e o momento adequados para pontuar uma conversa com o desencarnado que se vincula ao encarnado por ações agressivas.

Há perguntas que podem ser feitas numa conversa com espíritos desencarnados que facilitam a abordagem de questões mais íntimas, ligadas aos conflitos que porventura se queira ajudar a resolver. São perguntas simples e diretas que a seguir relaciono, as quais podem ser úteis numa conversação.

Como está você? Qual seu nome? Onde estão seus familiares? Com quem e onde você vive atualmente? Você poderia me falar um pouco de você? Há quanto tempo você desencarnou? Por que motivo você age assim? O que o fez ficar dessa forma?

Qual o motivo de você estar assim? Quando isso aconteceu? Quais são suas intenções? Você considera sua atitude atual adequada à sua felicidade? Suas razões são compreensíveis, mas você não percebe que suas atitudes lhe levarão ao oposto do que pretende? Quem você ama? Você é amado por alguém? O que você fazia quando estava encarnado?

A depender das respostas pode-se dirigir a conversa para qualquer rumo. É imprescindível que o desencarnado fale muito de si e que novos questionamentos o levem à reflexão sobre suas atitudes, desejos, intenções e sentimentos. Deve-se evitar propor atitudes específicas, mas levá-lo a apresentar alternativas para si mesmo. A escolha do que deve fazer, em sua própria vida, deverá ser decidida pelo desencarnado. É sempre inadequado dirigir a vida do outro, pois a respeito dela nunca temos o conhecimento suficiente e não sabemos portanto o que é melhor.

Medo de espíritos desencarnados

A eliminação do medo e a modificação do estado psíquico que se forma no contato com os espíritos pela associação com o sobrenatural são desafios psicológicos de quem lida com a mediunidade. Não é muito fácil modificar-se uma tendência arquetípica devido a seu enraizamento no psiquismo ao longo dos séculos de evolução. É preciso descondicionar-se das reações de pavor associando à mediunidade um sentimento que contenha alegria e satisfação pessoal.

O medo existente é natural e, portanto, automático. Sua eliminação se dá com um certo tempo de exercício mediúnico. Fundamental é que seja enfrentado, buscando entender que lidar com espíritos é contactar com pessoas, as quais não poderão nos fazer nenhum mal além daqueles que já existem em nós mesmos.

O estado psíquico que nos coloca diante do sentimento de medo é favorecido por um ou mais *complexos* psíquicos adquiridos em vidas passadas que necessitam ser dissolvidos. Dissolver aqueles *complexos* não é tarefa fácil para um *ego* frágil. É preciso, dentre outras condições psíquicas, ter segurança e autoconfiança suficientes para não ser tomado pelos *complexos*.

O não querer morrer sempre pertenceu à consciência do ser humano e tudo ele fez e faz para evitar o contato com idéias,

emoções e eventos que porventura o aproximem daquele inevitável fenômeno. Por outro lado, a mediunidade se enraíza no inconsciente humano e suas manifestações se apresentam à consciência arrastando consigo as experiências aversivas que se encontram associadas ao tema. Tais experiências se conectam a *complexos* que promovem a emoção do medo. Inevitável então que ele apareça quando a consciência se depara com o fenômeno mediúnico.

A ignorância nos fez conectar ou associar o contato com o espiritual, pela mediunidade, com situações aversivas e que nos causaram pavor no passado atual ou em vidas anteriores. Condicionamo-nos a essa associação e, por conta disso, não lidamos com o espiritual como algo natural. Geralmente, quando conseguimos essa naturalidade, utilizamo-nos de um mecanismo de defesa chamado de *transferência*, que nos leva a tratar do tema com reverência sagrada. Isto é, passamos do medo à sacralização. Ambos são formas externas e extremas de contato. Em ambas, o medo está presente de modo latente. O outro, com quem lidamos, não é percebido como tal, mas da forma como a mim é possível aceitá-lo, em face de minha insegurança e ignorância. Agindo assim, nos sentimos seguros, porém não maduros.

Disseminar princípios requer vivenciá-los. Quando quisermos que os princípios espíritas se tornem crença comum, será necessário fazer deles vivências espontâneas e naturais. A mediunidade é um fenômeno humano e deve dessacralizar-se para alcançar o nível social que pretendemos.

A sociedade estabelece regras de convivência que paulatinamente se modificam visando a harmonia. Por enquanto, as regras de convivência com os espíritos têm sido assim, mas gradativamente deverá se modificar, para se tornar algo natural e espontâneo. Quando o medo for substituído pelo sentimento de fraternidade, será possível uma relação espontânea.

O sentimento de fraternidade, que vai substituindo o medo, surge quando nos sentimos iguais, sem distinções nem hierarqui-

as. Para isso é preciso não atribuir aos espíritos qualquer poder que não se possa ter, como também não permitir que a culpa e a falsa humildade se apresentem na relação com eles. Costumamos nos sentir inferiores a eles por conta das culpas que carregamos e por achar que eles não as possuem. Achamos que são eles nossos juízes. Surge, no momento do contato, a idéia de um juízo final bíblico. Associamos os espíritos à morte e esta ao julgamento final. É um condicionamento que precisamos extinguir. Na desencarnação não haverá julgamento final, nem tampouco estaremos diante de algum tribunal. A vida continua. O julgamento que existe é aquele que naturalmente fazemos a todo o momento e continuaremos a fazer após a morte. Não é somente diante dela que se faz uma avaliação da própria vida. Essa avaliação deve ser feita a todo o momento e sempre. Não devemos temê-la, pois somos nossos próprios juízes, cujas leis a serem obedecidas se encontram em nossa própria consciência. É preciso não outorgar aos espíritos desencarnados, de qualquer hierarquia, o poder de nos julgar ou de decidir sobre nossa existência.

O medo pode ser descondicionado à medida que nos sentimos mais maduros e responsáveis pelo nosso próprio destino. É necessária a consciência da autodeterminação. Autodeterminação é a base para um *ego* estruturado. Uma pessoa autodeterminada assume as conseqüências de seus atos e age adequadamente para atingir seus objetivos, sem agredir a ninguém nem a si próprio, construindo sua felicidade.

Inconsciente, intuição, pressentimento e mediunidade

O que atua no ser humano quando ele pensa? É o inconsciente que se apresenta à consciência? Uma idéia nova é uma intuição que procede como resposta a um estímulo ambiental? É um pressentimento de que algo vai acontecer? É a conscientização da dinâmica do inconsciente ou fruto de um estímulo telepático? Será que a mediunidade está presente nos fenômenos psíquicos? Como? Difícil responder a essas questões. Suponho que a mediunidade é uma faculdade presente em todos os fenômenos psíquicos. Não possível pensar sem captar freqüências espirituais por intermédio dela.

A comunicação mediúnica é um fenômeno psicológico que permite vir à consciência o que se inicia em outra dimensão e na esfera extra-cerebral ou perispiritual. Ela favorece no encarnado a emanação de conteúdos do inconsciente que, pela sua quantidade, intensidade e qualidade nas informações, pode configurar uma idéia de futuro na forma de pressentimento como uma probabilidade. Da mesma forma, o *ego* pode, pela mediunidade ou não, ter acesso àqueles conteúdos, quando estimulado pelo meio ou pelo próprio inconsciente, pressentindo o futuro, também como

probabilidade. A isso se chama intuição. O meio que estimula o *ego* pode ser material ou espiritual. A intuição, portanto, é possível graças às manifestações do inconsciente e à mediunidade.

Atribuir ao inconsciente a autonomia de provocar tais eventos advém da intensidade com que as experiências do espírito, ali gravadas nas várias encarnações, promovem a sua expressão na vida consciente. Não se pode dizer se a ação procede do espírito ou se do meio. Tudo ocorre de uma forma simultânea como na união de opostos que se buscam intensamente.

As ocorrências do inconsciente são manifestações constantes e inseparáveis da vida humana, conseqüentemente não há consciência sem as interferências que vêm dele. A consciência é inicialmente estruturada a partir das interferências do inconsciente e continua a absorver seus conteúdos no decorrer da vida, o que caracteriza o processo de amadurecimento do indivíduo. A consciência, além dessa interferência, absorve o que lhe vem das experiências do *ego* em contato com a realidade externa.

As intenções, os desejos e impulsos, por outro lado, parecem exigir uma certa predisposição ou pressão. Parece que elas ocorrem mediante algum estímulo próprio do Espírito, da realidade espiritual (de algum desencarnado) ou oriundo de algum evento externo (estímulo do ambiente material). Na intuição algo deve estar incomodando a consciência para que ocorra, como se houvesse uma descompensação psíquica para sua manifestação. O pressentimento é mais do que uma simples intuição pela necessária conexão inconsciente com uma provável situação futura. O pressentimento preenche, aos "olhos" daquele que o sente, uma descontinuidade entre o passado e o futuro, apresentando-lhe uma possibilidade de entendimento como um senso coletivo.

O evento mediúnico, quando se processa pela afetação do psiquismo do indivíduo, pode se apresentar também como uma manifestação do inconsciente, como uma intuição e como um pressentimento. Não há como distinguir, num evento mediúnico, se a participação é estritamente do psiquismo do indivíduo ou se há interferência de um espírito comunicante.

Quando o evento mediúnico surge no formato de uma mensagem psicofônica ou psicográfica, também é difícil distinguí-lo de um evento estritamente da autoria do médium, tendo em vista a possibilidade de seu conteúdo ter vindo do inconsciente do mesmo. Quando o conteúdo contém dados desconhecidos da vida atual ou de vidas passadas do médium, aí sim, teremos a constatação da interferência extra-médium. É o caso das mensagens mediúnicas contendo informações precisas de nomes, datas, dados biográficos e outros detalhes que vêm a ser confirmados após pesquisas. As mensagens de conteúdo moral elevado podem vir do inconsciente do médium, mesmo que estimulado por espíritos. Uma mensagem de conteúdo moral, por mais elevada que seja e por menos culto que seja o médium, pode ser oriunda de seu inconsciente que pode conter informações adquiridas em suas experiências em vidas passadas, podendo aflorar a qualquer momento. Ser analfabeto não implica ter perdido os conhecimentos adquiridos em vidas passadas, pois eles podem ficar latentes, manifestando-se a partir de estímulos específicos.

Diferenças entre anímico e mediúnico no psiquismo

O que se chama de animismo é a produção, pelo médium, de fenômenos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais sem a intervenção de espíritos desencarnados. Conseqüentemente, só é mediúnico o fenômeno que tenha a participação de um ou mais desencarnados. Há porém fenômenos que podem ser enquadrados como anímicos muito embora possam ter a interferência de espíritos desencarnados, como por exemplo, a visão de paisagens espirituais e a clarividência. Nessa mesma categoria podemos inserir as premonições oriundas de sonhos nos quais desencarnados passam informações sobre o futuro para o sonhador.

Há também fenômenos que sugerem a intervenção de espíritos, mas que parecem ter causas desconhecidas, a exemplo dos classificados por C. G. Jung (1856-1961) como *Sincronicidade*. Cito como exemplos, o fato de um relógio parar no exato momento em que ocorre a morte de seu dono ou no aparecimento de um inseto raro num ambiente muito distante de seu habitat natural quando seu nome científico é citado.

Há fenômenos que ocorrem com o ser humano, do ponto de vista psíquico, que não podem simplesmente receber a denominação de anímico ou mediúnico. Pode-se dizer que essas duas

classificações são polaridades de um espectro muito grande, o qual contém fenômenos de natureza ainda desconhecida e que o cérebro humano não é capaz de registrar.

O fenômeno anímico está sempre presente no mediúnico, pois que todos os fenômenos que se passam na via do psiquismo humano, contêm elementos e símbolos presentes na *psiquê* de quem deles participa.

A consciência dos processos anímicos como algo natural na mediunidade pode colaborar para a *individuação*[9] do médium, pois, simultaneamente à sua contribuição como intermediário, perceberá aquilo que lhe é próprio, adquirido em sua evolução espiritual. Ela passa a se conscientizar de suas qualidades e, talvez, de seu nível de evolução espiritual.

É preciso que retiremos do exercício mediúnico o medo ou receio do animismo, pois este estará sempre presente. A palavra animismo tornou-se um símbolo que transfere uma certa insegurança e até medo aos médiuns inexperientes. Não se deve temer o que é natural. Deve o candidato a médium ou mesmo o experiente, conscientizar-se de si mesmo e despreocupar-se de sua interferência pessoal. Deve, porém ter senso crítico sobre o que produz através da mediunidade, além de submeter sua produção ao crivo de terceiros.

Os conteúdos repetitivos de alguns médiuns, trazendo mensagens mediúnicas que se assemelham, nem sempre se tratam de animismo, pois, muitas vezes, procedem do mesmo espírito, o qual não consegue, com aquele intermediário, mudar seu próprio padrão de pensamento e sentimento.

É importante distinguir a fraude do animismo. Na fraude há uma falha de caráter do médium ou do espírito comunicante. O objetivo da fraude é enganar. O fenômeno anímico é inconsciente, isto é, não depende da vontade do médium. É produzido à sua revelia. Ele pode reduzir sua influência, mas nunca evitar total-

[9] Processo de crescimento pessoal descrito por Jung, que inclui a maturação do *ego*, a integração da *sombra*, a dissolução dos *complexos*, o reconhecimento das *personas*, o encontro com a *ânima*/*ânimus* e a realização do *Self*.

mente. Ele consegue reduzir a influência do animismo em suas comunicações na medida que identifica seus padrões psíquicos, evitando que eles se apresentem.

Os sinais identificadores do animismo só são observáveis no exercício freqüente da mediunidade e após um conhecimento específico da personalidade do médium. À primeira vista não há quem distinga o anímico do mediúnico, pois uma única comunicação não é suficiente para detectar se isso faz parte do "*modus operandi*" daquele médium.

São alguns sinais característicos das comunicações nas quais prevalece o animismo:

1. Padrão repetitivo do conteúdo das comunicações intelectuais;
2. Construção repetitiva das idéias transmitidas nas comunicações intelectuais;
3. Semelhança típica entre a personalidade do médium e o conteúdo de suas comunicações, quando se trata de histórias com personagens;
4. O conteúdo das mensagens apresenta repetitivamente soluções diretas para os conflitos íntimos do médium;
5. Citação constante do nome do médium nas mensagens por ele transmitidas;
6. Perspectiva não espiritual na forma de apresentar as mensagens;
7. Trejeitos e tiques que não pertencem aos espíritos desencarnados;
8. Exigências exclusivas e esquisitas para que o fenômeno mediúnico ocorra;

Muitas vezes, a simples presença de um espírito desencarnado, pressentida pelo médium, provoca-lhe a vontade de emitir uma comunicação, mesmo que ele não tenha essa intenção, nem nada tenha a dizer. A sintonia psíquica também pode se

dar à distância, desde que ambos estejam na mesma freqüência vibratória.

O animismo antes de ser um problema é uma condição natural existente em todas as comunicações, as quais invariavelmente se servem dos conteúdos da consciência e do inconsciente dos médiuns.

Para se lhe reduzir os efeitos, que porventura sejam prejudiciais nas comunicações, é importante que os médiuns busquem uma maior sintonia com os espíritos com quem trabalham ou desejem se comunicar, além de desenvolver um maior senso crítico em relação ao conteúdo de suas comunicações.

O proveito da mediunidade

A faculdade mediúnica pertence ao indivíduo e é seu patrimônio conquistado ao longo de sua evolução espiritual. Sua utilização está sempre atrelada aos espíritos, não sendo, em princípio, um ato isolado. É, portanto, um ato executado em conjunto e que implicará responsabilidades e aprendizado para aqueles que participam de sua ocorrência. O que ocorrer (vitórias e derrotas) será dividido entre seus executores.

Do que se faça dela, corresponderá a qualidade dos espíritos que atuam com o médium. Algumas vezes, mesmo que o médium utilize inadequadamente sua faculdade, contará com Bons Espíritos, os quais tentam conduzi-lo a outras atitudes e objetivos mais nobres. Nesses casos, há intercessão em favor do médium por seu merecimento.

A inibição da faculdade pode ser provocada por espíritos que sabem intervir no funcionamento do perispírito a ponto do médium não conseguir utilizá-la. Isso é feito para seu bem, evitando que seu uso inadequado gere maiores comprometimentos para o médium e a terceiros. Algumas substâncias químicas quando administradas no corpo físico também têm semelhante efeito.

A faculdade mediúnica também pode ser tornada mais explícita ou aflorada por conta de intervenções perispirituais promovidas por espíritos conhecedores de sua fisiologia. Há também substâncias químicas, sobretudo alucinógenos, que podem

provocar semelhante efeito, da mesma forma que podem abrir as "portas" do inconsciente à consciência, provocando uma série de distúrbios psíquicos.

O uso da mediunidade poderá contribuir para sua inibição ou para seu desenvolvimento, dependendo da forma e do objetivo com que se faz, como também dos cuidados que se tenha com o próprio corpo físico.

O proveito que se pode e se deve retirar da mediunidade é de que seu exercício deverá estar de acordo com o sentido que o médium atribui à própria vida, servindo como reforçador para sua evolução espiritual.

O uso da mediunidade profissionalmente, isto é, para subsistência pessoal, deixará o médium em situação delicada quando os espíritos não comparecerem ao ato ou quando, por outro motivo, ela for inibida. Esse tipo de proveito o afastará do exercício de sua cidadania pelo fato de não exercer uma profissão legalmente reconhecida. Tal prática o impede também de manter relacionamentos profissionais com terceiros, a submeter-se a uma hierarquia funcional e a inserir-se na dinâmica da economia da sociedade.

São os seguintes os requisitos para o médium retirar proveito de sua faculdade:

1. A atividade a ser executada não deverá fazê-lo depender dos espíritos;

2. O exercício deverá contribuir para sua individuação e evolução espiritual;

3. Seu uso não deverá excluí-lo da sociedade nem isentá-lo de suas obrigações como cidadão;

4. O que faça de sua faculdade não deverá levá-lo a ter qualquer transtorno psíquico;

5. Sua ligação com os espíritos, no exercício mediúnico, deve contribuir também para a evolução deles próprios;

6. A atividade que executar deverá auxiliar sem viciar as pessoas que se beneficiam de sua faculdade;

7. O produto das comunicações mediúnicas não deve ser, de forma alguma, remunerado ou trocado por benefício financeiro ao médium, ou a terceiros;

8. O uso da mediunidade deve concorrer para a felicidade do médium.

O uso da mediunidade de forma não gratuita não interfere no seu desenvolvimento, mas está ligada à qualidade dos espíritos que pelo médium se comunicam.

O grande proveito que se pode tirar da mediunidade é o próprio contato com o espiritual, o qual aproxima o médium de sua natureza essencial. Deve ele, sempre que possível, utilizar sua mediunidade no cotidiano para sua felicidade, atendendo aos requisitos acima listados.

Mediunidade e sexo

A palavra sexo tem muitos significados. Dentre eles destaco os seguintes: energia psíquica, ato de intimidade, cópula, gênero, genitália, impulso/desejo e amor. Procurarei especificar quando estiver utilizando-o num ou noutro sentido a fim de facilitar a compreensão.

A faculdade mediúnica não está relacionada ao sexo no que diz respeito à relação sexual. A vida sexual (relações íntimas) de alguém não interfere no desenvolvimento da mediunidade da pessoa. É comum o médium sentir-se culpado quando tem relações sexuais acreditando que aqueles atos o afastam dos Bons Espíritos. Não se deve esquecer que eles também são humanos e como tais o faziam naturalmente quando encarnados. A culpa, muitas vezes, advém da forte introjeção repressiva que a cultura, a educação repressora e a religião castradora impõem.

A recomendação que se faz em relação à prática sexual antes ou no mesmo dia das reuniões de contato com os espíritos, se deve ao fato de se prevenir o médium quanto à fixação emocional que comumente é associada ao ato. Isso vale para qualquer outra atividade do ser humano em que se tenha forte vinculação emocional capaz de afetar o psiquismo, interferindo na atividade mediúnica. As fantasias imaginativas, típicas nas relações sexuais, podem gerar fixações mentais, que são prejudiciais ao exercício da mediunidade, como de qualquer atividade em que se exija

concentração e disponibilidade psíquica. As imagens mentais geradas durante um ato sexual devem ser esquecidas quando do exercício de outras atividades, inclusive e principalmente da mediunidade.

O celibato ou a baixa atividade sexual não interfere no desenvolvimento da mediunidade, tampouco a prática do sexo impedirá que os espíritos se aproximem desta ou daquela pessoa. Para eles, em geral, a atividade sexual é um ato humano natural e que deve ser exercido com educação e harmonia. A instituição do celibato no âmbito religioso católico é atribuída às responsabilidades que o exercício sacerdotal exige em que o comando e a manutenção de uma família são vistos como concorrentes, além das questões ligadas a herança de bens materiais. Acresce-se a isso, as práticas sexuais inadequadas, típicas do período pré-Idade Média, comuns em ambientes de iniciação religiosa, cujos abusos despertaram a necessidade do controle, resultando assim no estabelecimento das proibições de atividades sexuais. Porém, vivemos em uma outra época, na qual a sexualidade é vivida de forma menos conflituosa e com mais naturalidade. A sexualidade do ser humano tem hoje mais liberdade de expressão, o que contribui para o alívio das repressões estabelecidas no passado. Os tabus estão caindo e o mistério antes existente está sendo paulatinamente desvendado.

A atividade sexual sadia do ser humano contribui para o equilíbrio de sua vida psíquica e deve lhe trazer harmonia e satisfação emocional. Sua influência sobre a mediunidade é a mesma de outras que lhe exigem energia emocional.

A atividade sexual consigo mesmo, com um parceiro de outro sexo (gênero) ou com alguém do mesmo sexo não é relevante para o exercício da mediunidade quando não há culpa, medo, imposição, desarmonia, prejuízo a outrem nem fixação ou viciação mental.

A sexualidade deve ser exercida considerando-se que se está de posse de uma modalidade de energia psíquica cujo uso deve ocorrer visando a felicidade e o amor.

A energia psíquica utilizada na modalidade sexual é uma poderosa alavanca para o crescimento do ser humano, a qual deve ser utilizada visando a felicidade. Sua força propulsora é uma das responsáveis pela criatividade humana e pelo desenvolvimento social. Por conta de sua força, o ser humano necessita aprender a educá-la a fim de não resvalar para o desequilíbrio. Ela é como a correnteza, que pode assorear as margens do rio como pode gerar energia elétrica quando passa por uma turbina.

A mediunidade no feminino

A mediunidade é uma faculdade que permite a conexão psíquica num nível acima das comunicações conscientes. Ela não é feminina nem masculina, mas uma polaridade psíquica que permite a conexão com uma outra.

Pela condição do psiquismo feminino[10], o qual favorece a manifestação da *qualidade conectiva* pertencente ao Espírito, a mulher é mais sensível a todo ato que inclua afetividade. O contato com os espíritos é um ato de conexão que impele uma pessoa a outra e isso se assemelha àquela qualidade do psiquismo feminino.

As predisposições psíquicas do feminino contribuem para que o produto da mediunidade na mulher se torne algo mais específico, isto é, mais definido. Ao contrário do masculino, o feminino busca a conexão com a *unidade,* o que conduz sua faculdade para um contato com espíritos desencarnados dentro de certos limites. Por ser mais seletiva e exigente, tenderá a estabelecer mais limites e critérios na qualidade e quantidade dos espíritos com os quais estabelece a comunicação mediúnica.

As preocupações cotidianas do feminino, no que diz respeito ao aspecto materno (nutridor), mesmo que seja apenas como uma possibilidade, sugerem conteúdos nas comunicações mediúnicas de acordo com essa função psíquica ou em oposição a ela.

---

[10] Algumas características do psiquismo feminino são: pluralidade, tendência a voltar-se para dentro de si mesmo, conectividade, tendência nutridora, maior permissividade/condescendência, flexibilidade, julgamento emocional, etc.

Afirmar que a mediunidade é uma faculdade típica das pessoas com traços femininos, mais sensíveis do ponto de vista afetivo, talvez seja um equívoco e se esteja atribuindo a um específico caráter de certos médiuns à causa de sua sensibilidade mediúnica.

Ser feminino ou masculino, tanto quanto o psiquismo de ambos os gêneros, não favorece o desenvolvimento da mediunidade. Essas duas polaridades psíquicas contribuem ou direcionam alguns formatos do produto da mediunidade. Os espíritos desencarnados podem ter preferências em se comunicar através de homens ou de mulheres, porém, isso é uma escolha estritamente pessoal.

As comunicações mediúnicas que saem por médiuns cujo psiquismo seja nitidamente feminino, tendem a apresentar, na construção das idéias, aspectos que envolvem sua necessidade de conexão com o masculino.

Quando os homens se apresentam com caracteres femininos em seu comportamento ou em sua forma de falar, isso não é provocado pela mediunidade nem a favorece. Tais caracteres são aspectos próprios da personalidade do médium. Idem em relação às mulheres que apresentam caracteres masculinos.

Os espíritos que animam os corpos masculinos e femininos são os mesmos, pois o Espírito em si não tem sexo. Não há Espírito masculino ou feminino, porém há espíritos desencarnados masculinos ou femininos. A desencarnação não promove a remoção do perispírito, no qual se localiza a *psiquê* masculina ou feminina. Portanto o espírito, após sua desencarnação, pode vir a ter um psiquismo masculino ou feminino, a depender das circunstâncias.

Ainda há um número reduzido de mulheres médiuns na categoria de *positivos*[11], talvez em decorrência da maior flexibilidade do psiquismo feminino. Essa não é uma característica da personalidade, mas do psiquismo. Os mesmos homens que são médiuns psicógrafos e que trazem mensagens precisas, quando reencarnarem como mulheres, terão dificuldade em repetir o feito.

---

[11] Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, Cap. XVI, item 193.3.

A mediunidade no masculino

Ter um psiquismo masculino[12] não é atributo exclusivamente do homem, tampouco ter um psiquismo feminino o é da mulher. A mente humana tem polaridades psíquicas que definem atitudes em relação à vida. A polaridade psíquica de alguém pode estar em desacordo com sua anatomia sexual. A polaridade psíquica sexual nem sempre acompanha os aspectos genéticos ou morfológicos no ser humano, encarnado ou desencarnado. O gênero do corpo e a educação social contribuem para a manifestação do psiquismo masculino ou feminino, muito embora, às vezes, independente destas duas condições, possa prevalecer um psiquismo contrário. Isso pode ocorrer em função da forte polaridade psíquica do espírito, consolidada há algumas encarnações.

As buscas por vencer o mundo externo e sua natural tendência pela conquista contribuem para que as mensagens que fluem através do psiquismo masculino contenham vetores que apontam para aquela direção. Da mesma forma, o desejo de conectarse e a natural tendência agregadora do psiquismo feminino, também contribuem para um viés típico nas mensagens.

Masculino e feminino são polaridades psíquicas acentuadas pelos caracteres genéticos e anatômicos do ser humano. A

---

[12] Algumas características do psiquismo masculino são: singularidade, tendência a voltar-se para fora de si mesmo, expansivo, provedor, separativo, tendência a fechar processos, etc.

rigor não há um ser humano integralmente masculino ou feminino, pois a *psiquê* apresenta geralmente uma predominância de um aspecto sobre o outro, embora conserve ambos. O diferencial entre uma polaridade e outra definirá um padrão psíquico que o indivíduo tende a acentuar. O psiquismo, seja masculino ou feminino, está estruturado no perispírito onde se encontram as experiências do indivíduo nas sucessivas reencarnações. Suas experiências num e noutro tipo de sexo e com a sexualidade em geral, contribuíram para acentuar esta ou aquela polaridade. A conhecida e falada sensibilidade feminina não torna a mulher mais médium que o homem, por menos sensível que ele seja. Aquela sensibilidade é uma qualidade emocional, mas não mediúnica. A mesma qualidade um homem pode ter e não apresentar sinais explícitos de mediunidade. Não se deve confundir sensibilidade afetiva com sensibilidade mediúnica. A primeira pertence ao campo emocional da *psiquê* e a segunda ao campo espiritual. São capacidades distintas.

De acordo com certos registros históricos, o homem tem apresentado mais dotes mediúnicos, sem os limites que a mulher naturalmente impõe. Há mais homens médiuns *positivos* que mulheres, pelo menos que se tornam mais famosos. Talvez eles se tornem mais famosos por conta da facilidade do masculino em lidar com o mundo externo. Tais dotes se apresentam pela variedade de fenômenos e pela quantidade de médiuns homens que se conhece. Isso se deve exatamente às exigências típicas que a sociedade faz ao homem. Independente disso, pode-se reparar que a quantidade de mulheres presentes em sessões espíritas é maior do que a de homens. Isso se deve ao fato de que a mulher se ocupa mais do contato com o subjetivo (afetivo ou espiritual) e tem o olhar naturalmente voltado para o cuidado com o autoconhecimento. A polaridade psíquica masculina se presta mais à mediunidade *positiva.*

As características do psiquismo masculino favorecem o modo prático de lidar com o meio externo e dificulta a relação

com o mundo subjetivo. As características do psiquismo feminino determinam maior habilidade relacional e afetiva, em detrimento dos aspectos objetivos da vida. São polaridades complementares que devem ser desenvolvidas ao longo das várias encarnações, resultando na construção de um psiquismo equilibrado.

A sensibilidade mediúnica no homem se sobressai mais por conta do psiquismo masculino se sentir mais atraído, por conta da falta, pelas expressões afetivas que geralmente surgem nas mensagens de desencarnados.

A mediunidade no solteiro e no casado

A vida cotidiana interfere significativamente na vida psíquica. Tudo o que fazemos e como fazemos segue um ritmo ditado pelo psíquico, porém os condicionamentos que a cultura, a educação e o meio impõem, lhe alteram seu funcionamento. Muitas vezes, os espíritos desencarnados que trabalham com certos médiuns alteram a vida particular deles para que se moldem ao que desejam. Noutros, eles, os espíritos, se adaptam ao "*modus vivendi*" de seus médiuns. Num e noutro caso há perdas e ganhos para ambos os lados.

A opção de casar, isto é, de viver em companhia de alguém, numa relação marital, impõe obrigações que, se não respeitadas, podem interferir psiquicamente no exercício e no desenvolvimento da mediunidade. Quando um dos parceiros opta pelo exercício da mediunidade numa instituição espírita, deve, antes de iniciar a prática, conversar com o outro de forma conciliatória, visando a inserção adequada daquela nova atividade, sem prejuízos às obrigações familiares ou maritais. O exercício da mediunidade deve ser feito de tal forma que não venha a ser um elemento favorecedor à separação do casal ou trazer dissabores à convivência.

O psiquismo da pessoa que vive maritalmente contém, na

consciência, elementos que se prestam a determinadas projeções de que os desencarnados se utilizam para transmitir suas idéias, em formatos diferentes daqueles cujos médiuns são solteiros. Os solteiros, isto é, aqueles que não vivem maritalmente com alguém, (nem vivem relações não convencionais) não possuem em seu psiquismo os elementos (símbolos) semelhantes aos casados. Não vivem, os solteiros, situações típicas da vida marital, principalmente na esfera relacional, a qual impõe doações e renúncias em favor do outro. Mesmo que o solteiro more com alguém (mãe ou outro parente) a relação será diferente da marital. O produto da mediunidade intelectual, no que diz respeito aos símbolos que formatam o conteúdo das mensagens será, portanto, diferente para cada caso.

Em alguns casos, o exercício da mediunidade pública coloca o indivíduo em certo grau de projeção que pode levá-lo a deixar a vida marital e, às vezes, familiar, para se dedicar ao serviço com mais tempo e sem as obrigações materiais que tinha. Alguns seguem a vida sem uma vida marital, outros, buscam uma relação não convencional. Essa mudança nem sempre favorece o processo de individuação (crescimento e desenvolvimento da personalidade) do médium, muito embora, em certos casos, pode ser um ganho para a divulgação do Espiritismo. Devem, os médiuns, nesse caso, avaliar se abdicam ou não de sua realização pessoal em favor do coletivo, ou buscam uma forma conciliatória de viver. A alternativa que direcione exclusivamente para uma das opções traz sempre algum prejuízo.

Alguns médiuns, quando casados, por conta de conflitos na esfera familiar, tendem a transferir suas soluções para o conteúdo das comunicações, dificultando assim a transparência nas mensagens de que são veículos.

Alguns candidatos ao exercício mediúnico, quando mais jovens, ficam indecisos entre uma relação amorosa e o exercício de sua mediunidade, às vezes, acreditando que uma coisa atrapalha a outra. Não se trata de uma escolha entre opostos, mas de

aprender a dedicar atenção a coisas distintas. O exercício da mediunidade não deve ser empecilho a uma vida amorosa saudável. Mesmo para aqueles que já reencarnam com a mediunidade ostensiva, não será prejuízo ter uma vida amorosa e familiar harmônica. Não é necessário abdicar de uma família para aqueles que querem tê-la. Não se deve colocar a mediunidade pública em oposição à constituição de uma família.

É preciso aprender a conciliar interesse público com interesse privado. Saber viver equilibradamente as duas dimensões da vida é uma demonstração de maturidade psicológica e evolução espiritual.

Os símbolos presentes na vida de uma pessoa solteira, isto é, que não conviva com um parceiro, diferem daqueles dos casados, por conta de se aproximarem mais do inconsciente. O psiquismo do solteiro tende a desenvolver símbolos relativos à autonomia na própria vida. A experiência de ser o único responsável pelas escolhas que faz na vida desenvolve neles um senso de independência, liberdade e a necessidade de serem muito mais atentos à sua rotina, já que não possuem a quem atribuir a culpa pelo que fazem ou deixam de fazer. Por conta de sua condição, aprendem a autogerir a própria vida, pois não contam no dia-a-dia com alguém com quem dividir responsabilidades. Criam disciplina própria, independente das cobranças externas, mas afinada com sua consciência de propósito de vida. Abrem espaços para cuidar das várias dimensões da própria vida com vista à individuação. Os desafios que vencem promovem a existência de símbolos no psiquismo que se prestam a outras qualidades de comunicações mediúnicas, tão válidas quanto as dos casados.

Mediunidade e homossexualidade

Homossexualidade é a designação que se dá àquelas pessoas que praticam sexo com gênero semelhante. Essa prática ocorre por uma série de motivos que variam de pessoa a pessoa que assim procede. Os motivos podem ter causas na indiferenciação psíquica sexual, no desequilíbrio do *chakra* genésico, na imitação comportamental, na curiosidade sexual, na preferência inata ou outros de natureza não definida. Não há uma causa precisa, nem decorre, como muitos pensam, do espírito ter tido a encarnação anterior num corpo do sexo oposto. Outros, absurdamente, pensam que se trata de expiação.

A homossexualidade não é doença, tampouco significa, *a priori*, a existência de um conflito psíquico. Quando ela se apresenta como um conflito deve a pessoa buscar ajuda profissional para compreender-se e resolver seu problema.

A necessidade de entender-se como homem ou como mulher impõe às pessoas que se coloquem como homossexuais, quando não se enquadram, pela preferência sexual que adotam, como típicos de seu gênero. Com isso, perdem a oportunidade de entender que sua natureza sexual não precisa dos estereótipos convencionais. Cada ser humano tem seu sexo psíquico (definição sexual) específico. Não precisa se enquadrar neste ou na-

quele tipo, nem num terceiro ou quarto. Definir-se como homem ou como mulher é uma necessidade psíquica para a maioria das pessoas, por necessidade cultural (meio social), importante para que o Espírito aprenda a educar sua energia sexual.

O espírito, psiquicamente falando, não é homem, mulher ou homossexual. Embora tenha as polaridades psíquicas (masculina e feminina), pode expressar-se dentro do espectro entre uma e outra. Isso significa dizer que a expressão do espírito, encarnado ou desencarnado, pode se situar dentro da faixa que vai do masculino ao feminino. O ser humano não é homem nem mulher. Ele se apresenta com uma das denominações por conta da correlação que naturalmente faz entre a predominância de seu psiquismo e sua anatomia genital.

Ser homossexual não quer dizer, em se tratando do homem, ter uma *´alma feminina´*, isto é, ser sensível emocionalmente, pois esta característica pode estar presente em pessoas sensíveis, de ambos os sexos, independentemente de suas práticas sexuais. Geralmente, para não assinalar a preferência sexual diferenciada de alguém que é homossexual, especificamente do sexo masculino, afirma-se que a pessoa tem a *´alma feminina´*. É importante que aprendamos a respeitar a preferência sexual das pessoas e que enxerguemos sua individualidade independente da opção que faça, qualquer que seja. Da mesma forma, ser homossexual, em se tratando da mulher, não quer dizer ser máscula ou rude, pois tais condições podem estar presentes em qualquer pessoa.

A mediunidade não provoca a homossexualidade nem esta contribui para sua existência. Mesmo que se observe a presença de homossexuais vinculados à prática da mediunidade formal (no Espiritismo, na Umbanda, no Candomblé e demais seitas ou religiões mediúnicas), isso não é suficiente para se estabelecer qualquer relação de causalidade. A mediunidade está presente nos heterossexuais e nos homossexuais, isto é, em todos os seres humanos, independentemente de sua opção sexual. O uso da ener-

gia psíquica no campo sexual não está associado ao desenvolvimento da mediunidade, tampouco acelera ou retarda sua expressão.

A homossexualidade que se observa em certos médiuns ostensivos, quando é vivida com culpa, interfere nas comunicações mediúnicas por conta da intensidade do *complexo* psíquico gerado. As comunicações intelectuais tendem a ter um formato salvacionista e consolatório muito mais intenso e pesado. Os médiuns ostensivos que são homossexuais e que carregam uma culpa muito grande, por conta de suas práticas sexuais, condenadas socialmente, sofrem pela própria discriminação que fazem consigo mesmos. Sua culpa interfere nos processos mediúnicos e no conteúdo das comunicações espirituais que porventura emitam.

A vivência da homossexualidade sem culpa requer a compreensão da própria personalidade, a fim de não fazê-la sucumbir às exigências coletivas, encarando o desafio de realizar seu sentido interno de viver. Para isso é preciso libertar-se dos preconceitos que impedem a felicidade no amor, isto é, amar outra pessoa como forma de alcançar o sentido supremo de viver, que é ser feliz sem infelicitar a outrem. A experiência de ser homossexual deve ser validada quando proporciona o crescimento da pessoa através do amor. Este sim, deve estar presente qualquer que seja a preferência sexual do indivíduo. Geralmente, quando lidamos com a homossexualidade, em nós ou em alguém, colocamos em nosso julgamento a pobreza moral ao emitir juízos de valor. O desequilíbrio porventura existente numa relação homossexual não está por conta da semelhança do gênero, mas no psiquismo dos indivíduos, que pode conter *complexos* desestruturantes. Nada há no Espiritismo que estimule a prática homossexual, tampouco que a reprima, pois se trata apenas de uma expressão do Espírito em busca de si mesmo. Já vivemos a experiência homossexual em algum período de nossa evolução, por conta da indiferenciação sexual característica dos primórdios da humanidade.

A transferência que normalmente os médiuns fazem para

com os espíritos que se comunicam através deles, considerando-os gurus e salvadores, quando não os consideram santos, impede que eles próprios percebam sua verdadeira natureza. Tal mecanismo projetivo pode confundir a própria sexualidade do médium, que se esquece de conservar sua identidade sexual, já que a maioria dos espíritos desencarnados evita falar com naturalidade sobre sexo.

Sexo e mediunidade são temas distintos. O desejo sexual mobiliza a energia psíquica e a mediunidade é um sistema de comunicação espiritual pela via do inconsciente.

Mediunidade e conhecimento intelectual

O conhecimento intelectual, à exceção daquele que se tem sobre a mediunidade, não interfere em seu desenvolvimento. Ele é importante em função do produto que sai através do médium. Quanto mais culto o médium, melhor instrumento se torna dos espíritos que por ele se comunicam. O conhecimento intelectual que se tem não interfere na existência da mediunidade enquanto faculdade humana. Ser culto ou ser analfabeto não aumenta as capacidades mediúnicas da pessoa. O exercício da mediunidade aliado ao conhecimento certamente trará uma faculdade mais madura e mais ostensiva.

Quando me refiro ao conhecimento intelectual não é só o que diz respeito a temas espíritas, mas de cultura em geral. Quando a pessoa se limita apenas àqueles temas, normalmente se petrifica num saber, não o contextualizando. O Espiritismo, como qualquer saber, deve ser comparado e criticado de forma a acompanhar o desenvolvimento intelectual do ser humano. Para que isso ocorra é preciso estudar e ler sobre tudo. O conhecimento intelectual não deve se limitar ao nível de informação de quem apenas lê jornais ou assiste televisão, mas buscar aprofundar-se nos temas que discute, inclusive, quando possível, indo a suas fontes primeiras e mais atuais.

Pensar que o intelecto ampliado atrapalha o desenvolvimento e exercício da mediunidade reflete exatamente o estágio embrionário de seu desenvolvimento. É um preconceito, pois, quanto maiores os conhecimentos na consciência, maiores serão as possibilidades de representações nas comunicações mediúnicas.

Apoiar-se na ignorância para valorizar a produção intelectual de uma comunicação mediúnica é como querer justificar o efeito pela falta. A boa produção intelectual numa mensagem deve ser comparada ao que de melhor existe sobre seu conteúdo.

Uma boa leitura, inclusive sobre temas correlatos com a mediunidade, favorece seu desenvolvimento, bem como o contato com a literatura específica sobre fenômenos mediúnicos.

O trabalho mediúnico não deve afastar o médium de seu crescimento intelectual. Ele não deve esquecer de continuar seus estudos acadêmicos, não colocando a falta de tempo como desculpa. O praticante do Espiritismo não deve se alienar do mundo, pois é nele que o conhecimento espírita deve ser vivenciado. A pessoa que se dedica à mediunidade numa instituição espírita, ou mesmo privadamente, deve ir à busca de sua formação intelectual, inclusive, quando possível, freqüentando uma faculdade e alcançando os maiores degraus universitários se assim o desejar.

O exercício da mediunidade não pactua com a desculpa da falta de tempo ou de recursos para freqüentar uma escola ou universidade. Quanto mais culto e sábio o médium, melhor será sua produção mediúnica. Sem desprezar aqueles que não alcançam um curso superior universitário, ou mesmo que não conseguem, por motivos diversos, freqüentar uma escola, dignifica a mediunidade pública quando a pessoa que a exerce possui os mais altos conhecimentos que a vida material oferece. Ao dizer isso, não quero que o leitor pense que relaciono a mediunidade com o título universitário, mas apenas que essa conquista é uma demonstração de que o médium não é um desconhecedor da ciência do mundo material. Embora haja exemplos de pessoas in-

cultas e excelentes médiuns, inclusive com produção mediúnica de alto valor intelectual, isso não deve ser modelo para a vida pessoal de ninguém.

Mediunidade nos animais

As percepções aparentemente extra-sensoriais verificáveis em certos animais não se tratam de mediunidade ou de seus rudimentos. São capacidades relativas aos órgãos dos sentidos físicos que lhes permitem sentir e perceber além do humano, porém sem que essa qualidade deva ser considerada mediunidade. Esta é exclusiva do humano por conceito e por uma questão de aquisição evolutiva.

No animal não há mediunidade, mas uma super-excitação da senso-percepção por conta de órgãos mais sensíveis que no humano. Não podem servir de intermediários dos espíritos desencarnados. Quando ocorre a algum deles ´perceber´ presenças espirituais e se alterar por isso, deve-se à absorção de fluidos materializados emitidos pelas entidades. A sensibilidade que promove certas manifestações em alguns animais como se tratasse de uma percepção mediúnica, a exemplo do ´incômodo´ de alguma ´presença´ espiritual, não se caracteriza como mediunidade, mas como uma captação de emissões fluídicas [materiais] de espíritos, as quais os órgãos sensoriais humanos não alcançam.

Não haveria objetivo para a mediunidade nos animais. De nada lhes serviria, pois a comunicação mediúnica visa o aprimoramento psicológico e a maturidade espiritual do indivíduo. No animal, o princípio espiritual está em vias de individualização, por-

tanto seu psiquismo ainda é mais coletivo do que individual. Não há maturação psicológica para uma comunicação no nível espiritual.

O princípio espiritual que se encontra na condição animal não possui, na sua *psiquê,* um *ego* suficientemente formado. Sua consciência é muito limitada e predomina o inconsciente coletivo. Nos animais de convivência doméstica, que trocam afetividade e estabelecem uma comunicação com o humano, se inicia a formação de estruturas psíquicas que darão origem a uma futura consciência com um *ego* mais coeso, que o capacitará a futuras encarnações na condição de sub-humanos.

Por mais que acreditemos que os animais possuem algum tipo de mediunidade, é preciso entender que eles não têm organismo perispiritual nem físico capazes de estabelecer uma comunicação no nível espiritual. Em seus perispíritos não existem estruturas energéticas que permitam a comunicação mediúnica.

Nos animais não existem elementos na consciência capazes de servir como símbolos para as expressões de conteúdo intelectual dos espíritos desencarnados.

Mediunidade, mediunismo, magia e bruxaria

O uso da mediunidade pelo ser humano é muito antigo, sendo seu registro constante nas mais diversas religiões e culturas. A prática mediúnica sempre esteve relacionada com algo extra ou supra-humano, conferindo a seus praticantes certos temor e poder. Sua ligação com a morte e os mistérios é inerente ao seu conceito de servir de elo entre espíritos de diferentes freqüências espirituais.

O contato com o espiritual é antiqüíssimo no ser humano, sendo difícil se precisar quando e como começou, mas certamente não o foi da forma nem com os mesmos objetivos com que o fazemos hoje. Mesmo assim, ainda há, por ignorância, quem o faça de forma primitiva e sem avaliar adequadamente as conseqüências. Há pessoas não maduras que se ligam ao espiritual como se o fizessem a um mundo mágico e disponível para lhes atender em todas as suas necessidades e possuidor de um poder absoluto. Outros o fazem considerando que se comunicam com divindades cujo poder excede a qualquer humano, dando-lhes atributos que variam do animal ao divino.

É preciso considerar, além das influências espirituais pertinentes a cada forma de contato, o grau de estruturação do psiquismo do médium que assim procede. Nele há uma predis-

posição psicológica que favorece o contato com o espiritual. Sua consciência dessa flexibilidade maior é fundamental para seu equilíbrio psíquico e para uma melhor relação com seu inconsciente.

Uma pessoa que está sempre recorrendo ao espiritual mediúnico para solução de seus conflitos predispõe sua *psiquê* à interpretação dos eventos externos a si como oriundos de um mundo mágico e sobrenatural que decide unilateralmente como os fatos ocorrem. Nessas pessoas a *psiquê* inconsciente tende a predominar sobre a consciência, contribuindo para um maior distanciamento da realidade e desconhecimento de si mesmo.

Há problemas psíquicos que se estruturam a partir de influências espirituais que são mobilizadas por terceiros, mas que se instalam por conta de processos inconscientes, do próprio médium, construídos em vidas passadas. Os chamados feitiços podem atingir as pessoas para as quais forem feitos, exclusivamente se nelas existirem *carmas negativos* relativos à intenção de quem os colocou. Não é preciso temer os feitiços ou qualquer ação espiritual desse nível contra si mesmo, pois tudo que nos ocorre tem objetivos superiores e educativos. A manipulação do espiritual mediúnico visando atingir outrem sempre foi utilizada pelo ser humano em face de sua ignorância. O Espiritismo vem exatamente mostrar o alcance disso e as conseqüências dessa prática primitiva e inadequada do ponto de vista da evolução espiritual.

O mediunismo é a prática da mediunidade sem qualquer ética e junto a espíritos que nem sempre a possuem. Mesmo que haja uma relação do médium com algum tipo de seita ou iniciação religiosa, o mediunismo se permite o exercício indiscriminado da faculdade, sem que haja preocupação moral ou disciplina.

As pessoas que recorrem a certos médiuns para realizarem ´trabalhos mediúnicos´ visando benefícios materiais, em geral, ligam-se aos espíritos que os executam, estabelecendo uma relação indesejável. Muitas vezes essas pessoas se tornam alvo de obsessões por parte desses mesmos espíritos aos quais recorreram.

Médiuns explícitos (espíritas, umbandistas, carismáticos e de outras denominações religiosas) devem ser analisados de maneira psicologicamente diversa das demais pessoas em face de possuírem uma *psiquê* estruturada com uma maior abertura ao inconsciente. Nelas o inconsciente está mais acessível ao *ego,* à semelhança do que ocorre nas psicoses. Os conteúdos inconscientes dos médiuns explícitos estão mais próximos da consciência, por conta da maior flexibilidade que têm em acessá-los.

Mediunidade e fluidoterapia

De há muito tempo o ser humano utiliza as mãos para passar algum tipo de energia ao outro. Seja com contato direto ou não, as mãos foram e são instrumentos importantes para a cura de muitos males. Elas funcionam como extensão da *psiquê* no que diz respeito a serem veículo de transmissão de algo que nela se encontra. Assim os magnetizadores, antes do Espiritismo, agiam considerando que se poderia influenciar, com as mãos, objetos ou mesmo pessoas. O uso do passe no Espiritismo é uma espécie de continuação do trabalho dos magnetizadores antigos.

O uso do passe tem sido cada vez mais intenso na vida do ser humano. A ele recorre-se com a finalidade de se obter o alívio e a cura de diversos males que afligem o ser humano. Sua eficácia, mesmo sem o devido controle científico, vem sendo observada por aqueles que o praticam como também pelos que se submetem a sua ação.

Muitas são as formas de se dar passes. Os gestos que se fazem com as mãos são maneiras de se focar a emissão de fluidos. Muito embora se possa adotar uma maneira típica de aplicar passes, não há um padrão técnico oficial que deva ser seguido. Mais relevante do que os gestos são: a qualidade do fluido que se emite, a intenção de fazê-lo, o merecimento de quem recebe e a elevação do(s) espírito(s) desencarnado(s) envolvido(s) no processo.

O passe transmite uma combinação de energias originárias do perispírito do encarnado, na sua camada mais superficial, a qual se conecta ao corpo físico, com energias de espíritos desencarnados, ou oriundas de outras fontes da natureza.

A forma de aplicá-lo não é tão importante quanto o desejo de mobilizar energias em favor de alguém. É esse desejo, associado à bondade do doador que movimentam as energias naturais do meio espiritual, na direção do receptor. A qualidade da emissão, sua intensidade, a pré-disposição do receptor, a complexidade de seu problema, a evolução dos espíritos que participam do ato e o merecimento deles, são determinantes para a eficácia da transmissão de energias fluídicas.

Fundamental é que a ação nasça da amorosidade de quem doa, pois, junto ao merecimento do receptor, ela atrai os Bons Espíritos. Aquela amorosidade qualifica o fluido que sai do médium como capaz de atingir efetivamente o coração de quem o recebe, beneficiando a ambos pela gratificação gerada neste contato.

A ação do passe, por conta da sutilidade das energias envolvidas, poderá se dar à distância, quando o emissor concentra sua intenção na imagem da pessoa a quem deseja beneficiar. Quanto mais afinidade e ligação existir entre ambas, mais eficiente é a transmissão.

A mente de quem dá o passe se configura como um inconsciente que se abre para conexões com espíritos que nela encontram emoções amorosas, oriundas de experiências positivas do passado.

Há pessoas que aprendem a dar passes e o fazem durante um bom período de suas vidas e não se apercebem ou não têm consciência de que suas energias fluídicas estão carregadas pelas emoções que jazem em seu inconsciente, alterando a qualidade do que emitem. Seria de bom alvitre que o candidato ao trabalho de doação através de passes num Centro, se conscientizasse da necessidade de integrar a idéia de que é um doador de sutis energias carregadas de amorosidade e de capacidade curativa.

As impregnações constantes no corpo físico do doador interferem na qualidade do fluido doado, porém não tanto quanto as emoções conscientes e inconscientes que lhe constituem a personalidade.

Doar fluidos através do passe, seja dado com as mãos ou não, é atividade psíquica que mobiliza o consciente e o inconsciente daquele que o pratica. Não é um ato mecânico ou que não tenha conseqüências psíquicas aos envolvidos na atividade.

Uso da mediunidade nas diversas situações da Vida

No trabalho

Use sua mediunidade para sintonizar com as forças superiores da vida a fim de que Espíritos operosos possam lhe inspirar e a criatividade faça parte de suas atividades. Considere que você não está sozinho no exercício de suas atividades profissionais, pois os espíritos costumam acompanhar a sociedade dos encarnados da qual fizeram e, indiretamente, fazem parte. Mesmo à distância eles transmitem suas idéias para que elas possam contribuir com nosso progresso e para o desenvolvimento da sociedade. A mediunidade é uma faculdade natural e deve ser utilizada para o equilíbrio psíquico do ser humano. Ela é um instrumento como outro qualquer e seu uso deve ser responsável. O não uso atrasa a evolução do ser humano, pois desequilibra sua estrutura psíquica e prejudica suas percepções a respeito da vida espiritual em sua volta.

Evite as manifestações ostensivas de desencarnados que estejam em seu campo mediúnico em locais de trabalho, pois isso pode provocar constrangimentos desnecessários e preconceitos típicos de quem não entende as questões que dizem respeito ao espiritual. Tais manifestações não só são inadequadas ao local

como podem concorrer para demissões pertinentes. O local de trabalho é ambiente sagrado no qual se ganha o pão e se consolidam os valores do espírito. Não deve prestar-se ao socorro a desencarnados ou a manifestações da mediunidade ostensiva. A mediunidade ali exercida é aquela que atinge as vias da intuição segura e da criatividade operosa.

Aquele que se encontrar em condições de atender alguém que lhe pede ajuda espiritual emergencial no ambiente de trabalho, deve fazê-lo em horários adequados e em ambiente privado, evitando que isso venha a se tornar rotina.

No lar

O lar é o ambiente onde mais se encontram espíritos desencarnados vinculados à matéria. Volta e meia eles retornam ao ambiente onde se encontram seus afetos e desafetos. Ali se envolvem com a vida de um e de outro buscando seus interesses e atendendo a outros que lhes são solicitados. Impossível separar encarnados e desencarnados.

Através da mediunidade sadia pode-se e deve-se buscar, por conta da inspiração, o contato amistoso com aqueles espíritos que conosco convivem na intimidade do lar. As manifestações espontâneas (pela vidência, psicofonia, psicografia, etc.) são bem vindas. O exercício da mediunidade no lar, no intuito de educar ou chamar a atenção dos encarnados, merece reflexão por parte de quem o permite. A responsabilidade pela condução do lar e as soluções dos conflitos que ali surgem pertencem àqueles que receberam a tarefa de assumi-los. Nada deve substituir o diálogo franco e direto com aqueles que fazem parte do convívio diário. Os espíritos não devem ser tomados à conta de substitutos das obrigações dos responsáveis pela educação no lar. No lar, não são os espíritos, por melhores e mais elevados que sejam, que devem decidir a pertinência ou o momento de se comunicarem mediunicamente, mas o responsável pelo lar, pois sempre deve caber a ele o domínio do que ali ocorre.

A eventualidade de uma comunicação mediúnica no lar deve ser sempre tomada à conta de excepcionalidade, pois o lar não deve se transformar num Centro Espírita no qual se abre a participação pública. Os espíritos podem ser convidados a dar orientações no lar, mas sempre como colaboradores.

Nas grandes decisões da vida

Nos momentos decisivos da vida costumamos, por impulso, atender aos instintos, os quais muitas vezes nos levam a atitudes das quais nos arrependemos adiante. Tais atitudes, tomadas ao calor das emoções, podem nos trazer atrasos evolutivos e distanciamento dos objetivos da nossa reencarnação. É no momento de grandes decisões que temos que fazer escolhas significativas que nortearão o futuro. A mediunidade será fundamental nesses momentos a fim de facilitar a intuição e a conexão com as forças superiores da vida. A oração emocionalmente sentida, aliada à mediunidade madura nos auxiliarão na tomada de decisões em benefício de um futuro sem *carmas* negativos. Fundamental não se deixar levar pelo impulso emotivo, associado à raiva, nas decisões, pois, nesses momentos, por conta da faculdade mediúnica, a *psiquê* se torna mais sensível às influências espirituais negativas. É importante que essa sensibilidade seja promovida por um estado emocional de harmonia, o que atrairá as boas influências espirituais.

Nas férias

Durante o período no qual se esteja de férias, com a família ou só, deve-se evitar o exercício da mediunidade (institucional, caritativa, etc), a fim de se poder doar à família ou ao lazer o tempo necessário ao refazimento das próprias energias. A *psiquê* humana necessita desse tempo e espaço também para conexões que evoquem situações de contentamento e prazer. Tais situa-

ções se encontram arquivadas no inconsciente e ocorreram na infância, em outros períodos de lazer, bem como em vidas passadas.

A vida não é só feita de sofrimento, lamentações, dor, estudo e compromissos profissionais. A Terra não é uma colônia de férias, mas também não é uma prisão. É um espaço no qual se vive um estágio de boas experiências para o espírito, revestidas de conhecimentos e emoções.

Alguns espíritos acompanham seus amigos e parentes quando estes se encontram em férias, não só para lhes desfrutar os momentos de alegria e satisfação, como também com o intuito de protegê-los para que efetivamente se distraiam.

Perante os incrédulos

Diante de pessoas que não acreditam ou não compreendem a realidade espiritual é conveniente não colocar a própria mediunidade como instrumento de persuasão. O desejo de fazê-lo poderá interferir na produção do autêntico fenômeno, dando lugar às interferências das predisposições inconscientes. Tais predisposições favorecem o animismo, o qual acabará por provocar efeito contrário ao que se pretende.

Acreditando ou não, o incrédulo possui a mediunidade e isso, com o tempo e boas leituras, o fará entrar em contato com o espiritual, malgrado sua vontade. Caso queira ajudá-lo, chame sua atenção para o que se processa com ele nos domínios de sua mente, no que diz respeito à intuição. Nem sempre o uso da lógica ou a apresentação de exemplos com terceiros são suficientes. Utilize esses argumentos quando houver interesse do indivíduo em conhecer efetivamente sobre mediunidade.

A *psiquê* de quem se coloca na posição contumaz de incredulidade bloqueia-se para a flexibilidade de compreender a própria vida e para o aprimoramento espiritual. O desenvolvimento da mediunidade então sofre idêntico bloqueio.

Quando a incredulidade bater em sua consciência, evocando respectivas experiências do passado que lhe afastaram do contato salutar com o espiritual, lembre-se de sua íntima ligação com Deus, pois isso lhe levará ao encontro com o *Self*. Somos espíritos imortais e esse fato não se assenta sobre a crença do ser humano, mas sim sobre as leis da Natureza.

Novas perspectivas

A mediunidade é uma faculdade cujo aparecimento no perispírito denuncia o estágio de evolução do ser humano. Tem finalidades importantes para o desenvolvimento da personalidade, proporcionando novas possibilidades de percepção das leis da natureza, bem como uma melhor integração dos conteúdos e experiências adquiridas durante a evolução.

Vivemos ainda tateando suas imensas possibilidades de aplicação, pois, só à medida que evoluímos do ponto de vista ético, melhor utilizando a mediunidade, ampliamos sua utilidade. O processo de autotransformação do ser humano o levará a utilização cotidiana da mediunidade promovendo sua manifestação de forma a se transformar numa função específica do corpo físico com um órgão perfeitamente delimitado.

O ser humano do futuro, tendo integrado a mediunidade de forma natural e equilibrada, comunicar-se-á com os espíritos da mesma forma que o fazemos com alguém diante de nós, sem a menor dificuldade. O chamado ser humano *psi* não será uma antena paranormal, mas um ser integrado ao universo material e espiritual à sua volta e com ele se comunicando intensamente.

É essa relação natural e espontânea com a mediunidade que favorecerá o desenvolvimento gradativo do ser humano, permitindo-lhe com esse paradigma, um salto de qualidade na evolução. Tal mudança, de forma gradual e constante, será favorecida

com o auxílio de espíritos mais adiantados, os quais poderão se manifestar de uma maneira mais explícita e sem as interferências típicas.

O desenvolvimento do ser humano, por conta dessa relação com a mediunidade, se fará em todas as dimensões da vida. Desde suas opções de lazer até as mais complexas ocupações em que se envolve. Não haverá limites ao aprendizado do espírito por conta do desenvolvimento gradual e constante da faculdade mediúnica.

A mediunidade chegará na educação, isto é, na escola, gradativamente e à proporção que for tratada como uma faculdade inerente ao humano, instrumento de sua adaptação ao mundo e importante para sua transcendência.